

UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM INOVAÇÃO NA COMUNICAÇÃO DE  
INTERESSE PÚBLICO

JUAREZ ALEXANDRE DA SILVA

**COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL, MEMÓRIA E IDENTIDADE:**  
A GESTÃO DA PRESENÇA CULTURAL DE SÍRIOS REFUGIADOS NO ABC  
PAULISTA

SÃO CAETANO DO SUL

2019

JUAREZ ALEXANDRE DA SILVA

**COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL, MEMÓRIA E IDENTIDADE:  
A GESTÃO DA PRESENÇA CULTURAL DE SÍRIOS REFUGIADOS NO ABC  
PAULISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Inovação na gestão e produção da Comunicação de Interesse Público.

Linha de pesquisa: Gestão da Comunicação de Interesse Público.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscila Ferreira Perazzo

Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karla Y. Covarrubias Cuéllar

SÃO CAETANO DO SUL

2019

### **Ficha Catalográfica**

Da Silva, Juarez Alexandre

Comunicação Intercultural, Memória e Identidade: A gestão da presença cultural de sírios refugiados no ABC Paulista / Juarez Alexandre da Silva. -- São Caetano do Sul: USCS-Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2019. p. 132

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscila Ferreira Perazzo. Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karla Y. Covarrubias Cuéllar.

Dissertação (mestrado) - USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.

1. Comunicação Intercultural 2. Memória. 3. Narrativas Oraís de História de Vida. 4. Sírios. 5. ABC I. Perazzo, Priscila Ferreira. II. Karla Y. Covarrubias Cuéllar III. Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. IV. Título.

**REITOR DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL**

Prof. Dr. Marcos Sidnei Bassi

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Carmo Romeiro

Gestor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Prof. Dr. João Batista Cardoso

Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscila Ferreira Perazzo (USCS) [Orientadora]

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karla Y. Covarrubias Cuéllar (UdeC/USCS) [Coorientadora]

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Maria Cogo (ESPM)

Prof. Dr. Silvio Augusto Minciotti (USCS)

## **Agradecimentos**

A minha mãe, Paulete Tânia da Silva, pelo investimento contínuo em minha formação educacional e acadêmica, por ser, desde que me conheço por gente, meu maior exemplo pessoal e profissional e, claro, por ser, desde o dia em que nasci, além de minha mãe, minha melhor e mais querida amiga. Nos tempos em que vivemos, agradeço-a por ter construído à minha volta desde pequenino um muro de superproteção, no qual os blocos são livros, no intuito de me incentivar a me tornar alguém munido intelectualmente.

Ao meu noivo, Victor Hugo da Silva Rosa, por ter sido alicerce e pilar durante toda essa minha jornada. Seu apoio foi, nos momentos mais difíceis nesses dois anos, o que me fez reconsiderar desistir daquilo que eu tanto queria e seguir adiante.

A minha orientadora, Priscila Ferreira Perazzo, por me motivar a mergulhar a fundo no universo acadêmico-científico, por ter compartilhado, generosamente, comigo seus conhecimentos e experiências de suas próprias histórias de vida, fossem elas pessoais ou profissionais. Por ter abraçado e acreditado nesse estudo desde o início, por sua paciência e, sobretudo, pela constante fé em minha capacidade enquanto pesquisador, a você, meu "*muito obrigado!*".

A mi coorientadora, Karla Y. Covarrubias Cuéllar, agradezco su apoyo por haberme guiado en una parte de esa jornada académica. Todos sus conocimientos son admirables y, su postura como profesional, envidiable. Registro aquí también la sensación de acogimiento que tuve desde el momento en que la conocí. Mucho más allá de un alumno, conquistó en mí un amigo, por eso espero estar en su equipaje de buenos recuerdos de su estancia aquí en Brasil.

Aos colaboradores envolvidos nessa pesquisa: os sírios Mohamad Massod, Wissam Hazeemeh e Mohamad Alsaheb do Centro da Língua Árabe de São Paulo, minha gratidão. As amigas Thais Garcia da Costa, Muna Jarouche e da instituição *Compassiva*, em especial, à Fernanda e Patrícia Bernardes, que me colocaram em contato com alguns dos colaboradores.

Aos proprietários e funcionários do restaurante Cantinho da Síria em São Caetano do Sul, Elaine Vidal de Rossi, os entrevistados Badri Lutfi, Olga Lutfi e Moisés Bittar, por terem me recebido de portas e braços abertos e, sobretudo, pratos cheios desde minha primeira visita ao restaurante e por terem, sobre todas essas coisas, convidado-me a conhecer mais sobre suas vidas e a cultura síria.

Aos docentes do PPGCOM da universidade pelos ensinamentos dentro e fora das salas de aula, em especial aos professores Alan Angelucci, Rebeca Guedes, Arquimedes Personi, Regina Rossetti e João Batista Freitas Cardoso por suas contribuições para desenvolvimento desse estudo.

Aos professores membros da banca, Sílvio Minciotti, docente da casa, e convidada da ESPM, professora Denise Maria Cogo, pelos apontamentos certos visando enriquecimento desse trabalho desde a banca de qualificação.

Aos colegas discentes do programa, Paula Belini Pitondo, Thiago Pássaro e Regiane Bianchini pelo companheirismo e seus claros interesses em minha pesquisa, explicitados ao perguntarem sempre “*e os sírios?*”, dispostos a ouvirem sempre respostas extensas, ora desabafos, e também pelos momentos em sala de aula, fossem de estudo ou descontração.

Por fim, à Universidade Municipal de São Caetano do Sul por permitir desenvolvimento, conclusão, apresentação e publicação dessa pesquisa que, para mim, além de realização enquanto pesquisador, foi essencial para meu amadurecimento como ser humano.

*“Toda dor pode ser suportada se sobre ela  
puder ser contada uma história”.*

Hannah Arendt

## **Resumo**

O tema dessa pesquisa é a comunicação intercultural de sírios refugiados nas cidades do ABC Paulista, Santo André e em São Caetano do Sul. Perguntou-se: como os sírios constroem suas identidades na situação de refugiados, imigrantes e estrangeiros no ABC Paulista, por meio de suas narrativas de histórias de vida, de modo a possibilitar a gestão da comunicação intercultural como mediadora dessas ações? E, ao contarem suas histórias de vida, a partir da evocação de suas lembranças, estão a narrar suas culturas: como se veem no mundo, como pensam, agem e sentem. Desse modo, o objetivo principal da pesquisa é compreender a construção das identidades de refugiados, imigrantes e estrangeiros sírios no ABC Paulista, por meio de suas narrativas de histórias de vida, de modo a possibilitar a gestão da comunicação intercultural. Dos específicos, registrou-se as narrativas orais de histórias de vida de três sírios refugiados no ABC Paulista. Identificou-se os elementos culturais e de identidade, a fim de descrever a construção da identidade desses sujeitos. Por fim, propôs-se a gestão da comunicação intercultural como interesse público entre sírios e o ABC Paulista pelo Programa InterculturUSCS. Essa pesquisa posiciona-se no campo Estudos Culturais, articulando Memória e Cultura, e conjuga métodos e procedimentos da pesquisa etnográfica e de História Oral. Em perspectiva etnográfica, práticas de participação junto realizaram-se por cerca de cinco meses. Diários de pesquisa foram utilizados para registro das dinâmicas de vida, impressões e sensações do pesquisador, bem como das conversas realizadas durante a vivência. Desse convívio, foram selecionados três sírios moradores residentes no ABC Paulista, com os quais se realizaram entrevistas em profundidade, utilizando-se o método as Narrativas Oraís de História de Vida, apoiando-se em pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa para as análises dos dados coletados. Por fim, notou-se uma comunidade nos moldes de Bauman: pequena, de membros reconhecíveis, prezando pela segurança, de essências identitárias que existem e resistem em uma nova configuração social e, sobretudo, que comunicam e mantêm sua cultura irrevogável a partir memória.

Palavras-chave: Comunicação Intercultural; Memória; Identidade; Narrativas Oraís de História de Vida; Refugiados Sírios; ABC Paulista; Interesse Público

## **Abstract**

The theme of this research is intercultural communication thought through and for Syrian refugees in the cities of ABC Paulista, specifically in Santo André and São Caetano do Sul. Its researching problem: how do Syrians process their identities in the situation of refugees, immigrants and foreigners in ABC Paulista, through their Narratives of Life Stories, so as to enable the management of intercultural communication as a mediator of these actions? As they tell their life stories while evocating their memories, they are narrating their cultures: how they see themselves in the world, how they think, act and feel. The main objective of this research is to understand the assembling process as of the identity of refugees, immigrants and foreigners of Syrians living in ABC Paulista, through their narratives of life stories, in order to enable the management of intercultural communication. The specifics, oral narratives of life stories of three Syrians refugees in the ABC Paulista were registered, in which it was possible to identify cultural and identity elements in order to follow to describe the assembling process described previously. Finally, the management of this case of intercultural communication as a matter of public interest between Syrians and ABC Paulista was suggested through the InterculturUSCS Program. This research is in the field of Cultural Studies, articulating Social Memory and Culture, and combines methods and procedures of ethnographic research and Oral History. From an ethnographic perspective, practices with Syrian individuals took place for about five months. Research journals were used to report the life dynamics, impressions and sensations of the researcher, as well as to note conversations had during the experience. Three Syrians residing in ABC Paulista were chosen, with whom interviews in depth were conducted, using the Oral Narratives of Life Stories method, basing them on Discourse Analysis of the French tradition for the analysis of the data collected. Finally, a community in the shapes of Bauman is noticed: small, with recognizable members, longing for safety, of identity essences that exist and resist in a new social configuration and, above all, that communicate and maintain its irrevocable culture alive with memory.

**Keywords:** Intercultural Communication; Memory; Identity; Oral Narratives of Life Stories; Syrian Refugees; ABC Paulista; Public Interest

## **LISTA DE SIGLAS**

ABC	Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LAR	Levando Ajuda ao Refugiado
MJ	Ministério da Justiça
ONU	Organização das Nações Unidas
USCS	Universidade Municipal de São Caetano do Sul
WAMY	World Assembly of Muslim Youth

## **LISTA DE QUADROS E TABELAS**

Quadro 1 Comparações entre os entendimentos da mono, multi e interculturalidade.....	116
Quadro 2 Plano de ação e apresentação de conceito.....	117

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
O Interesse Público e o problema da realidade.....	15
Os motivos para o deslocamento de sírios pelo mundo.....	19
Problematização.....	19
Pergunta-problema.....	29
Objetivos.....	30
Justificativa da Pesquisa.....	31
Delimitação do Tema.....	34
<b>OS CAMINHOS DA PESQUISA: CAMPO TEÓRICO E SUAS METODOLOGIAS</b> .....	35
Identidade, Memória e Cultura.....	36
Comunicação Intercultural.....	40
Etnografia: observação, participação e relatos.....	43
Narrativas Oraís de Histórias de Vida: Três Relatos.....	46
Colaboradores e Entrevistados.....	53
<b>DIÁRIOS DE CAMPO DA INSERÇÃO ETNOGRÁFICA</b> .....	60
O pesquisador participante.....	60
<b>TRÊS NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA</b> .....	68
Badri Lutfi.....	68
Moussa (Moisés) Bittar.....	74
Olga Lutfi.....	77
<b>NÓS E OS OUTROS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE</b> .....	81

Sírios e brasileiros.....	81
A política e a guerra na Síria.....	93
Das lembranças do passado na Síria.....	97
A culinária, um gosto especial.....	102
Língua, comunicação e interculturalidade.....	104
Das projeções para o futuro.....	109
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA .....</b>	<b>112</b>
<b>PROPOSTA DE APLICAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>122</b>
<b>FONTES ORAIS .....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>128</b>

## INTRODUÇÃO

### **O Interesse Público e o problema da realidade**

Esse texto da dissertação tem, sem dúvidas, seu caráter acadêmico-científico. Segue as regras e normas da escritura na Academia. No entanto, ao ter desenvolvido uma pesquisa em que as histórias de vida, as práticas pessoais e os relatos de memória ganharam proeminência, as vozes dos sujeitos da ação - em histórias contadas em primeira pessoa - também ressoaram por esses caminhos.

Dessa forma que inicio esse texto assumindo, mesmo que a contragosto de determinadas práticas acadêmicas e da área da Comunicação, o texto em primeira pessoa. Meu campo teórico-metodológico me estimula a trazer as vozes dos sujeitos entrevistados e com quem convivi.

Minha pesquisa-participante produziu dados em que meus próprios relatos se transformaram em fontes de análise. O texto dessa dissertação mescla, dessa forma, experiências dos sujeitos da pesquisa com o sujeito pesquisador. Nesse sentido, o primeiro produto que apresento é o próprio texto. Parti de histórias pessoais, de casos individuais que, pelo caminho, fizeram-me chegar àquilo que é de interesse público: uma comunicação intercultural de e com representantes da comunidade de sírios refugiados nas cidades do ABC Paulista. Que essa comunicação nos permita compreender como se dá a construção de identidades, como essas pessoas estão na cena social e como interligam diferentes mundos que trazem dentro de si. Para além do mais, como construir processos de comunicação a partir de perspectivas interculturais que permitam promover uma inserção social mais promissora para esses sujeitos, que atualmente são tantos, de tantas nacionalidades e por tantos lugares no mundo.

Conforme justifico, inicio meu texto com meu próprio relato sobre as origens desse estudo e como trilhei os caminhos para pensar e propor, tendo a Comunicação Intercultural como mediadora dessa ação, a gestão da presença cultural de sírios refugiados no ABC Paulista, a partir de suas experiências nas cidades de Santo André e São Caetano do Sul.

No ano de 2016, recebi oficialmente meu grau de bacharel em Relações Internacionais. Durante toda minha graduação, foi-me dito que minhas preocupações com os problemas da comunidade internacional eram muito mais de natureza sociocultural que propriamente de natureza política, econômica, diplomática ou jurídico-internacional. Assim, fui continuamente aconselhado a considerar outras áreas de atuação acadêmico-científicas após a graduação. Mesmo que eu ainda não percebesse, minhas preocupações estavam numa dimensão de Comunicação de Interesse Público. Por essa e outras razões, tomei a decisão de que faria uma pós-graduação em Comunicação, pois estava ciente de que em tal campo de estudo a liberdade intelectual para lidar com as questões de cultura já havia sido dada como consolidada há algum tempo.

Decidido a ingressar em uma jornada acadêmica de mestrado aos 22 anos, me dei conta de que as minhas pesquisas anteriores - diferenças culturais entre o povo catalão e o espanhol que inflamavam as questões separatistas da Catalunha; as desavenças culturais entre greco-cipriotas e turco-cipriotas na ilha de Chipre que agravavam a divisibilidade na ilha, a presença cultural da comunidade Armênia em São Paulo pós-fluxo migratório causado pelo Genocídio Armênio e, mesmo atualmente, a necessidade por trazer atenção à discussão sobre os refugiados pelo mundo - tinham como preocupações questões não tão relevantes para as Relações Internacionais, mas aderentes ao campo dos Estudos Culturais na Comunicação, sobretudo em uma perspectiva de Interesse Público.

Já como bacharel em Relações Internacionais, viajei para à capital da Bélgica, entre julho e agosto de 2016 para participar do congresso *European Development Days*, realizado pela União Europeia todos os anos. Durante esse período, também visitei à Alemanha, onde logo no desembarque, em Frankfurt, deparei-me com o atual cenário da presença de sírios refugiados no país. Mulheres muçulmanas pelas ruas da metrópole vestindo seus véus sugeridos por código religioso de modéstia, homens trabalhando em quitandas típicas de cidades alemãs como Mainz e alguns passeando por pontos turísticos pelos quais eu também passei em Braubach e a pequenina Sankt Goarshausen. Para minha surpresa, todos falavam alemão! Mesmo que pouco, mesmo que errado, falavam alemão e pareciam estar quase que inteiramente imersos nas comunidades alemãs que pude visitar. Os homens sírios já passavam quase que despercebidos entre os alemães,

enquanto as mulheres, ainda que suas vestimentas provocassem alguns olhares de estranhamento, claramente, atraíam-os por *neugier* (curiosidade em Alemão) mais que incômodo, segundo minha amiga alemã que me hospedou e me acompanhou durante toda a viagem.

O fato de que refugiados advindos de um cenário de conflito civil estavam, de certa forma, inseridos na e praticando a cultura alemã me chamou muito a atenção e despertou diversos questionamentos. A prática da língua é também uma forma de se expressar uma cultura, se pensada como dita por Stuart Hall (1997, p. 10), que a cultura nada mais é do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas. Entendi, então, que a língua não só os possibilitava interagir com os civis alemães, mas entendê-los a partir de seus universos culturais expressados por meio de sua língua. Tal fato presenciado por mim, causou-me curiosidade e fez com que eu passasse a refletir sobre a realidade que vivenciava, acompanhado de informações passadas a mim, por minha amiga, de que o governo alemão tinha o aprendizado da língua, bem como o ensino da cultura e legislação alemã, como condição para que aquelas pessoas refugiadas regularizassem suas situações no país e desfrutassem, por fim, dos mesmos direitos dos cidadãos alemães, e essa reflexão perdurou, posteriormente, ao meu regresso ao Brasil.

De volta, fiquei mais atento à situação dos refugiados no país cada vez mais latente, noticiada sempre na mídia brasileira e internacional. Meu olhar voltava-se especialmente para os sírios, considerando minha experiência prévia, e, com isso, dei-me conta de que vinha o tempo todo perguntando a mim mesmo: como seria se o governo brasileiro, ou mesmo o terceiro setor, com o apoio da iniciativa privada, como faz o governo alemão, extrapolasse suas políticas meramente assistencialistas e dessem, sobretudo, maior atenção a essas diferentes presenças culturais no país e, tendo referências desses universos culturais como base, criasse e fizesse uso de políticas públicas para a inserção de refugiados considerando suas realidades entre seus países de origem e, agora, no Brasil?

Sabe-se que a língua não só é fator de extrema importância para que alguns processos comunicacionais aconteçam, mas é necessária para que estes mesmos sejam

estabelecidos quando por via do diálogo e, ainda assim, isso não é garantia de um diálogo perfeito, entendendo que a comunicação intercultural apoia-se, sobretudo, segundo Maria Aparecida Ferrari (2015), na troca de informações, saberes que foram construídos a partir de códigos nem sempre conhecidos ou compartilhados entre as partes. A comunicação intercultural é, sendo assim, em seu âmago, interação, à medida que esses sistemas se vinculam via compartilhamento de conhecimentos e saberes que moldam as visões de mundo, as imagens de si próprio e dos outros com quem interage um indivíduo.

Partindo de tal pressuposto, de que é preciso falar para comunicar-se e interagir para fazer-se notado, o que ocorre, então, quando não se dispõe de uma determinada língua como ferramenta de comunicação verbal para que a comunicação intercultural aconteça? Se para Jean-Pierre Warnier (2000 *apud* FERRARI, 20, p. 48) a identidade é definida por um conjunto dos repertórios de ação, tendo a língua como elemento de cultura, que permitem a um indivíduo se dar conta de sua vinculação a uma certa comunidade e identificar-se, entender-se pertencente a ela, como se dá esse diálogo por meio da comunicação intercultural e, se ele acontece, quais são as características rebuscadas dos repertórios culturais desses sírios que distanciam e os aproximam da totalidade cultural de sua comunidade de refúgio? Essas foram perguntas que me fizeram perceber que os estudos em Comunicação, apoiando-me nos Estudos Culturais, poderiam me ajudar a encontrar respostas para tais dúvidas.

Com minha experiência, surgiram alguns questionamentos: afinal, quem são esses sujeitos que compõem essa comunidade de imigrantes sírios que adotaram o ABC Paulista como local de refúgio? Como se dá o processo de construção de suas identidades? Entendendo a língua como lócus de expressão identitária, então, qual a importância de sua língua, bem como a da nossa para eles como ferramentas de e para interação neste novo contexto? Como são pensados e manifestados diferentes valores em seus imaginários? Assim, surgiram os questionamentos que direcionaram o desenvolvimento dessa pesquisa científica e, busca-se ao longo dela, por fim, entender e gerir essa presença cultural, agora parte do ABC Paulista.

## Os motivos para o deslocamento de sírios pelo mundo

Com posição estratégica no Oriente Médio, a Síria, formalmente República Árabe Síria, enfrenta, desde meados do ano de 2011, uma guerra civil que, além de já ter causado milhares de mortes de civis, destruiu quase que por completa a infraestrutura do país e gerou, com isso, um fluxo de deslocamento de sírios para diferentes partes do mundo (DE ANDRADE, 2011, p. 129). Tratando-se antes de uma preocupação humanitária regional, considerando a região do Oriente Médio, o conflito se agravou com o passar dos anos e eclodiu, posteriormente, então, em âmbito global.

O atual conflito geopolítico no país árabe, contudo, remonta há 40 anos, quando aconteceu na década de 1970 a tomada da presidência síria por Hafez Al'Assad, pai do atual presidente do país, Bashar Al'Assad. A tomada do poder por Hafez permitiu que muitos alauítas, minoria étnica de crença pré-maometana no país, assumissem postos chave no governo e, com isso, desde então, as diferenças de credo e privilégios políticos se tornaram explícitas para a nação síria (SOARES, 2018, p. 1). Essa configuração política não se alterou, em 2000, com a morte de Hafez Al'Assad e substituição por seu filho Bashar na presidência do país (SOARES, 2018, p. 1).

Em Daara, uma pequena cidade ao sul da Síria, formou-se o cenário que daria início ao conflito que conhecemos hoje, em que manifestações, motivadas pelos ideais da Primavera Árabe<sup>1</sup>, foram truculentamente reprimidos pelo governo sírio (SOARES, 2018, p. 1). Tais manifestações se proliferaram e, eventualmente, atingiram os grandes centros urbanos do país, como as cidades de Damasco e Aleppo. Em março de 2011, jovens sírios foram presos e torturados após terem sido detidos acusados de picharem um muro com

---

<sup>1</sup> Segundo Tethered (2014), a Primavera Árabe foi um movimento reformista pró-democracia no Oriente Médio que resultou em uma reorganização das relações de forças na região, internas a cada país primeiramente e, posteriormente, regionais. Esse fenômeno da Primavera Árabe tomou conta do Oriente Médio e, em sua propagação, registraram-se manifestações que estenderam-se desde o Oriente Médio até estados nacionais do norte da África. Conhecido por ter tido as redes sociais como plataforma de divulgação desses protestos, o fenômeno da Primavera Árabe não foi somente um evento breve, mas um período de transformações históricas no âmbito da política internacional, considerando suas dimensões geopolíticas. Formada por manifestantes das mais diversas nacionalidades e classes sociais, significou para a comunidade internacional, sobretudo, o divisor de águas para a reconfiguração da situação geopolítica no Oriente Médio. Matéria publicada pelo jornal *Economist* em 2014. Disponível em: <<https://www.economist.com/briefing/2014/08/14/tethered-by-history>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

mensagens contra o governo. Esse episódio desencadeou uma série de protestos em todo país que foram acompanhados por uma repressão violenta por parte do Estado, como será narrado, inclusive, por sírios entrevistados. Por fim, a resposta também violenta daqueles que se manifestavam resultou na formação de diversos grupos. Segundo João Victor Scomparim Soares (2018, p. 1), “alguns eram seculares com ideais liberais e democráticos, outros com profundas raízes islâmicas conservadoras e extremistas, alguns com ideais etnocêntricos e separatistas”.

Mesmo após os protestos contra a continuação do exercício de seu governo, Bashar Al’Assad se recusou a renunciar, porém, fez concessões; encerrou o estado de emergência, que, então, durava 48 anos, aprovou uma nova constituição e realizou eleições multipartidárias. Ainda insatisfeita, a oposição síria continuou combatendo seu exercício e exigia em seus protestos a queda de Assad (SANTOS, 2014, p. 6).

Herança do domínio francês sobre o país, os conflitos étnicos e religiosos, usados para instigar a desunião árabe e instaurar conflitos segregatícios no país, eram tidos como tatame perfeito para uma disputa pelo poder (DE ANDRADE, 2011, p. 123-127).

Em breve resumo, percebe-se que a crise interna e o estado autoritário-repressivo do governo sírio interferem de diferentes formas para o cenário da guerra no país. Seja por meio de noticiários ou diante da visível presença cultural de sírios refugiados em vários países, a guerra civil tomou proporções que tornam difíceis as intervenções por parte da comunidade internacional na Síria, principalmente se levada em consideração a soberania do país. Porém, a violação aos direitos humanos do povo sírio, inserido neste cenário de guerra, resultou em um problema que afetou não só a Síria ou a região do Oriente Médio, mas que afeta ainda hoje o mundo todo: um significativo fluxo migratório de sírios para diferentes partes do mundo (BRAGA, 2011, p. 08). E, dessa maneira, chega-se então ao grupo de imigrantes refugiados no Brasil escolhido para esse estudo.

O número de civis sírios em busca de refúgio vem aumentando cada dia mais. Em 2016, o número de refugiados sírios pelo mundo chegou a 5,5 milhões, sobrecarregando países receptores da região como Turquia (2,9 milhões) e Líbano (1 milhão), levando o ACNUR, órgão da ONU para refugiados, a liderar uma resposta humanitária nesses países e em campanha para que outros países pelo mundo se abrissem e oferecessem-se

como refúgios a grande demanda de refugiados, entre eles, sírios, em ato de cooperação internacional<sup>2</sup>. Ainda assim, a realidade é que, mesmo que timidamente, receosos de sofrerem represália por parte dos outros Estados nacionais, inúmeros países contrários ao acolhimento dessas pessoas em trânsito e assertivos ao negá-las refúgio têm fechado suas fronteiras e enrijecido suas leis imigratórias para evitar a entrada desses civis que, alegado por autoridades representativas de cada país contrário, poderia vir a resultar em inúmeros problemas socioeconômicos e desavenças culturais internos devido aos antecedentes culturais de cada um desses grupos quando colocados em evidência e questão nos países onde se refugiariam e se instalariam (LUQUINI, 2017, p. 131).

No Brasil, existe, nos dias atuais, significativa presença de diferentes grupos étnico-culturais de civis refugiados. Segundo dados divulgados pelo Ministério da Justiça, em 2017, o grupo com maior número de solicitações de refúgio é o venezuelano. Vale ressaltar, contudo, que a solicitação de refúgio não necessariamente resulta no aceite para o mesmo, o que faz com que os venezuelanos sejam maior grupo solicitante, mas não o maior grupo de refugiados instalados no Brasil<sup>3</sup>. Do todo analisado, sírios ainda são o maior grupo de refugiados no Brasil atualmente. Com 2.771 sírios, em sua grande maioria alocados no sudeste brasileiro, no estado e região metropolitana de São Paulo, mais especificamente, a presença cultural desse grupo torna-se cada vez mais evidente para civis brasileiros e comunidades culturais que já compõem a região historicamente e, como sendo um tema complexo, exige cautelosa reflexão. É incorreto afirmar que se trata de um tema que se limita aos dias presentes, pois se analisado em fragmentos de tempo, espaço geográfico ou de nacionalidade dos diferentes grupos, será fácil notar que a origem dos deslocamentos dessas pessoas, enquanto fenômeno social, pode ser resultado

---

<sup>2</sup> Relatório da ACNUR publicado pelo Ministério da Justiça sobre os dados de refúgio no Brasil referentes ao ano de 2016. Disponível em: <[https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros\\_1104.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf)>. Acesso em: 7 mar. 2017.

<sup>3</sup> Relatório publicado pelo Ministério da Justiça. Refúgio em números de 2017. Disponível em: <[http://www.justica.gov.br/news/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017\\_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf/view](http://www.justica.gov.br/news/brasil-tem-aumento-de-12-no-numero-de-refugiados-em-2016/20062017_refugio-em-numeros-2010-2016.pdf/view)>. Acesso em: 7 dez. 2018.

de inúmeros e distintos eventos que vão desde desastres naturais a conflitos internos em seus países de origem, como no caso sírio<sup>4</sup>.

A escolha do Brasil como país para refúgio para os sírios se dá pelas raízes familiares, visto que a estimativa mostra um número de 3 milhões de brasileiros com descendência síria, principalmente devido a um fluxo migratório que ocorreu no início do século passado (LOUREIRO, 2014 apud LACERDA et al, 2015, p. 112).

### **Problematização**

Sobre os conceitos de refúgio e refugiado, a discussão passa a ganhar espaço a partir da Declaração de Cartagena, em 1984, visto como divisor de águas na discussão sobre a proteção dos refugiados no universo conceitual dos direitos humanos. Estabeleceu-se, então, uma relação de trindade entre o Direito Internacional, os Direitos Humanos e o Direitos dos Refugiados (MOREIRA, 2005, p. 64).

Para se configurar os casos de asilo é necessário haver perseguição – política ou não – atual e efetiva. Nos casos de refúgio basta existir o temor de perseguição, desastre natural ou risco à vida. Ainda diferente, o asilo pode ser solicitado enquanto a pessoa está em seu país de origem, no caso de refúgio, o perseguido deve estar já fora de seu território nacional original (DA SILVA, 2012, p. 17). Baseando-se na definição de refúgio apresentada, refugiado é aquele que receia ser perseguido em virtude de sua etnia, nacionalidade, prática religiosa, ideologia política ou filiação a certo grupo social e que, por estes motivos, busca refúgio fora de seu país de origem.

Com base nesse conceito de refugiado, bem como uma das motivações pela qual sírios escolhem o Brasil como país para se refugiarem e recomeçarem suas vidas, uma questão de natureza identitária deve ser trazida ao centro a fim de pensar sobre como essas pessoas sírias constroem suas próprias identidades, num contexto cultural diverso,

---

<sup>4</sup> Idem.

na expressão de diferentes línguas, articulando a lembrança da vida antes do refúgio e as novas experiências nas cidades do ABC.

Em suas reflexões sobre identidade, Stuart Hall (1993, p. 45) aponta que “a identidade é sempre vista da perspectiva do outro”. Tal afirmação direciona seu leitor ao entendimento de que as identidades só podem ser vislumbradas no que têm a dizer sobre si e sobre o outro, portanto, na relação estabelecida por meio da comunicação, da interação com o outro. Entende-se, então, a urgente necessidade de repensar como se constroem essas identidades sírias para além do termo objeto-legal de refugiado, permitindo-se assim compreender os sujeitos e suas subjetividades, suas articulações para estabelecerem uma comunicação de caráter intercultural e, desse modo, possibilitar a própria comunicação de interesse público no que se refere às demandas desse grupo social e suas inserções na sociedade de convívio.

Ao pensar no conceito de refúgio, para além de sua objetividade, é possível entendê-lo também como um instituto imaginário de proteção, enquanto o objetivo-legal é tido por um espaço físico, ainda que indefinido, consolidado a partir de compromissos firmados pela comunidade internacional em sua constituição cooperativa para salvaguardar o estrangeiro independentemente do território nacional no qual ele se encontra (DA SILVA, 2012, p. 17). Pode-se dizer que refúgio é, sobretudo, o ato de busca por segurança, independentemente de como ela é firmada.

Bauman (2003) reflete que, em suma, o que os indivíduos provavelmente veem na comunidade, é uma garantia de segurança e proteção, qualidades que caracterizam o refúgio e descritas pelo sociólogo como as que mais fazem falta aos indivíduos que, inevitavelmente, não podem viver isolados. Neste caso, estão inclusos alguns dos entrevistados que participaram dessa pesquisa enquanto sírios que imigram para o Brasil em busca de refúgio, mas que, por terem condições socioeconômicas melhores que outros conterrâneos, conseguem fazê-lo sem ter de solicitar refúgio, não se definindo por categorização jurídica como refugiados.

A inserção e a participação desses indivíduos sírios na esfera pública das cidades do ABC Paulista, a partir do reconhecimento de sua presença cultural, são, por fim, um problema a ser estudado no campo da Comunicação de Interesse Público, pois a situação

nas quais essas pessoas estavam em seus países de origem e o que as traz até a comunidade onde se instalam impactam em suas identidades legais, enquanto civis de uma determinada nação, mas também culturais e, por vezes, provoca receio por parte da comunidade que os acolhe devido a desinformação sobre as questões culturais do novo grupo.

O desejo pela inserção por parte desses indivíduos sírios é tão cotidiano quanto para aqueles da comunidade que os acolhe. A inserção, então, se praticada tendo a comunicação intercultural como plataforma de interação e diálogo, não só pode mitigar os conflitos culturais entre ambos os lados, mas apresentar a possibilidade de criação de uma nova vida social aos indivíduos refugiados, ampliando as possibilidades do estabelecimento de relações efetivas entre refugiados e população local que compõem as comunidades das quais eles passam fazer parte, possibilitando, por fim, uma configuração social menos conflituosa, na qual nenhuma das partes é ignorada, silenciada, e uma convivência cidadã, agora coparticipantes da mesma esfera pública (ARENDR, 2007, p. 44-45).

Tendo sido o grupo étnico-cultural que motivou o desenvolvimento dessa pesquisa, como apresentado na origem desse estudo, e sendo, segundo dados de 2017, os mais recentes da ACNUR<sup>5</sup>, os sírios o maior grupo de refugiados no Brasil e parte de um fenômeno amplo sobre os fluxos migratórios, foram eles selecionados para, enquanto colaboradores e narradores, fazerem parte desse trabalho, considerando-se, sobretudo, a importância para o ABC Paulista, local que se encontram atualmente reconstruindo suas vidas, seus modos de ser e estar no mundo. Com vivências de guerra que provocaram o deslocamento desses sírios, muitos preocupam-se, de início, com a instalação de suas famílias em comunidades seguras, nas quais percebam que suas vidas não se encontram mais sob ameaça.

O termo comunidade pode ser utilizado para descrever vários grupos em diferentes estados e de variáveis formações. Mesmo considerando amplo leque de aplicações, a definição do termo tem passado, sobretudo, pelo espectro da subjetividade.

---

<sup>5</sup> Idem.

Em Relações Internacionais, por exemplo, pensa-se no termo *comunidade* enfocando, sobretudo, as questões de territorialidade. Para estudos socioantropológicos, entretanto, pode-se associar esse conceito ao perpassar do viver comum, ou seja, ao sentimento de pertencimento; o sentimento coletivo “de nós”, citado por Bauman (2003). Esse sentimento propicia o estabelecimento de interconexões de comunicação, desde o mais primitivo momento histórico até a vida contemporânea:

Ela [a comunidade] sugere uma coisa boa: o que quer que ‘comunidade’ signifique, é bom ‘ter uma comunidade’, ‘estar numa comunidade’. Se alguém se afasta do caminho certo, frequentemente explicamos sua conduta reprovável dizendo que ‘anda em má companhia’. Se alguém se sente miserável, sofre muito e se vê persistentemente privado de uma vida digna, logo acusamos a sociedade - o modo como está organizada e como funciona. As companhias ou a sociedade podem ser más, mas não a comunidade. Comunidade, sentimos, é sempre uma coisa boa. (BAUMAN, 2003, p.07)

As identificações, que fazem com que indivíduos semelhantes formem uma comunidade no modelo de Bauman (2003), diferenciando-se dos “outros”, são o que Miguel Rodrigo Alsina (2012) descreve como sendo frutos da socialização e da interação social, o que novamente nos traz a linha de discussão pela qual considera-se identidade sendo construída pela comparação e diferenciação (ALSINA, 2012, p. 55).

Ao pensar a comunicação intercultural como proposta por esse estudo, contudo, é necessário ultrapassar o entendimento de que ela se dá somente a partir da comparação entre culturas, do tornar explícitas semelhanças e diferenças (FERRARI, 2015, p. 4).

É importante identificar de que forma a comunicação intercultural é gerenciada; se, primeiro, se espera que um dos interlocutores se adapte ao contexto cultural do outro, ou se se procura conseguir uma comunicação consensual que satisfaça as partes em interação. A segunda visão resulta ser mais eficaz, pois promove modelos de gestão da comunicação de mão dupla, visando estabelecer formas de diálogo que facilitem a compreensão mútua, estimulem relações de confiança e contribuam para as trocas em diferentes dimensões, como a cultural, a política, a social e a comercial. (FERRARI, 2015, p. 4).

Entende-se que migrar para um país ocidental, de língua latina e culturalmente cristão-católico, implica na dificuldade de inserção espontânea de sírios nesse país de refúgio, resultando na formação de micro-comunidades próprias, relação quase que

inexistente com a sociedade da qual esse grupo passa a fazer parte e, também verdadeiro, o inverso, o incômodo e, por vezes, até o desconhecimento das presenças culturais desses sírios refugiados por parte da comunidade que os acolhe, resultando em um problema de linguagem entre ambos quando postos em contato.

As diferenças culturais, contudo, não podem e não devem ser razão de atávicas fobias ou distanciamentos, mas de curiosidade, interações e integrações, compreendendo que existe a possibilidade de um diálogo e o intercâmbio entre as comunidades. Em outras palavras, o reconhecimento da variedade cultural é o começo, e não o fim da questão; não passa de um ponto de partida de um longo e talvez tortuoso processo político, mas no limite benéfico (...) A segurança é uma condição necessária do diálogo entre culturas. Sem ela, há pouca chance de que as comunidades venham a abrir-se umas às outras e a manter uma conversa que venha a enriquecê-las e a estimular a humanidade de sua união. (BAUMAN, 2003, p. 122)

A categoria de refugiado carrega em si as noções de transitoriedade, provisoriedade e temporalidade (LUQUINI, 2017, p. 131). Os sujeitos sírios se situam, então, entre seu país de origem e o país de refúgio. Ao transitar entre os dois universos culturais, ocupam posição marginalizada, tanto em termos identitários, culturais e sociais, assentada na falta de pertencimento pleno enquanto membros da comunidade receptora e nos vínculos intrínsecos com suas comunidades de origem; quanto em termos jurídicos, ao deixar de exercitar, ao menos em caráter temporário, o *status* de cidadão no país de origem e portar o *status* de refugiado no país receptor (MOREIRA, 2014, p. 87).

Refletindo sobre o trânsito identitário sofrido por refugiados ao deslocarem-se de seus terrenos culturais e como esse pode confundir suas noções e ações nas práticas da interculturalidade, pode-se voltar à ideia da construção de identidade de Bauman (2005), na qual trata-se a formação da identidade como a classificação e a reclassificação dos grupos em categorias socialmente construídas a partir de determinados elementos culturais, tomados como referência por um determinado grupo em relação a outro(s) grupo(s). Não haveria sentido para os grupos se identificarem a partir de certos elementos culturais próprios e diferenciados se não houvesse um conjunto de outros os contrapondo, ou seja: identificar-se como grupo, comunidade, é diferenciar-se em relação a outros grupos.

Estar total ou parcialmente "deslocado" e toda parte, não estar totalmente em lugar algum (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa "se sobressaíam" e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vez perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras (BAUMAN, 2003, p. 19).

Discutir tais questões é “permitir-se calçar os sapatos de sírios” nessa nova configuração social, completamente diferente da qual estavam inseridos e acostumados, e compreender suas presenças culturais por meio da interação, do diálogo como processo comunicacional apoiado na interculturalidade. Buscar compreender as questões de identidade, as raízes e a formação dessa comunidade cultural nas cidades do ABC Paulista pode, de certa forma, contribuir para investigações mais profundas que, posteriormente, resultariam em possíveis soluções para tais desencontros culturais.

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e de responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos. (BAUMAN, 2003, p. 134)

Para melhor compreender a presença cultural síria no ABC Paulista, bem como delinear os movimentos feitos pelos próprios diante de um novo cenário social, é importante dar importância às suas narrativas, ou seja, trazer ao centro o sujeito para que fale por si e sobre si, sobre sua realidade, assim como sobre sua percepção do outro.

Por exemplo, chamou-se aqui, com base na literatura, tais estrangeiros de refugiados. Mas até mesmo essa nomenclatura pode ser percebida, entendida ou sentida por essas pessoas de formas distintas. Essas questões dizem respeito à construção que o próprio sujeito faz de sua história e de sua identidade, como entende Maurice Halbwachs, por exemplo (2006, p. 30). Nesse sentido, a articulação com a memória na vida social torna-se fundamental, por trazer para essa investigação um campo teórico-metodológico que nos auxilia a compreender as narrativas de construção de identidades desses sujeitos

sírios e, para tal, as discussões de alguns estudiosos do tema, como Maurice Halbwachs, citado anteriormente, Michael Pollak e Beatriz Sarlo se fazem fundamentais.

Se as narrativas de construção da identidade dos sujeitos sírios no ABC Paulista podem ser constituídas a partir de suas lembranças, de suas memórias, tanto enquanto indivíduos como quanto grupo, então é necessário refletir sobre os diferentes pontos de referência que estruturam a memória, trazidos à discussão por Halbwachs (2006).

A memória é social e coletiva. E a memória social deve ser vivida. Assim, há que se atentar para as especificidades das “histórias de vida”, pois, ao rememorar a sua trajetória de forma mais completa possível, o sujeito se esforça na construção de sua própria identidade, num resultado de apropriação simbólica do real, contando suas experiências, emitindo opiniões (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Por ser toda lembrança uma reconstrução do passado no presente, e de outras reconstruções feitas em diferentes épocas, a memória individual não está inteiramente isolada; da mesma maneira que a recusa de lembrar também está estruturada em diferentes pontos de referência que constroem o agente. Lembrar é uma forma de se posicionar socialmente, o que também diz muito em relação ao esquecer. Esses esquecimentos são explorados por Michael Pollak (1989) em seus estudos sobre os sobreviventes dos campos de concentração nazistas. A conceituação de Pollak pode ser produtiva para se refletir sobre as relações entre a experiência em espaços pensados como temporários e aqueles impedidos socialmente de interagir e, conseqüentemente, de fazerem parte da totalidade de uma esfera pública.

Uma das questões ressaltadas pelo autor quanto aos sobreviventes dos terrores e genocídios provocados pelo regime nazista é a de que o silêncio sobre o passado está ligado à necessidade dos sobreviventes de encontrar um modo de viver e conviver (*modus vivendi*) junto à sociedade que os deportou. O caso dos indivíduos sírios refugiados no ABC Paulista, portanto, é ainda diferente do pesquisado por Pollak (1989) se pensarmos na comunidade de refúgio não como um retorno à sociedade que os expulsou. Mas, na realidade, o que se configura é uma adaptação a uma nova sociedade que nada tem a ver com os conflitos vivenciados na Síria. Nesse caso, quando se conversa com sírios sobre questões que envolvem o processo de deslocamento, as

experiências traumáticas no país de origem, ou outros assuntos dessa natureza, percebe-se haver um silenciamento na conversa, como será relatado e analisado no decorrer desse texto. Seriam o silêncio e o esquecimento formas de resistência para enfrentar a nova experiência no local de refúgio? Dessa maneira, questiona-se sobre os motivos dessas atitudes e supõe-se que o silêncio sobre tais questões pode significar uma forma de encontrar um *modus vivendi*, ou seja, uma forma de deixar a posição de vítima e retomar o controle do curso de sua vida, como um timoneiro. O silêncio seria, então, não apenas uma forma de esquecer, mas uma forma de resistência contra a própria impotência dos indivíduos frente ao vivido. Mas, como o sujeito sírio no ABC Paulista constrói sua própria identidade de refugiado, imigrante ou estrangeiro, diante da experiência do deslocamento, do silêncio e da resistência? Como a narrativa de identidade e memória pode contribuir para a gestão da presença cultural síria em suas comunidades de refúgio na região do ABC?

O silêncio está assim contido na própria construção da identidade narrativa desse sujeito. Como aponta Pollak (1989, p. 11), “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”; o que retoma a proposição de dar importância ao relato do indivíduo como sendo um esforço para ele próprio de dar sentido ao vivido individual, bem como coletivamente, configurando plataforma para a exploração desse estudo.

### **Pergunta-problema**

Tendo em vista o contexto problematizado, toma-se como pergunta-problema principal dessa pesquisa: **Como imigrantes constroem suas identidades por meio de suas narrativas de histórias de vida quando estão em situações de deslocamento e refúgio de modo a possibilitar a gestão da comunicação intercultural como mediadora dessas ações?**

## Objetivos

Ao contarem suas histórias de vida, a partir da evocação de suas lembranças, estão a narrar suas culturas e como se veem no mundo, como se percebem como sujeitos dessa história, como pensam, agem e sentem.

Seguindo tais reflexões, o objetivo principal dessa pesquisa é:

- Compreender a construção das identidades de refugiados, imigrantes e estrangeiros sírios nas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul a partir dos relatos de histórias de vida dessas pessoas de modo a possibilitar a gestão da comunicação intercultural nessas cidades.

A fim de alcançar esse objetivo, esse estudo conta com os seguintes objetivos específicos:

- Identificar elementos culturais e identidade nas narrativas orais de história de vida de refugiados sírios na região.
- Descrever a construção da identidade dos refugiados sírios do ABC Paulista a partir de suas próprias narrativas de histórias de vida.
- Possibilitar a gestão da comunicação intercultural como interesse público entre refugiados sírios e o ABC Paulista.

Sendo assim, poder-se-á concluir que, a partir da inclusão dos discursos orais desses indivíduos sírios, trazendo-os ao centro da história, permitindo-os contar suas próprias lembranças, será possível compreender suas diferentes visões de mundo, bem como suas experiências individuais, suas heranças culturais, seus choques diante do novo, seus diferentes hábitos e práticas sociais. E também, como reapropriam seus modos de vida, de mundo e de linguagem enquanto imigrantes sírios nesse novo contexto social, assim como coletivamente, enquanto grupo étnico-cultural e, por meio das relações que mantêm uns com os outros e com aqueles que já compunham a comunidade da qual passam a fazer parte.

A comunicação da cultura pela memória permite compreender o universo cultural no qual esses refugiados estão inseridos entre seu país de origem e no qual encontraram refúgio. Entender como ocorre a comunicação dessa cultura, de modo a sugerir, ao fim desse trabalho, uma proposta de gestão dessa presença cultural, visando a interação para inserção dessas pessoas em suas comunidades no ABC Paulista, é a meta que se mira.

### **Justificativa da Pesquisa**

Pensando na questão desses indivíduos sírios refugiados no ABC Paulista enquanto questão de interesse público e cidadania, pode-se dizer que o exercício dessa cidadania consiste na possibilidade da sociedade em sua totalidade em se mobilizar e demonstrar no espaço público seus descontentamentos, assim como para fazer suas reivindicações. Em outras palavras, a cidadania só existe plenamente pela participação política dos cidadãos na formação da vontade para a tomada de decisões do Estado, inclusive para controlar e impor limites ao seu poder (AREDNT, 1989, p. 334).

As lutas pelo reconhecimento visam, sobretudo, reivindicar que esses sírios sejam devidamente reconhecidos como sujeitos de direitos nos países de trânsito e acolhimento (GODOY, 2016, p. 75-76). Essas lutas, muitas vezes, colocam em discussão abordagens meramente economicistas, que, com frequência, categorizam os recém-chegados como mão de obra desqualificada, secundária, opiniões quase sempre associadas às visões assistencialistas que neutralizam a subjetividade dos refugiados e os enfoques etnocêntricos, que desconsideram ou menosprezam as presenças culturais desses indivíduos, unitária e comunitariamente e, por isso, é necessário discutir tal questão para desmistificar tais fobias que se criam a partir de narrativas objetivas.

Ao pensarmos no processo do reconhecimento, deve-se lembrar que há normas que governam o processo de reconhecibilidade. A interação com o outro implica na compreensão de que o outro não só é aquele que me constitui, mas também quem me desampara e me despossui. Desposseção, pois existe algo integralmente meu que está em outro sob o qual não tenho controle e nem garantia de cooperação (GODOY, 2016, p. 76).

Lutando contra o silenciamento em uma nova comunidade, evidenciando como a maioria dos deslocados almeja e procura fazer presença regular e legal no país de chegada, visando efetiva inserção e participação cidadã, o papel da comunicação de interesse público, nesse caso, é o de aproximar essas pessoas pelo reconhecimento, a opinião pública dessas presenças culturais e identitárias e a sociedade do conhecimento dos fatos da diversidade para que se configure, então, uma plataforma de interação para diálogo democrático dos grupos em questão (ALSINA, 2008, p. 142).

Trazer visibilidade para essas práticas culturais sírias no ABC Paulista, delineando e analisando suas identidades subjetivas, pode servir de conteúdo para a criação de uma plataforma de comunicação intercultural entre ambas as partes. Isso significaria impulsionar a elaboração de políticas públicas de inclusão que considerem as subjetividades em jogo, insira-os ao cotidiano social da esfera pública da comunidade onde encontraram refúgio, neste caso, as cidades do ABC Paulista e, por fim, ceder a essas pessoas ferramentas de construção para suas novas vidas e inserção social, sem que precisem violentar suas histórias, seus sentidos e seus sentimentos advindos de suas identidades.

A partir da consideração e compreensão das diferentes formas de expressão da identidade desses imigrantes sírios, por meio de seus discursos, pode-se entender a comunicação como sendo percebida, sobretudo, como ambiente de reconhecimento sociocultural, da formação e da expressão dos mais diversos imaginários culturais (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 63).

Nesse sentido, essa pesquisa traz ao centro um problema de comunicação de interesse comum (público) do grupo étnico-cultural estudado. A inovação é pensada como ideia, prática e enfatizada no sujeito da ação, quem inova ao interagir, ao comunicar(-se) bem como lidar com as implicações socioculturais desse ato.

Os interesses comuns desses sujeitos sírios enquanto esfera pública configuram-se em interesse público. Arendt (2007) entende a esfera pública não como uma localização física especial, como um território de uma nação ou estado mas, sim, um espaço de aparência, de ação, onde o indivíduo atua em processos de comunicação com seus pares. A esfera pública é, sobretudo, espaço para deliberação conjunta; onde se deve dar uma

comunicação intersubjetiva plural, democrática e isonômica entre todos. A autora defende a comunhão dos interesses individuais, presentes no âmbito privado, pela política, extrapolando o espaço intergeracional.

A ideia de democracia em Arendt (2007) está, de certa forma, ligada a dois conceitos políticos essenciais para a democracia: a pluralidade e a liberdade. A pluralidade enquanto compreensão de que cada homem é um indivíduo único, e, portanto, deve ser respeitado em toda a sua constituição, sendo, politicamente, um dos integrantes da comunidade com igual direito de fala e deliberação em relação aos demais. A pluralidade, por outro lado, é tida como uma categoria no pensamento arendtiano, sendo um requisito essencial para uma vida pública bem ordenada.

Partindo do modelo de Arendt (2007), a esfera pública estará completamente obliterada se for constituída sob plataformas unilaterais e autoritárias ou mediante uso de mecanismos comunicacionais voltados à manipulação da opinião pública. Preza-se, sobretudo, pela liberdade que se volta à constituição democrática de uma esfera pública, como as liberdades de opinião, de crença, de reunião e igualdade de participação no processo deliberativo de formação da vontade pública. Dessa maneira, os sírios enquanto indivíduos são, tanto quanto aqueles que já compõem as comunidades das quais eles passam a fazer parte, sujeitos de direitos e devem fundamentalmente dispor de espaços para exercerem seus papéis, mesmo que em uma nova configuração social, sem os quais não será possível falar ou validar nossa coletividade democrática.

Há de se compreender, portanto, que a política, se pensada para o público, voltada para o cidadão, deve ser algo coletivo, não individual, mesmo que saibamos que na prática a esfera pública não trata da mesma forma e respeito todas as opiniões e não dá a elas a mesma consideração. Sendo assim, o reconhecimento da presença cultural desses imigrantes sírios como integrantes da esfera pública do ABC é, conclusivamente, indispensável.

## **Delimitação do Tema**

Esta pesquisa está focada, então, no estudo da presença cultural de sujeitos sírios refugiados pelo ABC Paulista, utilizando-se da Comunicação Intercultural como mediadora ao longo desse processo.

Pode-se dizer, de certa forma, que a delimitação deste estudo foi guiada pelos motivos apresentados na sua origem, bem como pelo próprio decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

A primeira parte dessa dissertação tratará sobre a identidade objetiva desses sujeitos sírios: seus nomes, idades, ofícios e, gradativamente, esses dados irão se costurar com partes de suas narrativas que, sob análise, entenderam-se como relatos típicos de construção de identidade. Individuais, inicialmente, à medida que o texto se desenrolar, a dimensão do coletivo também se mostrará presente, encorpando-se, considerando que os três sujeitos sírios entrevistados exibem graus de parentesco, fazendo com que todas as suas histórias se cruzem em diversos pontos.

Amparadas nos referenciais bibliográficos, as narrativas analisadas tecem um extenso relato no qual será possível identificar, de certa forma, quem as compõe, bem como quais são as características da comunidade cultural síria residente na região do ABC.

A segunda parte caminha sobre uma linha do tempo, trazendo as histórias de imigração, da decisão de deixar a Síria por conta da guerra que lá se passa, o trajeto percorrido até o Brasil, mais especificamente, a instalação no ABC Paulista, consideradas cruciais para o entender dos movimentos e mudanças que ocorrem entre o país de origem e no qual se encontra refúgio.

Para terceira e última parte, tratam-se os relatos de práticas na Síria e, agora, na região, a caracterização da vida no país de origem, na capital, Damasco, mais especificamente, no subúrbio de São Paulo, as relações de trabalho, a língua árabe como locus de identidade para os sujeitos sírios, a portuguesa como ferramenta para interação interpessoal e também profissional, que surge como protagonista, o elo fundamental entre as diferentes comunidades étnico-culturais que habitavam a Síria pós-conflito bem para

com as relações com as comunidades árabes que compõem a região da qual passar a fazer parte.

Delineia-se, por fim, a formação e as ações de uma comunidade que, ainda que distante de seu país de origem, transferiu de solo raízes culturais, agora plantadas e expressadas pela região do ABC.

Alguns episódios marcantes e até mesmo posicionamentos políticos aparecerão nas narrativas por também terem sido abordados nas entrevistas, como o entendimento do governo de Bashar Al'Assad, assim como o papel do mesmo no conflito.

Celebrações, comidas nelas servidas, estudos, amizades e até mesmo relacionamentos romântico-afetivos são assuntos comuns a estas pessoas. Possíveis retorno às terras, projeções do que poderia ter sido no passado, como sobre o que poderá vir a ser no futuro ganharam, também, espaço nesta pesquisa. Relatos que demonstram como as se dá a percepção de si e opacidade nas narrativas indicam quem são e de onde vêm.

Na decisão de quais palavras usar dos sujeitos sírios residem muito mais mensagens que optamos racionalmente dizer. Nesses contos, os indivíduos sírios usam de suas próprias capacidades de narrar para dizerem quem são – ainda que isso ocorra mais nas entrelinhas que abertamente.

## **OS CAMINHOS DA PESQUISA: CAMPO TEÓRICO E SUAS METODOLOGIAS**

Essa pesquisa se classifica como exploratório por ter como objetivo explorar o universo identitário e cultural de sujeitos sírios refugiados no ABC Paulista.

A fim de atender aos objetivos propostos, essa pesquisa exigiu técnicas que propiciaram o entendimento de expressões culturais e identitárias dos sírios e suas noções particulares do mundo em que vivem, das mudanças pelas quais passaram, dos processos de inserção à nova realidade social. Por fim, esses dados, coletados e analisados, propiciaram a formulação de um plano de gestão da presença cultural síria no ABC Paulista, tendo a interculturalidade como plataforma, visando, sobretudo, a interação, já que, segundo Cogo (2016):

É na dinâmica de relação com o outro, na sua condição de “diferente”, que se tecem as experiências de alteridade migratória. Estas são impactadas ao mesmo tempo em que impactam os discursos sobre os imigrantes e as políticas migratórias produzidos por diferentes instituições como as midiáticas, estatais, etc (COGO; SILVA, 2016, p. 6).

O referencial teórico para esta pesquisa constitui-se, inicialmente, por autores que apresentam a História Oral, bem como as Narrativas Oraís de Histórias de Vida, como metodologias para a realização desse estudo. Analisam as questões da memória, da identidade, da cultura, do interesse público, da cidadania e da inovação, para, por fim, discutir-se o papel da comunicação intercultural ao longo desse percurso e contribuir para a reflexão sobre a presença cultural dos sírios refugiados nas das cidades do ABC Paulista.

### **Identidade, Memória e Cultura**

Segundo Stuart Hall (1998), o campo da cultura, no qual transitam as identidades, é um campo de constante embate. O atrito por vezes causado pelas divergências entre essas identidades parte de diferentes culturas. A sensação de ameaça perante a

desinformação sobre o outro não só afeta a coexistência de indivíduos advindos de diferentes passados étnico-culturais, como dificulta a interação social entre eles. Se pensarmos no caso das presenças culturais sírias no ABC Paulista, podemos dizer que tais fatores podem dificultar também a inserção desses sujeitos à região.

Bauman (2005) entende a questão da identidade como intangível e ambivalente. Para ele, contudo, a identidade se faz necessária diante da sensação e do cenário de insegurança dentro de uma sociedade. No livro *Comunidade* (2003), o autor investiga a subjetividade da identidade, dando importância à comunidade de prática identitária, para que o indivíduo a entenda como seu abrigo e seu espaço de pertencimento. Esse sentimento que a ideia de comunidade promove pode explicar o movimento quase que involuntário de busca imediata por instalações de fácil assimilação por parte de imigrantes sírios recentes nas novas comunidades no Brasil. Entretanto, segundo o autor, ignorar este fenômeno é tão perigoso quanto sujeitar-se a ele, pois diante da criação e crescimento de uma comunidade de identidade e práticas culturais diferentes dentro de outra, com normas e moral vigentes não similares, cria-se no outro, inconscientemente, a sensação de ameaça a sua identidade e, conseqüentemente, a sua cultura.

Tornamo-nos conscientes de que o "pertencimento" e a "identidade" não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o "pertencimento" quanto para a "identidade" (BAUMAN, 2003, p. 17).

Joel Candau (2011), seguindo as mesmas trilhas, revisita ideias anteriormente expostas sobre a questão da identidade, mas atrelada à memória. Em uma de suas afirmações, o autor aponta a impossibilidade de se discutir identidade sem entrecruzá-la com a memória e, por isso, a evocação da memória por meio das narrativas orais dos sujeitos sírios será necessária para trazer à superfície relatos de práticas culturais e desenhar suas representações sobre si, sobre os outros e ainda do contexto sociocultural no qual estavam, bem como estão inseridos agora, ziguezagueando entre Síria e ABC Paulista.

Candau (2011) traz uma proposta para classificar as memórias individuais em três níveis: 1. A memória de baixo nível ou protomemória, que vem a ser aquela mais recente, próxima do que podemos chamar de hábito, quando recordamos acontecimentos diários; 2. A memória de alto nível ou memória de evocação, sendo a que incorpora crenças, sentimentos, emoções interligadas a experiências vividas no passado; e, por fim, 3. A metamemória que é, na verdade, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, ou algo como uma memória reivindicada, o que se entende, nesse estudo, por identidade.

Nesse sentido, registra-se aqui que os três níveis de memória apresentados por Candau (2011) estão presentes nesse estudo a partir dos relatos - considerando os registros da protomemória expostos pelos sujeitos entrevistados nos encontros realizados ao longo do desenvolvimento desse estudo, informalmente e em conversações meramente cotidianas e dos explicitados nas entrevistas, sendo a memória de evocação e metamemória, claras ao serem narradas incorporando elementos de crenças, sentimentos, emoções interligadas a experiências vividas no passado e, sobre esses elementos, a representação de cada um dos três indivíduos entrevistados.

Héni Bergson (1999), por sua vez, separa a memória em duas categorias: a memória de hábito e a memória pura. A memória de hábito equivale a memória de baixo nível ou protomemória, enquanto a memória pura é a memória que independe da consciência, estando ligada ao ato de recordar o passado, estando relacionada a segunda e terceira categorias do entendimento de memória de Joel Candau (2011). Nessa visão, Bergson (1999) disserta sobre o aspecto individual, mas a memória ainda pode ser entendida como fruto de construção social, coletiva.

Em *A Memória Coletiva*, Maurice Halbwachs (2006) aborda essa questão da memória enquanto construção social, fazendo com que seja apropriada também como fenômeno coletivo, que se apodera das estruturas imaginárias construídas em contexto social para o seu estabelecimento, além de se formar por meio de indivíduos que não necessariamente devem estar presentes materialmente para que a evocação ocorra plenamente.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos

envolvidos e objetos que somente nós vimos. [...] Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2006, p. 30)

Por assim dizer, pode-se considerar, na concepção de Halbwachs (2006), que as lembranças não se perdem no tempo e espaço e são evocadas regularmente por delas decorrer a construção da identidade dos sujeitos. Neste sentido, se aplicarmos tal reflexão a presença cultural de indivíduos sírios no ABC, pode-se dizer que, ao evocar suas memórias por meio das Narrativas Oraís de Histórias de Vida, suas identidades, tanto individuais como coletivas, virão à superfície e, no momento em que examinarem seus passados, perceberão em seu grupo semelhança em íntegro estado, fazendo-os tomar consciência da solidez de sua identidade através do tempo (HALBWACHS, 2006, p. 108).

É inegável, com essa reflexão, a relação entre identidade e cultura, sendo a identidade semente de uma cultura. Quando se menciona a identidade cultural, refere-se ao sentimento de pertencimento a uma cultura nacional ou de um grupo em específico, seja étnico, territorial, de gênero, etc. Em outras palavras, a cultura em que nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas, tornando-as intrínsecas partes de nós (HALL, 1999, p. 50).

Direcionando-se à reflexão do termo *cultura* nos estudos de Comunicação, Jesús Martín-Barbero (1997) discute não ser mais lógico compreender a comunicação como sendo unicamente um processo de transmissão de informação. O autor torna a fazer uso, então, do termo *mediação*, que comporta que entre o estímulo e a resposta, existe um universo de crenças, costumes e tudo aquilo que configura a cultura cotidiana (MARTÍN-BARBERO; BARCELLOS, 2000, p. 154). Por assim refletir, é necessário destacar que o conceito de cultura torna-se ainda mais flexível e mostra-se, sobretudo, cada vez mais multifacetado.

Para Stuart Hall (1998), os recursos da cultura são de extrema importância para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo que nos tornamos e isso exerce função sobre a formação de nossas identidades. Não tem a ver com discussões sobre quem somos ou como somos, mas sobre quem podemos nos tornar diante de um contexto

histórico e cenário social. Ainda para o sociólogo, o ato de discursar e fazer-se notado é de grande eficácia para a formação do eu, pois serve de material para a identificação e deve ser considerado, ainda que existam divergências sobre a formulação do eu-para-mim e do eu-para-o-outro no imaginário individual.

Pode-se considerar, a partir da reflexão sobre as ideias desses autores, que a identidade cultural é de extrema importância não só para a constituição do que seja o nacional de um determinado país, membro de uma determinada comunidade, mas também para o imigrante forçado a deixar o seu lugar de origem e buscar refúgio noutra, muitas vezes desconhecido, vindo a se tornar, posteriormente, parte dessa nova comunidade. Buscar decodificar seus repertórios culturais, remontando suas identidades por meio de suas narrativas orais e tendo a comunicação intercultural como mediadora desse processo é, em suma, compreender como esses deslocamentos e adscrições a novas comunidades culturais influenciam seus interesses enquanto esfera pública.

Unir ambas as partes em prol de seus interesses individuais e comuns pela interação gerida pela comunicação intercultural, é dirigir-se da coexistência para a convivência, do conhecimento para o reconhecimento, da diferença para a diversidade e, por fim, da tolerância rumo ao respeito (ALSINA, 2012, p. 142).

### **Comunicação Intercultural**

Não há mais como negar ou mesmo ignorar a realidade irreversivelmente multicultural de nosso mundo globalizado. As incertezas, sobretudo, persistem quanto ao significado desse fato, e, assim dizendo, faz-se necessário, no processo da comunicação, levar em consideração outros fatores como, por exemplo, as barreiras linguísticas, o universo cultural e o contexto das partes envolvidas no processo (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 57-58).

A comunicação é um processo fundamental para que exista e aconteça essa interação. Devemos, contudo, considerar a existência desses ruídos, ou, neste caso, barreiras que impedem o fluxo de comunicação e afetam tanto a transmissão quanto a recepção. (MARCHIORI *apud* PIEROBON, 2006, p. 49).

Entre terminologias derivadas do multiculturalismo está o interculturalismo. Para Alsina (2012), ambos se diferem a medida que no multiculturalismo as diferentes culturas e identidades culturais coexistem, enquanto no interculturalismo, elas convivem.

Para Nobleza Asunción-Lande (1993), comunicação intercultural, nesse mesmo espectro de entendimento, é um processo de interação simbólica entre indivíduos e grupos que possuem diferenças culturais acentuadas em suas percepções de tal forma que essas variações afetam significativamente o resultado de um encontro (ASUNCIÓN-LANDE, 1993, p. 5).

De fato, uma das vantagens da comunicação intercultural é de dotar a sociedade de interfaces comunicacionais que possibilitam remediar isolamentos que podem vir a provocar um comunitarismo fechado (ASUNCIÓN-LANDE, 1993, p. 5-7). Mesmo no caso das comunidades mais conservadoras, pela regra da coerência discursiva, a comunicação intercultural pode revelar-se um antídoto contra as tentações da exclusão, da animosidade e do ódio de natureza racial, religiosa ou cultural (ASUNCIÓN-LANDE, 1993, p. 8). Visando tal proposta, pode-se entender a comunicação intercultural como sendo de interesse público, pois é partir sempre da interação despida de desinformação, permitindo diálogo plural no espaço do aparecimento que os assuntos do interesse público são tomados como sentido da construção de um mundo comum. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazer entender e “com simples sinais ou sons, poderiam comunicar suas necessidades imediatas e idênticas” (ARENDRT, 2002, p. 188).

Considerando a esfera pública como o lócus de luta pelo poder, de negociação dos papéis sociais e posicionamentos políticos, fale-se de um espaço público geográfico, físico, material, tradicional ou, na atualidade, virtual. Pode-se dizer que a comunicação intercultural torna os processos comunicacionais, a interação por meio do diálogo, especificamente, um dos principais pilares da democracia e um recurso imprescindível para o acesso igualitário de todos os meios de disputa deste poder; seja ele real, material ou simbólico:

[...] O diálogo (diferente das conversações íntimas nas quais almas individuais falam de si mesmas) se preocupa com o mundo comum que

permanece inumano num sentido muito literal, enquanto os homens não fazem dele um objeto permanente de debate. Pois o mundo não é humano simplesmente por ser feito por seres humanos, e nem se torna humano simplesmente porque a voz humana nele ressoa, mas somente quando se tornou objeto de diálogo. Por mais afetados que sejamos pelas coisas do mundo, por mais profundamente que possamos nos instigar e estimular, só se tornam humanas para nós quando podemos discuti-las com nossos companheiros. (ARENDDT, 1987, p. 31)

Asunción-Lande (1993) reflete sobre a comunicação intercultural como aquela que promove cooperação pelo entendimento e reconhecimento entre duas ou mais culturas, permitindo maior sensibilidade cultural e apreciação das singularidades de outras culturas. A autora menciona a importância do estudo da comunicação intercultural como uma ferramenta para entender o impacto da cultura sobre a comunicação.

Partindo da noção de que culturas não se encontram isoladas no tempo e no espaço (PIEROBON, 2006, p. 57), é necessário que exista interação, diálogo e, sobretudo, o reconhecimento das particularidades de cada cultura na qual se deseja atuar ou conhecer. Pensando nas presenças culturais sírias no ABC Paulista, esse estudo traz a centro, a interação citada por Pierobon (2006) que explicita que este reconhecimento modifica a recepção e a interpretação das mensagens emitidas e, por isso, nota-se a importância do uso da comunicação intercultural como mediadora ao longo de todo esse processo que, usada para munir uma e/ou demais partes, pode afetar positivamente e de maneira direta o grau de eficiência da comunicação (ASUNCIÓN-LANDE, 1993, p. 9).

Sobre as barreiras da comunicação intercultural, Asunción-Lande (1993, p. 8) identifica o idioma como variável que pode ser encarado como problema no processo e, no decorrer do desenvolvimento desse trabalho, pode-se notar isso.

Para Hall (2006), a linguagem é o maior componente de uma cultura. A língua que aprendemos na comunidade onde nascemos é a capaz por estruturar nossa visão de mundo e nosso comportamento social.

Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (HALL, 2006, p. 40)

Considerando que a língua é, então, uma variável de absoluta importância para que se dê a comunicação intercultural, faz-se importante tê-la como ferramenta nesse trabalho, bem como fator para análise, por exercer justamente função de ponte de encontro para interação, mas por expressar universos possíveis de serem mapeados por meio da análise dos discursos em questão.

### **Etnografia: observação, participação e relatos**

Esta pesquisa está focada no estudo da presença cultural de sujeitos sírios refugiados no ABC Paulista, utilizando-se da Comunicação Intercultural como mediadora ao longo desse processo. A fim de conhecer mais sobre esses indivíduos, suas histórias de vida, como chegam ao ABC Paulista e se tornaram moradores das cidades, uma rede de contatos formou-se a partir do contato com ONGs como a Compassiva, indicações de professores, colegas pesquisadores e até mesmo amigos, como será descrito no decorrer desse trabalho.

Entre 2017 a 2018, estabeleceram-se contatos e firmaram-se relações com colaboradores e entrevistados. De início, dez sujeitos sírios foram contatados para participarem desse estudo como colaboradores e entrevistados. Contudo, o distanciamento e as decisões de silenciar, diante da simples explicação do que se tratava essa pesquisa, foram suficientes para que muitos se abstivessem de participar.

Nesse trabalho, optou-se pelo método etnográfico pensado em Covarrubias (2013) para ida e registro em campo, possibilitando que meu convívio enquanto pesquisador com moradores sírios das cidades de Santo André e São Caetano do Sul se tornasse também fonte de dados para coleta e análise.

Tal método permitiu também facilidade ao lidar com a recusa de algumas dessas pessoas. Sem podê-los entrevistar, formalizaram-se algumas das interações em fichas de observação para o registro.

Cheguei a três sírios, sendo um rapaz jovem, um homem e uma mulher adultos, dispostos a gravarem seus depoimentos de acordo com os procedimentos das Narrativas Orais de Histórias de Vida (PERAZZO, 2015). Essas pessoas estão diretamente

envolvidas com a presença e a prática da cultura síria no ABC Paulista e mostraram-se, sobretudo, dispostas a colaborar com a pesquisa. Suas histórias desdobram-se com mais detalhes ao fim dessas explicações.

O silenciamento pode ser entendido a partir das indicações de Michael Pollak (1989), que nos explica que, frente às lembranças traumatizantes, o silêncio parece se impor e, se pensarmos nesses indivíduos sírios como coletividade, compartilhando de algumas das mesmas lembranças, é compreensível que prefiram guardá-las em silêncio. Para Pollack (1989, p. 3-15), as pessoas muitas vezes preferem se abster de falar para não incorrer em mal-entendidos sobre questões que consideram graves, ou mesmo vir a “reforçar a consciência tranquila e a propensão ao esquecimento” dos episódios que lhe confinam ou das pessoas que foram algozes. Por isso, as vontades de silenciar tais lembranças por parte de alguns dos sujeitos sírios abordados para essa pesquisa foram respeitadas como parte de um código intrínseco de ética esperado de um pesquisador que lida com as vidas das pessoas. Faz parte desse trabalho entender, lidar e analisar decisões dos colaboradores com o universo acadêmico-científico.

O espaço geográfico desta pesquisa foi delimitado nas cidades de Santo André e São Caetano do Sul, no ABC Paulista, onde residem, trabalham os sujeitos sírios que participam desse estudo.

A minha imersão neste universo, como pesquisador participante, foi registrada em fichas de relatos etnográficos, propostos por Covarrubias (2013): visitas, encontros, dados cedidos por colaboradores e os relatos dos entrevistados, foram sendo registrados e se constituindo em fontes de dados construídos pelo próprio processo de investigação. Segundo a autora (2013), a etnografia está associada a um conjunto de técnicas de investigação reflexiva que conduzem o pesquisador para a construção de seu próprio conhecimento. A prática da observação, da conversação e da entrevista conjugadas conformam-se em estratégias para a pesquisa qualitativa. A etnografia, assim, configura-se desde dentro do objeto de estudo, sendo essa a sua natureza epistêmica: "de otra manera no se puede hacer etnografía desde un escritorio, pues demanda estar en el lugar donde suceden los hechos, en un espacio físico y social" (COVARRUBIAS, 2013, p. 170-173).

Ao longo da formação e desenvolvimento desse estudo, instrumentos de registros foram estabelecidos para que, como ferramentas (COVARRUBIAS, 2013), fizessem-se úteis na ida a campo, bem como para as coletas de dados realizadas nessa ação.

Em acordo com a coorientadora dessa pesquisa, formularam-se três tipos de fichas: um modelo para o registro sucinto dos contatos feitos, contendo seus nomes, idades, formações educacionais e acadêmicas e, sobretudo, informações residenciais, telefônicas e/ou virtuais. Outra para o registro de conversações, fossem essas tidas via telefone ou pessoalmente. E, por fim, uma ficha na qual seriam registrados os encontros e tudo que se passaria neles, nelas sendo registradas minhas impressões enquanto pesquisador, considerando em tópicos todos meus sentidos a cada anotação, fossem sobre os lugares que visitaria ou pessoas com as quais viria a me encontrar. Essas fichas foram utilizadas ao longo de toda o estudo, então, para registrar a ida a campo enquanto pesquisador e, sobretudo, fazer com que esses registros servissem também como dados a serem analisados posteriormente.

As fichas de registro de dados etnográficos foram utilizadas como instrumento de observação da realidade social, considerando que não somente os olhos fazem tais observações, mas o tato, olfato, a pele, a percepção ou mesmo a intuição (COVARRUBIAS, 2013, p. 172). Um cenário social é percebido e deve ser observado por um pesquisador, sob a perspectiva etnográfica, com todos os sentidos abertos, permitindo até mesmo a interação com os sujeitos nele presentes, tornando assim, o pesquisador participante do cenário qual adentra e passa a observar (COVARRUBIAS, 2013, p. 172).

Nesse sentido, de acordo com Covarrubias (2013), passando pela etnografia enquanto prática metodológica, podendo-se notar a multiplicidade de práticas sociais e comportamentos culturais específicos, pode-se dizer que esse método adotado nessa pesquisa permitiu, sobretudo, trabalhar, através da participação no cotidiano e interação com os sujeitos sírios em questão, a presença cultural síria no ABC Paulista.

La etnografía está en el campo de las acciones de los otros, en sus espacios naturales, al mismo tiempo que está en el campo reflexivo del investigador, por eso la etnografía representa un espacio de inclusión. Se hace etnografía para observar a otros, diferentes al investigador; lo

reflexivo surge en este proceso de observación, cuando el investigador se mira a sí mismo con relación a los otros.

La etnografía es, por excelencia, el campo de la reflexividad del investigador cualitativo, ya que las relaciones tan directas y cercanas con la realidad (el etnógrafo está dentro de su realidad de estudio) en su interacción social-natural observada, tocan sus fibras internas. Este contacto humano es lo que funda el principio de su reflexividad. De esta manera, y en un sentido casi sublime (COVARRUBIAS, 2013, p. 191)

### **Narrativas Oraís de Histórias de Vida: Três Relatos**

Historicamente, as sociedades modernas viveram sob a égide da escrita. As narrativas orais de histórias de vida, entretanto, retomam as perspectivas das sociedades de tradição oral, ou seja, aquelas que contavam suas histórias ao invés de escrevê-las. Segundo Walter Benjamin (1994), o simples ato de relatar uma história está intimamente relacionado, em suas origens, com a oralidade. Ao refletir sobre a cultura em um de seus trabalhos, o filósofo reforçou o caráter oral das narrativas que, para o autor, são tidas como uma forma artesanal de comunicação (BENJAMIN, 1994, p. 205).

O advento da História Oral como método científico de coleta e análise de dados e a prática de contar histórias, a partir da evocação de lembranças de suas experiências de vida, podem ser caracterizados como método de pesquisa que utiliza a entrevista em profundidade como um instrumento para a constituição de fontes históricas ou de registros de cultura, como ferramenta para registrar narrativas da vivência social humana (FREITAS, 2002, p. 18). Além do mais, como considera Sônia Maria de Freitas (2002), a História Oral traz de volta a atenção à história do presente, legitimando-a, considerando que a história foi, por longos tempos, pensada como passado.

As Narrativas Oraís de Histórias de Vida são constituídas, assim, no bojo das perspectivas do método da História Oral (PERAZZO, 2015). São narrativas em que o colaborador (o entrevistado ou o narrador) torna-se o indivíduo central do processo de constituição das fontes de dados e tem, sobretudo, a liberdade de narrar como quiser (ou puder) sua história de vida (MEIHY, 2005, p. 148). Cada sujeito e suas vidas são únicos, bem como cada uma de suas narrativas.

Ciente de que as identidades culturais são de extrema importância para a formação deste estudo, as técnicas advindas das Narrativas Orais de Histórias de Vida (PERAZZO, 2015) aplicadas nas entrevistas com tais sujeitos sírios permitiram obter dados a partir da memória, individual e coletiva, dessa comunidade cultural.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2000, p. 109).

Deixando de pensar as pesquisas em Comunicação somente como àquelas que se desenvolvem sobre a produção e os processos comunicativos intrínsecos aos meios de comunicação de massa (PERAZZO, 2011, p. 804), como propõe Martín-Barbero (2003), entender a comunicação também como o estudo das mediações entre meios de comunicação e sociedade, os espaços de relacionamento das pessoas com os meios, o uso da metodologia de Narrativas Orais de Histórias de Vida, nessa pesquisa, é importante para permitir a análise e a compreensão do outro pela prática discursiva que dá suporte à expressão de sua memória. Para Hall (2000), estão acionados universos culturais, visões de mundo, sentidos de ser e estar que possibilitam o entendimento de problemas pertinentes aos universos multiculturais, muitas vezes “invisíveis” e intangíveis sem a prática do discurso.

Considerando que os relatos são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias, fazer uso dessa metodologia faz-se importante, pois narrativas sob forma de registros da oralidade, de episódios das histórias de vidas desses refugiados, apontam para as reminiscências da memória individual e coletiva desse grupo, permitindo-se tatear o universo cultural no qual essas identidades culturais estão inseridas.

O carácter de pesquisa qualitativa foi utilizado para validar as características que são apresentadas neste trabalho bem como as necessidades desse estudo.

Realizaram-se, para coleta de dados, o uso da técnica de entrevista em profundidade utilizada pela metodologia das Narrativas Orais de Histórias de Vida, que permitem constituir os relatos orais como registros das lembranças dos sujeitos sírios.

Essa técnica – entrevista individual em profundidade – fizeram-se aplicadas aos entrevistados que compartilhassem da identidade nacional e cultural síria, residissem no ABC Paulista e tivessem migrado após o período do eclodir do conflito na Síria (2011), do fato de terem bom domínio da língua portuguesa ou inglesa, tendo vocabulário amplo, permitindo-se o uso de metáforas a fim de serem descritivos nas suas narrativas.

As entrevistas foram registradas em áudios, em local conhecido dos colaboradores, como ambiente de convívio e, sobretudo, trabalho. O restaurante Cantinho da Síria, na cidade em São Caetano do Sul, foi o local onde ocorreram as três entrevistas, pois era o espaço de trabalho em família dessas pessoas e ali se sentiram confortáveis e desinibidos.

Entrevistas em profundidade são interações nas quais o pesquisador constantemente interage com o informante. Para Jorge Duarte (2008), a principal função deste tipo de entrevista é retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações. As entrevistas terão como ponto principal permitir que os colaboradores retomem suas vivências de forma retrospectiva. Nesses relatos foram fornecidas, dentro dos processos da memória, diversas informações para análise (DUARTE, 2008, p. 62). Nos relatos, afloraram reflexos da dimensão coletiva e da visão individual daqueles que contavam suas histórias. Ao dar voz aos personagens que não se fariam ouvir, “a história joga luzes nas lembranças objetivadas”, estimulando “o lado esquecido como parte do todo explicativo dos fatos e emoções” (MEIHY, 2005, p. 75).

Sendo assim, a pesquisa procedeu da seguinte maneira:

#### 1. Planejamento e criação dos roteiros das entrevistas:

De acordo com Meihy (2005, p. 17-18), “a história oral é um processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, vertidos do oral para o escrito, com o fim de promover o registro” e que foram realizadas com sujeitos sírios que narraram sobre si próprios, suas trajetórias, conjunturas, instituições ou outros elementos da história que compõem a trama histórica de suas vidas.

Os roteiros das entrevistas foram criados por mim, pesquisador desse estudo, sendo específicos para cada entrevistado. O conhecimento dado por interações prévias com essas três pessoas permitiu a confecção de um roteiro específico e flexíveis para

cada um deles a partir das suas especificidades e trajetórias. Tais roteiros foram vistos e aprovados pela orientadora e coorientadora dessa pesquisa em sessões de orientação acadêmico-científica.

Cada roteiro foi adaptado especificamente para seu entrevistado, entretanto, todos eles partilhavam de perguntas de direcionamento padrão, como suas origens, vidas anteriores as vividas atualmente no ABC Paulista, os motivos que os trouxeram e motivaram a se instalar na cidade, bem como o trajeto narrado por eles da Síria até o Brasil, permitindo-se abordar cautelosa e gradativamente outras questões importantes e difíceis para esses sujeitos sírios.

Para a realização, o registro e o uso das entrevistas como fonte de dados para esse estudo, termos de consentimento e participação em pesquisa foram assinados pelos três sírios entrevistados, afirmando seus conhecimentos do propósito acadêmico-científico dessa pesquisa, consentimento na participação e ciência do registro e uso de seus relatos para a desenvolvimento da mesma. O modelo de tal termo, tido como documento, está anexado como apêndice ao fim desse texto.

Minhas relações com Badri, Moisés e, por último, Olga, deram-se inicialmente pela minha visita ao restaurante Cantinho da Síria enquanto cliente. Sempre simpáticos, provavelmente visando a fidelização da clientela, atenderam-me bem e dialogaram diretamente comigo, ainda que sobre assuntos aleatórios, desde minha primeira visita ao estabelecimento.

Badri Lutfi, de 44 anos, é proprietário do restaurante, tio de Moisés, de 17 anos, estudante, e irmão de Olga, de 47, mãe de seu sobrinho Moisés. Em todas as minhas fichas de registro tenho anotadas minhas interações com cada um dos três.

Badri é extrovertido e, para ele, fazer amigos não parece ser uma dificuldade, apesar das barreiras linguísticas. Por isso, posso dizer que com ele, em minha terceira visita ao restaurante, já pude compartilhar de conversas mais extensas, pessoais, que já não tinham mais tanto a ver com o restaurante. Meia dúzia de visitas feitas e Badri já estava a compartilhar comigo muito mais do que acredito que ele tenha percebido compartilhar.

Moisés é tão, ou até mais, extrovertido que seu tio, mas demorou a se aproximar de mim, por estar sempre trabalhando na cozinha, o que o afastava de onde eu, enquanto cliente no restaurante, sempre estava, o salão de mesas. Com o passar de minhas visitas e me conhecendo um pouco melhor, talvez até pelo que seu tio dizia sobre "o menino que estuda a Síria" aos seus funcionários, Moisés passou a se aproximar de mim, aproveitando dos seus intervalos no trabalho para dialogar comigo em minhas visitas. Bem humorado como eu, Juarez, enquanto pessoa em meu dia-a-dia, o jovem viu em mim a possibilidade de fazer um novo amigo e, com pouco mais de quatro visitas, pudemos partilhar de conversas mais particulares. Sua mãe, Olga, talvez não seja tão tímida quanto aparenta ser. Acredito que transpareça ser tímida por evitar falar o português, por pensar não falar bem e, assim, passa boa parte do tempo em silêncio e, quando interage com a clientela, costuma fazê-lo em inglês.

O que facilitou minha aproximação de Olga foi, sobretudo, a simpatia de seu filho por mim, o que visivelmente fez com que ela confiasse e se aproximasse de mim, mais tarde que seu irmão e filho, um mês e meio após constantes visitas ao restaurante.

Sempre ocupada, Olga também procurou interagir comigo sempre que encontrava tempo entre seus afazeres no restaurante. Franzindo a testa quando não entendia algo que era dito, Olga passou a se sentir mais confortável e próxima de mim quando, em momento de identificação, eu disse a ela que também sou professor de línguas. Hoje transitamos entre as duas línguas que falamos, visando mitigar os ruídos em nossa comunicação.

Para todos os três, o estabelecimento da relação se deu a partir do momento no qual demonstrei meu interesse pela cultura síria e, sobretudo, expressando minha curiosidade de maneira respeitosa. Cientes desde o início sobre meus propósitos e os de minha pesquisa, pode-se perceber deles disposição em contribuir com esse trabalho contanto que sua cultura não fosse julgada, certa ou errada, boa ou ruim, e, certos de que não seria, deram-se os relatos à altura em que as relações já haviam sido efetivadas, muito além de entre cliente e funcionários de um estabelecimento mas, agora, enquanto amigos.

2. Realização e transcrição das entrevistas:

Ainda que em interação com aquele que narra, minhas interferências fizeram-se mínimas no momento da entrevista, o sucesso do método está, sobretudo, no narrar livre por parte do colaborador, sujeito sírio, o qual deve estar em condições para abordar situações pessoais, expor seus sentimentos, sonhos e desejos. Nesse momento, é fundamental clarear sobre a importância de sua contribuição, bem como explicar as etapas do projeto e os cuidados éticos adotados. É igualmente essencial dar continuidade ao processo, oferecendo constantes devolutivas às pessoas envolvidas na pesquisa (MEIHY, 2005). Por fim, tem-se a pós-entrevista que é o trabalho do pesquisador de organizar e realizar o tratamento das entrevistas registradas.

O tratamento das entrevistas registradas se deu por meio da transcrição: processo rigoroso de passagem inicial do oral ao escrito. As transcrições das entrevistas foram feitas por mim mesmo a partir dos áudios gravados.

Tomando a transcrição do texto como outra das etapas da construção das Narrativas Orais de Histórias de Vida, utilizou-se o *Manual de Procedimentos para Transcrição do Memórias do ABC/USCS*<sup>6</sup>, elaborado no grupo de pesquisas Memórias do ABC que há quinze anos registra, transcreve e estuda relatos orais com base no método apresentado.

### 3. Análise e Interpretação de Dados

Para análise dos dados coletados nas entrevistas busquei apoio no próprio método das Narrativas Orais de Histórias de Vida que analisa os discursos dos relatos a partir de categorias de análise elencadas ao longo do próprio desenvolvimento das fontes orais. Faz-se a análise dos relatos desses refugiados sírios, considerando que esses elementos não podem ficar à parte do estudo de como os sentidos se realizam na língua e a língua é, sobretudo, como dito anteriormente, elemento fundamental para a comunicação.

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há, desse modo, testemunho sem experiência, como não há experiência sem narração; a linguagem libera o modo de experiência, redimindo-a da dúvida e convertendo-a em comunicação. (SARLO, 2003, p.29)

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://memoriasdoabc.uscs.edu.br/>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

Do ponto de vista do relato, não se pode entender a língua como algo separado da história e dos contextos sociais. A língua é a linguagem e não a fala propriamente. A linguagem é, ao mesmo tempo, uma instituição social e um sistema de valores. Como instituição social, língua não é absolutamente um ato, pois escapa a qualquer premeditação; língua é a parte social da linguagem; o indivíduo não pode sozinho nem criá-la, nem modificá-la (BARTHES, 1964, p. 17-18).

Compreendendo que todo indivíduo, enquanto agente inserido em um contexto social, detém autonomia de participação e transformação (inovação) de imaginários e identidades a sua volta, as Narrativas Orais de História de Vida fazem, então, ponte para que se compreendam essas noções de reconhecimento de si, de entendimento do outro e do processo de formação e narração da própria identidade.

O modo como essa comunidade cultural de sírios representa sua história coletiva, bem como relatam suas histórias individualmente, é fundamental para a definição de suas identidades únicas, comunitárias e para a construção de suas memórias, pois a forma com a qual cada grupo interpreta o seu passado determina o seu posicionamento no presente e suas estratégias para o futuro, que também definem suas relações dentro e fora do grupo, podendo haver estabilidade ou mudança, resistência ou adaptação, preservação das fronteiras ou sua diluição (CABECINHAS, 2006, p.2).

Elaborando de maneira mais simples, os fragmentos desse estudo estão todos interligados. A discussão teórico-metodológica apontou em direção a um percurso que, percorrido com cautela, chegou-se aos resultados que, para serem analisados, outra vez, faz-se necessário o uso de lentes próprias do campo teórico que se fez presente nessa pesquisa.

Para que nós, pesquisadores, não sejamos reféns das intenções do narrador, é preciso que se constitua um método de interpretação desses dados, pautado no conhecimento das formas como se dão as narrativas, das escolhas que o narrador pode fazer para selecionar o que contar, advindos da compreensão da cultura, da memória e do imaginário desse sujeito (PERAZZO, 2015, p.126).

## Colaboradores e Entrevistados

Para os envolvidos nessa pesquisa, foram-se criadas duas categorias: a de colaboradores, aqueles dos quais não cederam ou foram gravadas entrevistas, mas que forneceram inúmeras informações, contaram histórias e explicaram situações características da cultura síria, e os entrevistados, que também são colaboradores, mas concordaram em gravar suas narrativas orais de histórias de vida, em entrevistas individuais. Esses contatos foram importantes para construção de pontes entre o pesquisador e os sujeitos dessa história. Permitiram, sobretudo, que eu mergulhasse cada vez mais profundamente nesse universo cultural.

De início, serão apresentados seus nomes, idades, nacionalidades e, sobretudo, onde, quando e como se estabeleceram os contatos e, por fim, suas respectivas contribuições para esse trabalho, disposições e indisposições para com a pesquisa. Após breve introdução, serão trazidas descrições biográficas mais detalhadas dos entrevistados, sujeitos centrais nessa pesquisa.

Muna Jarouche (colaboradora) tem 25 anos, é descendente de libaneses e residente em São Bernardo do Campo (SP). Colega de graduação (bacharelado em Relações Internacionais na *Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas do Centro Universitário Fundação Santo André*) mostrou-se disposta a colaborar desde o instante em que se estabeleceu o contato visando ida a campo para pesquisa. Mulher, esposa, hoje mãe, muçulmana, praticante e frequente visitante da mesquita *Abu Bakr Assidik* na cidade de São Bernardo no ABC Paulista, Muna contribuiu ao contar sobre a mesquita, as práticas filantrópico-benéficas nela realizadas e, sobretudo, a importância da instituição religiosa para a região.

Muna informou sobre o papel da mesquita no abrigo de sírios que se refugiaram no Brasil após o eclodir da guerra em 2011 e se dispôs a colaborar com contatos. Tendo sido o principal contato cedido por ela o do setor administrativo, representante da mesquita e, em outro momento, o da Assembleia Mundial da Juventude Islâmica (WAMY), a partir desse pontapé inicial, iniciou-se a busca por nomes de frequentadores

da mesquita que poderiam vir a colaborar e, entre esses nomes, estava o de Mohamad Massod.

Mohamad Massod (colaborador) tem 22 anos, é sírio-palestino, nascido em Campo de Yamouk, muçulmano frequentante da mesquita *Abu Bakr Assidik* e, assim como Muna, também residente em São Bernardo do Campo, na região do ABC Paulista.

Contatado pela primeira vez em 2017, Mohamad colocou-se a minha disposição desde o primeiro instante. Migrou para o Brasil no ano de 2014 com sua família, passou pelo programa de letramento do programa *EJA* para língua portuguesa, concluiu o ensino médio em uma escola do sistema público na cidade na qual reside até tornar-se, atualmente, universitário, cursando Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Mohamad contribuiu com relatos pessoais, vividos por ele antes de seu deslocamento, informações cruciais para a contextualização histórica desse estudo e dispôs-se sempre a responder perguntas e questionamentos que viessem a ser pertinentes à pesquisa. Devido aos desencontros causados pelas rotinas de ambas as partes e também problemas pessoais, Mohamad não pôde me ceder entrevista, mas contribuiu por mensagens de texto, áudio e telefonemas, bem como com o contato de seu amigo Márcio Daniel Rodrigues de Souza.

Márcio Daniel Rodrigues de Souza (colaborador e entrevistado), 33 anos, natural de Fortaleza, mas residente na cidade de Santo André na região do ABC Paulista, é bacharel em Comércio Exterior, Logística e, atualmente, estuda Teologia. Curioso pelas culturas árabes e interessado nas práticas religiosas islâmicas, Márcio conheceu Mohamad Massod na mesquita situada na cidade de São Bernardo do Campo e, desde então, são amigos. Frequentante da *Igreja Batista Central* de Santo André, Márcio participou como membro e atuante em uma missão no Líbano no ano de 2018, na qual viajou para um campo de refugiados sírios em uma cidade remota do país controlada pela força armada e política do grupo *Hezbollah*<sup>7</sup>, na divisa com Israel. Márcio contribuiu via mensagens de texto, áudio e cedeu entrevista sobre sua experiência, bem como dispôs de

---

<sup>7</sup> Ora considerada organização terrorista, ora apontada como força armada para retomada da soberania libanesa, o Hezbollah se apresenta como não sendo "uma estrutura organizacional fechada, nem uma estrutura política estreita, mas uma nação interconectada com todos os muçulmanos do mundo. Nós estamos ligados por uma forte conexão ideológica e política — o Islã" (JABER, 1997, p. 54-55).

fotografias de acervo pessoal da viagem como contribuição. Estas, contudo, talvez não venham a fazer parte desse estudo, mas de outros posteriores a ele.

Thais Garcia da Costa (colaboradora) de 24 anos, andreense, minha colega de graduação, foi estagiária na empresa *Dessault Systèmes*, na qual esteve como colega de trabalho de Wissam Hazeemeh. Ciente do meu estudo, Thais abordou Wissam, contando a ele sobre a proposta do trabalho que, no ano de 2017, também se dispôs a colaborar como pudesse.

Wissam Hazeemeh (colaborador), 24 anos, sírio, damasceno, residente na cidade de Guarulhos (SP), é bacharel em Língua e Literatura Inglesa pela *Universidade de Damasco*, e foi contatado no início de 2017.

Tímido, Wissam contou sempre muito pouco sobre si e sua história e, devido à distância e desencontros rotineiros causados por suas horas constantes de estudo e trabalho, não pode ceder entrevista, mas me direcionou para um centro de estudos da língua árabe, onde encontrei Omar Barakah [nome fictício].

Omar Barakah [nome fictício] (colaborador) é sírio, residente na cidade de São Paulo (SP). Formado em Design Gráfico e Animação na Rússia e fundador de um centro de estudos da língua árabe, Omar atualmente é professor de línguas, tendo ensinado inglês antes e, agora, lecionando árabe no centro fundado por ele.

Esse centro de estudos da língua árabe está localizado em um prédio comercial muito próximo da Praça da Sé, no centro da capital paulista. Instalado em uma sala comercial pequenina, mas muito decorada com bandeiras, escritas de caligrafia árabe, livros e tudo o que há de mais comum em salas de aulas de institutos de línguas, a “simpatia” e aconchego são oferecidos passando-se pela porta de entrada.

Em conversa sobre as atividades desenvolvidas pelo centro, Omar ressaltou em todas suas falas que o local não é somente uma escola de línguas, mas também um centro cultural, no qual ele e seu parceiro, também refugiado sírio, Mahmoud Alkourdi [nome fictício], realizam oficinas sobre cultura árabe na intenção de desmistificar estereótipos perpetuados pela mídia sobre a(s) cultura(s) árabe(s). Nas palavras do próprio Omar: - *“Somos 22 países árabes no mundo e [quando falam de nós] é como se fosse tudo igual,*

*mas não somos. Somente nossa língua é a mesma, mas também tem diferenças [dialetos]”.*

Omar contribuiu de maneira informal, por mensagens de texto e áudio em telefone e em conversação em encontro não registrado em áudio, com o breve relato sobre sua vinda e sobre sua vida no Brasil, focando, sobretudo, na fundação de seu centro e da realização do que isso significou para ele. Em sala de aula, assistiu-se o documentário do نوافذ الروح - حكاية سوريا (*Janelas da Alma: A história da Síria*) mas, assim, encerrou-se sua contribuição.

Fernanda Bernardes, funcionária da Compassiva<sup>8</sup>, de início contribuiu via e-mail, enquanto Patrícia Bernardes contribuiu pessoalmente ao me receber, apresentar a história da ONG, bem como permitir a minha participação em sala de aula de refugiados em um curso de português criado e oferecido pelo projeto LAR (Levando Ajuda ao Refugiado) da instituição, voltado para refugiados de origem étnico-cultural árabe.

Pelas colaboradoras da ONG, consegui contatos de dois sírios refugiados em São Paulo, Armando Fahd [nome fictício] e Fátima Faizah [nome fictício].

Armando Fahd foi contatado algumas vezes e, em todas elas, resistiu ao dizer qualquer coisa que viesse a ser útil para à pesquisa. Ao ser convidado a colaborar, opôs-se à ideia, preocupado que sua identidade fosse publicada.

Fátima Faizah, síria, damascena, que hoje reside na cidade de São Paulo, é fundadora de um projeto culinário qual reúne refugiados de diferentes nacionalidades e passados étnico-culturais para apresentações de suas culturas por meio da culinária. Por estar sempre muito ocupada com seus trabalhos, Fátima não pôde colaborar para além de sua receptividade via telefone, demonstrando interesse apenas momentâneo pelo tema do estudo.

Ao *Cantinho da Síria*, direcionei minha atenção por indicação da minha orientadora. Situado no bairro Barcelona, na cidade de São Caetano do Sul no ABC

---

<sup>8</sup> Compassiva é organização social que atende crianças, adolescentes, mulheres e refugiados em situação de vulnerabilidade na cidade de São Paulo (SP). Localizada no bairro da Liberdade em um prédio de fundo cinza com arte de rua pintada por toda a faixada, a Compassiva foi a única organização não-governamental que deu retorno sobre os contatos feitos com relação à pesquisa e me recebeu, de portas abertas. Disponível em: <<http://compassiva.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 7 ago. 2018.

Paulista, o estabelecimento dispõe de serviços gerais de alimentação com base na culinária árabe-síria, do almoço ao jantar, funcionando do meio-dia às 22 horas todos os dias, com exceção de domingos.

Pequeno e aconchegante, bem decorado e organizado, aproveitando o espaço à disposição, o restaurante faz com que a experiência do cliente comece desde o atendimento, muito antes de ser servido.

Seu funcionamento mostra-se intercultural em sua essência. Os pedidos são feitos e recebidos em português, passados para os funcionários em inglês que, enquanto comunicam-se entre si, falam em árabe o tempo todo.

Dispondo de uma cozinha aberta, exposta aos clientes, é possível notar, desde o balcão do caixa, que os funcionários, quase todos sírios, trabalham sem parar, mas encontrando ainda tempo de sorrirem e acenarem aos clientes vez ou outra.

O restaurante é bem frequentado e, ao usar-se do adjetivo bem, refere-se a quantidade de pessoas que por ele passam a todo instante.

Sua clientela parece ser um misto das mais diversas pessoas e de descendentes de comunidades étnico-culturais árabes, habitantes da região (ABC), e outros também.

Visitou-se o restaurante inúmeras vezes, fazendo com que ele se tornasse cenário das três entrevistas coletadas para análise e incorporação a essa pesquisa.

Apresentaram-se nele, Elaine Vidal de Rossi (colaboradora), mulher, brasileira, residente na cidade de Santo André, no ABC Paulista, proprietária e gerente do restaurante junto de seu esposo de Badri Lutfi (colaborador e entrevistado), sírio de 44 anos, natural de Damasco.

No restaurante trabalham também Moussa Bittar (colaborador e entrevistado), sobrinho de Badri de 17 anos, também sírio e damasceno e, por fim, a irmã de Badri, Olga Lutfi (colaboradora e entrevistada), 47 anos, síria, damascena, professora de Francês pela *Berlitz* e residente de Santo André, SP junto de seu filho.

Todos colaboraram com conversações informativas dadas idas ao restaurante, diálogos mais elaborados sobre assuntos específicos, temáticos, relatos registrados em fichas de observação etnográfica pessoais pelo/do pesquisador de dados quais estarão costurados nesse texto, e narrativas registradas em áudio.

Receptivos desde a primeira visita, os colaboradores encontrados no *Cantinho da Síria* tiveram uma participação muito importante para a continuação, o desenvolvimento e, por fim, a conclusão desse estudo.

Nesse breve texto de apresentação foram expostos os sujeitos que indireta e diretamente fizeram-se parte desse estudo.

Considerando os pressupostos éticos desse campo de pesquisa com as histórias de vida, somente as pessoas dispostas a gravarem suas histórias é que foram entrevistadas. Sendo assim, os três entrevistados foram Badri Lutfi, Olga Lutfi e Moussa Bittar, em Santo André, que trabalham em São Caetano do sul.

Dessa forma, os dados dessa pesquisa se constituem, portanto, pelas narrativas orais de história de vida desses três colaboradores entrevistados e pelos dados da minha observação-participante, como pesquisador em campo etnográfico, em conversação também com outros refugiados e colaboradores que permitiram que eu pudesse conviver com eles e conviver com a comunidade síria no ABC e em São Paulo.

Tomando os estudos da memória, da cultura e da identidade e a descrição dos instrumentos metodológicos aqui utilizados em pesquisa de campo, o que se pode considerar nessa pesquisa é que o silêncio é uma presença na vida cotidiana desses refugiados sírios. Despueram-se a conversar comigo, depois foram se dispondo a me receber em seus espaços e em suas atividades, mas poucos, como se viu, dispuseram-se a gravar suas narrativas. A dificuldade em falar o português pode parecer, de imediato, a resposta para tal recusa, mas não é bem isso que encontro ao me inserir etnograficamente nesse campo. Os três entrevistados não falavam bem o português e Olga prefere dar a entrevista em inglês. Assim, a dificuldade da língua não necessariamente é a responsável pelo silenciamento. O falar engloba muito mais que saber palavras. A linguagem se constitui em universos culturais, em modos de compreender o mundo, em identidades construídas e lembranças acionadas. A linguagem se constitui também pela disposição de falar para o outro, para o de fora, para o diferente, que, nesse caso, era eu. O silêncio pode ser não apenas uma forma de esquecer, mas uma forma de resistência contra a própria impotência dos indivíduos frente ao vivido e, dessa maneira, encontrar um *modus vivendi*, no silêncio, no não dito, na ausência.

Como primeiro resultado percebido em minha pesquisa, o que se vê é que os refugiados sírios, por motivos que ainda busco identificar, silenciam sua existência na sociedade de refúgio. Contar sobre si próprios, registrar suas histórias não faz parte das intenções desses sujeitos da história. Nesse sentido, sigo adiante nesse texto, analisando as narrativas de histórias de vida e as contrastando às minhas observações participantes, agora como sujeito posicionado com os Estudos Culturais.

## DIÁRIOS DE CAMPO DA INSERÇÃO ETNOGRÁFICA

### O pesquisador participante

Minha experiência de ida a campo para essa pesquisa será relatada nesse capítulo tendo como base meu diário de pesquisa. Diário este formado pelas fichas de observação e descrição etnográficas apresentadas em trechos anteriores a esse bloco de texto.

Das suposições pessoais, tive para mim desde o primeiro instante em que decidi ir a campo que não seria fácil fazer com que imigrantes, instalados há poucos anos no Brasil e, sobretudo, advindos de uma cultura diferente da minha, com experiências de guerra, de perdas, de despedidas, sentissem-se confortáveis para me contar sobre suas histórias de vida logo ao me conhecerem. Entendo que as histórias de vidas são como nossos “tesouros”, aquela riqueza que preservamos e guardamos como parte constituintes de nós mesmos. Por isso, narrar as próprias lembranças é como abrir esse “baú” e compartilhar seu tesouro com quem ouve as histórias.

As relações entre mim, enquanto pesquisador, para e com os sujeitos, fossem colaboradores ou entrevistados, deram-se de maneira gradativa, respeitando seus limites expostos nas entrelinhas de suas falas e, por fim, da compreensão das maneiras com as quais se relacionam com os outros, que se mostraram desde o início diferentes das minhas.

De fato, abordar sujeitos colaboradores como Muna Jarouche e Thais Garcia da Costa, mulheres com as quais eu já tinha certa relação mais consolidada, não foi tarefa árdua. Árdua, talvez, tenha sido a tarefa de contatar os sujeitos sírios sugeridos por elas já que, para com eles, nenhuma relação existia além do interesse e, sobretudo, curiosidade.

Mohamad Massod foi solícito no minuto em que o contatei. Ainda que disposto a colaborar com a pesquisa desde o início, Mohamad iniciou nossa primeira conversa dizendo que já havia sido abordado outras vezes para falar sobre sua história e questionou se eu era jornalista. Ao dizer a ele que não, que eu não era jornalista, apenas um mestrando, pesquisador, Mohamad pareceu estabelecer certa confiança para falar comigo.

Contatei Mohamad pela rede social *Facebook*. Depois de alguns dias de “conversa”, Mohamad decidiu me passar seu número de telefone celular para novas “conversas”, alegando ser esse meio mais conveniente para ele.

Por texto e, posteriormente, áudio de *WhatsApp*, o intercâmbio de mensagens entre Mohamad e eu aconteceram primeiro em intervalos de tempo longos, mas que foram diminuindo à medida que, além de ouvi-lo, também passei a contar sobre mim para Mohamad. Entendi como sendo um movimento necessário para que, assim, o jovem percebesse que não se tratava simplesmente de alguém interessado tão somente em coleta de dados, mas de um indivíduo, para além de mestrando, pesquisador da cultura síria, interessado em conhecê-lo de forma genuína.

Nossa relação passou a se estreitar em questão de semanas e, após conhecê-lo pessoalmente, após várias mensagens de texto e áudio, pude conhecer a história de Mohamad que, apesar de não ter sido registrada em áudio, como entrevista, foi anotada por mim, em meu diário de pesquisa.

Mohamad tem 22 anos (em 2018), é sírio-palestino, nascido na cidade de Campo de Yamouk, Síria. Muçulmano, frequentante da mesquita Abu Bakr Assidik, em São Bernardo do Campo, ABC Paulista, e é também residente dessa cidade.

Dizendo-se de uma família simples, Mohamad tem irmãos: Omar, Marwa e Salam. Omar reside na Alemanha desde o ano de 2015, Marwa reside na Inglaterra desde 2012 e Salam mora no Brasil, com seu esposo, Mohamad e seu pai, considerando que sua mãe veio a falecer meses após a mudança de país.

Em condição de refugiado, o jovem migrou para o Brasil no ano de 2014 com sua família, passou pelo programa de letramento do EJA para língua portuguesa, tendo encontrado esse curso por conta própria e não por algum outro programa de atendimento a refugiados ou a estrangeiros. Concluído o ensino médio em uma escola do sistema público na cidade na qual reside, passou a cursar Análise e Desenvolvimento de Sistemas em nível superior.

Sobre sua história, Mohamad contou em conversas, de setembro de 2017 a outubro de 2018, via textos e áudios de *Whatsapp*, cujos trechos de textos anotados por

mim serão destacados a seguir em itálico, o motivo de seu deslocamento para o Brasil e as dificuldades que encontrou ao migrar e refugiar-se no país.

*O motivo que eu vim pra Brasil ou, podemos dizer, o motivo de eu sair da Síria em 2011 é que começo uma coisa chama Primavera Árabe, que vários povos de vários países quiseram parar de ficar quietos e pedirem liberdade e democracia.*

Mohamad aponta o conflito em seu país como principal razão para seu deslocamento com sua família e reconhece a Primavera Árabe como tendo sido o fenômeno que representou o início da desestabilização de seu país. Vale salientar que ele mesmo usa o termo Primavera Árabe.

*Para quem não sabe, o governo do Bashar, eles gostam de mostrar que são de democracia, mas pelo contrário, quem fala sobre eles pode ficar preso e ninguém vai saber aonde ele estar.*

Por conta disso, Mohamad relatou que muitos sírios aquietavam-se diante de tamanha truculência, mas que muitos outros optaram por protestar contra a repressão do governo Assad.

*Eles pensaram que o povo ia ficar [com] medo e quieto, só que pelo contrário, começo sair manifestação.*

Sobre o momento em que deu conta de que sua família teria de deixar o país, Mohamad relatou que, para além dos embates nas ruas, presenciou quedas de prédio por bombardeio, há 50 metros de sua residência, os avisos que eram dados a moradores por parte do próprio exército para que deixassem suas casas ou que seriam bombardeados dentro delas e imagens que ele descreve como tendo parecido "um filme de terror". A família de Mohamad foi uma das últimas a deixar sua rua, segundo ele, e, ao saírem, viram desde incêndios por toda parte provocados pelos bombardeios até "corpos mortos no chão".

No ano de 2014, Mohamad e sua família vieram para o Brasil em condição de refúgio e, com a ajuda do Centro Islâmico do Brás, fizeram da cidade de São Bernardo do Campo sua morada. Sobre as dificuldades da imigração, o jovem relatou o processo de adaptação, a busca por emprego, o desconhecimento da língua portuguesa. Conta,

também, sempre em tom de gratidão, ter sido recebido pelo Brasil e por brasileiros “de portas e braços abertos”.

Graças a Mohamad, pude conhecer também Márcio Daniel Rodrigues de Souza. Apesar de ter sido entrevistado, os relatos de Márcio não foram tratados aqui como narrativas de histórias de vida por ele não ser um refugiado e também não ser sírio. No entanto, seu relato foi bastante interessante sobre o olhar atento de quem esteve em missões para cuidado e proteção de refugiados no Líbano e outros campos de refugiados pelo mundo.

Já Wissam Hazeemeh conheci por intermédio de minha amiga Thais Garcia da Costa que, em 2017, estagiava para uma empresa na zona sul da cidade de São Paulo e tinha o rapaz como colega de trabalho.

Wissam é um rapaz vistoso, mas bastante tímido. Em nossas conversas por telefone, a única diferença que percebi, entre 2017 e 2018, foi a mudança da língua que usávamos para nos comunicar. De início, Wissam falava e respondia a mim somente em inglês, já nos contatos feitos no ano de 2018, pude notar que, sem que a ele fosse pedido, Wissam parecia sentir-se mais confortável em falar o português e, por assim dizer, fazia-o.

A relação com o rapaz foi mais superficial. Pouco soube e sei até hoje sobre sua vida, mas as certezas que pude ter em nossos diálogos é do quão polido e solícito Wissam é. Foi ele, inclusive, quem mencionou um centro de estudos da língua árabe para mim, onde conheci, então, Omar Barakah no centro fundado por ele.

Das minhas impressões, Omar Barakah é simpático, bem humorado, mas essas foram características suas que pude notar somente após boas horas de conversa em nosso encontro. Antes disso, até mesmo por telefone, por alguma razão que desconheço, sua pessoa parecia me intimidar.

Ainda que intimidador, Omar é educado e falou comigo por telefone celular até nosso encontro. Mostrando-se desconfiado, Barakah ficou inibido ao ser perguntado sobre sua história de vida e optou por conversar apenas sobre seu centro de estudos.

Omar Barakah e Wissam Hazeemeh conheceram-se no Brasil, de acordo com Omar e, hoje, como bons amigos, frequentam as casas um do outro e conhecem ambas as famílias.

Já Mohamad Massod, outro colaborador, relatou algo parecido, o fato de ter conhecido muitos sírios ao migrar para o Brasil, nos quais encontrou para além de amigos, cúmplices no processo de adaptação ao novo cenário social qual estão inseridos:

*Eu conheço bastante sírios estão no Brasil há três anos. Mas se você chamar eles de refugiados, eles não são refugiados, eles não gostam de ficar parado.*

No instante em que ouvi isso de Mohamad, pude perceber que a palavra *refugiado* é sentida e entendida de diferentes formas para além de seu sentido objetivo e, seguido tal explicação, tomei certo cuidado ao transitar em campo e usar o termo, mas fiquei atento e, às vezes, provocando situações que permitissem que expressassem suas opiniões sobre essa questão.

Para Mohamad Massod, o termo refugiado carrega consigo a noção de assistencialismo e, para alguns sírios, é sentido com vergonha: *Eles vão procurar que que ele mais se encaixa, sabe? Eles vão trabalhar na feira, sei lá. Eu não preciso desistir do estudo, eu faço os dois. O povo sírio, eu acredito, ele se adapta rápido.*

Por sua vez, Fernanda e Patrícia Bernardes, conheci na *Compassiva* e, por ambas, fui atendido desde minha primeira abordagem à ONG. Ainda que se mostrassem muito mais solícitas a se relacionarem comigo por serem brasileiras e funcionárias, questionaram continuamente o propósito de minha pesquisa antes de me apresentar aos sírios e expor os refugiados auxiliados pela organização a mim. Apresentei, então, uma cópia de meu projeto de pesquisa junto a um parecer de minha orientadora para que me permitissem a visitar a *Compassiva*. Compartilharam comigo programas da organização que seriam do meu interesse conhecer e, entre eles, estava o LAR (Levando Ajuda Ao Refugiado).

Em minha primeira visita à ONG, Patrícia, ao me receber em sua sala pequenina e pouco arejada, falou sobre o programa e, após horas de conversa, autorizou-me a participar de uma dessas iniciativas.

Pude assistir aulas de português dada por professores da *Compassiva* e voluntários para cidadãos refugiados, mas especificamente de origem árabe. Pude me sentar, conversar e conhecer alguns deles, bem como uma das professoras voluntárias no programa, mas a inabilidade desses sujeitos refugiados de se expressarem em qualquer outra língua que não fosse o árabe tornou-se barreira para que se prosseguisse com a investigação visando contato e estabelecimento de relação para participação nesse estudo.

Ainda que tal fato tenha se dado, Fernanda, funcionária da *Compassiva*, contribuiu com o contato de dois refugiados sírios que passaram pela instituição anteriormente, Armando Fahd e Fátima Faizah.

Os contatos com Armando Fahd se deram em maio de 2018 e pareciam sempre desajeitados. As conversas pouco se desenvolviam, pois Armando demonstrou-se, desde o primeiro contato, receoso ao falar comigo. Ainda que eu tivesse explicitado a ele o propósito de minha pesquisa, amedrontado por ter sua identidade publicada por motivos quais ainda desconheço, Fahd não se tornou um colaborador mais efetivo desse trabalho.

Fátima Faizah, por outro lado, foi alguém com quem pude dialogar mais, ainda que somente sobre a pesquisa em si. No começo, em inglês e, já após alguns contatos, em português, Fátima optou por não colaborar para além de sua receptividade via telefone devido sua ocupação profissional, por fim, demonstrando interesse apenas momentâneo pela proposta desse estudo.

A essa altura de trânsito em campo, senti-me um pouco frustrado. Senti como se estivesse fazendo algo de errado, mas fui alertado pelos próprios sírios colaboradores e entrevistados que a oposição a narrarem sobre suas histórias de vida talvez tenha se dado pela resistência em se lembrar de certos episódios e, em respeito, segui adiante estabelecendo a rede possível que fui aos poucos desenhando.

Tendo contactado diversas outras instituições, desde à *Cáritas* até organizações menores como à *Abraço Cultural*, encontrei, por indicação de minha orientadora, um restaurante no bairro Barcelona, em São Caetano do Sul, dito ser um estabelecimento de um sírio que se refugiou no Brasil por conta da guerra em seu país e, consigo, trouxe toda sua família.

Vi nessa indicação a possibilidade de fazer outros contatos que estivessem dispostos a contribuir para com essa dissertação e, assim sendo, fiz minha primeira visita ao *Cantinho da Síria*.

Como registrado na apresentação do restaurante feita em capítulo anterior, os pedidos são feitos pelos clientes e recebidos pela caixa, proprietária e também gerente, Elaine Vidal de Rossi, em português, passados para os funcionários, entre eles, Moussa e Olga, em inglês que, quase a todo momento, comunicam-se entre si em árabe.

Logo em minha primeira visita, Elaine não economizou em simpatia e procurou conversar comigo do minuto em que entrei ali até ir embora.

No restaurante, trabalham também seu esposo, Badri Lutfi, proprietário e funcionário em seu próprio restaurante; seu sobrinho, Moussa Bittar, Mahmoud, um rapaz tímido, quase sempre quieto e apresentado pelos outros sujeitos sírios, colegas de trabalho dele, como sendo muçulmano; a irmã de Badri, Olga; entre outros três ou quatro funcionários que, ora estão, ora não, no restaurante devido aos turnos que cumprem, com os quais não tive contato.

Todos colaboraram muito com diálogos mais elaborados sobre assuntos específicos, mas somente três tiveram seus relatos registrados em áudio, em forma de entrevistas

No *Cantinho da Síria*, fui bem recebido todas as vezes que visitei, as relações, contudo, foram se estabelecendo à medida que minhas visitas tornaram-se mais frequentes. Uma relação de amizade com Elaine, por ser brasileira, foi essencial para intermediar meu contato com as outras pessoas, começando, lógico, por seu marido, Badri, homem, sírio e patrão de todos ali, bem como certo “chefe” da família de refugiados. Moisés e Olga, sobrinho e irmã de Badri, aproximaram-se de mim mais tarde, depois que eu já estava em pleno contato com Badri. Não direi que abordá-los foi tarefa fácil, mas admito que foi menos conflituosa para mim que para com os outros. Talvez por tê-lo feito em um ambiente conhecido deles, seguro e confortável, o intricar desses relacionamentos mostrou-se menos labiríntico.

Nossas primeiras conversas baseavam-se em assuntos cotidianos, sobre o restaurante e minhas curiosidades culinárias. Após algumas visitas, tratando de meros

assuntos cotidianos, passamos a conversar sobre circunstâncias das vidas de cada um deles de maneira informal, como quem relata para um colega sobre si, sem pretensões. Após boas semanas buscando inserção nesse pequeno universo, diálogos sobre traumas pessoais e saúde mental pós-guerra já se faziam percebidos e sem que assuntos anteriores direcionassem para tais tópicos. Por fim, notei que eu já não era mais considerado um estranho entre eles, foi quando, de surpresa, histórias e práticas de família me eram contadas sem que soubessem que viriam a ser relevantes para essa pesquisa. Isso confirmou-se para mim, sobretudo, quando apresentei a eles cada ponto da proposta e intenção em meu estudo e, em tempo de afugentá-los com extensa explicação, todos mostraram-se solícitos a colaborar enquanto sujeitos entrevistados.

O processo de ida a campo pode ser tarefa árdua para um pesquisador, requer e representa, sobretudo, a superação dos próprios receios, o ultrapassar de limites e, sobretudo, a insistência. O processo de inserção etnográfica, nesse sentido, serviu de plataforma na qual, enquanto pesquisador, pude notar trânsitos não lineares, abordagens e reações não esperadas, mas também as oportunidades do reinventar do planejamento do percurso metodológico de um pesquisador. Em outras palavras, se de um jeito não deu certo, porque não tentar de outro?

Para encerrar essa descrição do diário de campo, reflito aqui a partir das considerações de Covarrubias (2013), ao me alertar que "fazer etnografia" requer dedicação do pesquisador-participante não apenas para observar o campo, mas para produzir extenso diário de pesquisa, a partir de um processo de pesquisa que faz uso dos sentidos do pesquisador. Percorrer tal trajeto permitiu, por fim, para além das entrevistas, trazer minhas próprias experiências registradas, sensações e impressões nelas tidas a serem utilizadas como fontes de dados complementares a serem analisados dentro do contexto dessa pesquisa. E, dessa forma, experimentar desse universo cultural sírio para, em seguida, analisá-lo não apenas de forma objetiva e cartesiana, mas percebendo e sentindo sua pulsação.

## TRÊS NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA

Entendendo-se que as entrevistas trazidas a esse estudo foram realizadas tendo as Narrativas Oraís de História de Vida como método, este capítulo vem enfim apresentar e analisar as histórias das três pessoas entrevistadas.

Em *Três Narrativas de Histórias de Vida*, serão notadas as presenças de três vozes: há um narrador em terceira pessoa, de caráter mais objetivo; mas há também duas vozes diferentes em primeira pessoa, um *eu*, em itálico, com as falas originais dos entrevistados – respeitando autenticidade dos relatos e de como estes são representantes de quem são essas pessoas, como protagonistas de si mesmos, de seus próprios caminhos – e, por fim, uma terceira voz, tomando por modelo a dissertação de Prado (2015), que parece fazer uma “costura” com o discurso do narrador, promovendo inclusões próprias de impressões por parte do observador e pesquisador que, a partir daqui, com licença por parte da academia, deixa a escrita impessoal científica para tópicos anteriores e como sendo necessária para somente as discussões teórico-metodológicas por vir nesse estudo.

Em essência, esse capítulo será sobre identidades, sejam elas objetivas ou fruto da construção de cada um desses sujeitos sírios, em níveis individual e coletivo. Nos relatos, estarão expostos seus itinerários de vida, suas relações de trabalho, seus hábitos culinários, suas descrições sobre o universo que os rodeia, das cidades nas quais residem, pelas quais transitam em suas rotinas, seus posicionamentos políticos até olhares particulares sobre grandes acontecimentos considerados históricos para cada um.

### **Badri Lutfi**

Pode-se dizer que Badri, além de proprietário, é a alma de seu restaurante. Desde as primeiras visitas ao estabelecimento, sua simpatia e bom humor fizeram-se presentes e, quase que como cortesia da casa, tornam-se quitutes imateriais, servidos juntos das refeições de cada cliente que, por sinal, fazem questão de interagir com o sírio.

Ao meio-dia e trinta e quatro minutos, do dia 11 de setembro de 2018, visitei o restaurante pela primeira vez e, nele, decidi fazer minha refeição de almoço.

Badri tem figura robusta, cabelos castanhos escuros com alguns fios grisalhos e olhos verdes como esmeraldas, difíceis de não serem notados. Vestindo uma camiseta preta lisa, sem estampas, e calças jeans de tom azul escuro, estava atrás do balcão do caixa ao lado de sua esposa, conversando com ela e sorrindo em direção aos clientes que, assim como eu, adentravam a todo instante pela porta de vidro do restaurante.

Como alguém que estudou e lecionou inglês como língua estrangeira, bem como fez trabalhos como tradutor e intérprete, entendo como automático o ato do transitar entre o inglês, o português e o sírio. Ciente de que o restaurante era autenticamente sírio em sua composição, desde o nome até a origem dos funcionários que ali trabalhavam, procurei interagir com Badri no que se entende como língua franca desde meu primeiro cumprimento, mas Elaine, esposa de Badri, brasileira, deixou claro que eu deveria falar em português com ele porque achava que seria bom para ele praticar. E assim, o fiz.

A fluência de Badri na língua portuguesa pode ser julgada como intermediária, apesar de criticar a si próprio, considerando que está aqui há 5 anos e ainda não fala muito bem a língua. Badri elabora suas falas com muito mais rapidez, sem perder a precisão, para alguém que não pode se expressar em uma língua estrangeira tão bem quanto ele diz não poder fazer: *Eu falo palavras simples, por exemplo, agora, você vai entrar em algum assunto muito especial, eu não vou entender nada, eu não vou falar nada. Na vida simples, na vida normal, tô falando.*

Não só fala, como coloca humor a tudo o que diz, algo difícil de ser feito por um não nativo e não fluente de uma língua, considerando-se que humor enquanto sentimento é universal mas, a prática dele, é peculiar a cada língua na qual se expressa. Francisco Ramos Yus (2010) categoriza as piadas, expressões presentes no humor, como transferíveis, substituíveis e desafiadoras. Para atribuir entendimento a afirmação feita no parágrafo anterior, apresenta-se as transferíveis, possíveis de serem facilmente traduzidas e que usam de estereótipos sociais interculturalmente válidos para a geração de humor que podem ser encontrados em quase todas as línguas, podendo ser traduzidas a modo literal sem a perda do humor (como conteúdo ou do significado), e as substituíveis que,

por outro lado, são as que trazem em seus conteúdos e tem intrínsecos aos seus significados referentes culturais. Nesse caso, como disserta o historiador mexicano Iñigo Fernández (2012), embora as fontes linguísticas de humor não sejam as mesmas, as alternativas podem ser encontradas na língua-alvo, buscando-se atingir saldos similares de efeitos cognitivos. Dessa forma, Badri mostra-se capaz de fazê-las tanto sobre situações vividas por si próprio quanto sobre palavras da língua portuguesa que, para ele, soam engraçadas ou são confundidas por ele como outras.

Ainda sobre essa primeira visita ao Cantinho da Síria, o restaurante de Badri, Elaine questionou meu pedido, perguntando porque um jovem como eu estava a pedir um suco natural ao invés de um refrigerante, como muitos fazem. Explicando a ela sobre uma reeducação alimentar que optei por fazer pessoalmente, ela puxou Badri pela manga de sua camiseta preta e disse a ele para que ouvisse o que eu tinha a dizer: *Tá vendo? Você também precisa fazer isso!*, o que causou em nós três risos pela reação de Badri, fazendo-se de confuso, como quem não estava a entender o que a esposa dizia.

Seguido esse ocorrido e continuando nossa conversa, explicando mais a ela sobre minha reeducação alimentar, decidi me sentar em uma mesa próxima do balcão e, mesmo em todas as minhas outras visitas ao restaurante, continuei me sentando naquela mesma mesa que, hoje, é considerada por eles como minha.

Curiosos por saberem quem me indicou o restaurante e se eu já havia tido experiências culinárias árabes, percebi que esse assunto poderia servir para estender da conversa e para que conhecessem meu propósito ali. Mencionei, então, a ida a campo que tive de fazer para com a comunidade armênia em São Paulo em estudos da graduação que, desse modo, me levaram também até à comunidade síria. Explicando sobre minha pesquisa e defesa do uso do termo genocídio para o que ocorreu com os armênios, sob domínio turco-otomano no início do século XX, Badri interferiu, confirmando o que eu já sabia, que: *os sírios ajudaram os armênios muito! Os armênios fugiram para a Síria dos turcos.*

Percebendo que a cultura síria não me era totalmente estranha, Badri mostrou-se mais confortável ao conversar comigo e, daí, deslanchou-se uma conversa que, francamente, não imaginei que fosse acontecer tão cedo.

Conversando sobre diversos assuntos, inclusive sobre o uso das diferentes línguas no ambiente de trabalho deles, e também no âmbito familiar de todos eles, considerando que Elaine, diferente de Badri, seus irmãos e sobrinho, é brasileira, ela me disse que todos se esforçam para aprender o português e que, apesar das dificuldades, encontram muitas palavras na língua que foram adotadas do árabe. Badri, então, passou a me contar sobre todas quais se lembra. *Açúcar, as-sukkar; alfaiate, al-khayyât; alface, al-khaç; arroz, ar-ruz [...]*. Em seguida, sobre a língua, Badri comentou sobre um episódio engraçado para ele, mas, principalmente para esposa, no qual, em uma corrida, perguntou a um taxista, apontando: *Que é isso?*, que, para nós, no português, são prédios, edifícios. Ao encontrar a esposa naquele mesmo dia, Elaine disse que Badri resmungou, dizendo a ela, que o taxista havia resistido a responder sua pergunta, dizendo “*é difícil, é difícil*”. Confuso, Badri voltou a perguntar a esposa sobre as construções altas, que não são comuns na Síria. Ela, então, associou, pela pronúncia semelhante de “edifício” e “é difícil”, confusão feita pelo marido, explicou a ele e, ao me contarem sobre, juntos rimos do acontecido. São situações como essas que, na pesquisa etnográfica e participante, permitem que o pesquisador se aproxime dos seus sujeitos da pesquisa, ganhe confiança e profundidade.

O restaurante tornou-se não só cenário de muitas das minhas refeições, mas das minhas interações com sujeitos de um universo pelo qual eu havia me interessado genuinamente e, por assim dizer, foi o local onde realizamos as entrevistas.

O estabelecer de uma relação de amizade entre mim e Elaine e de confiança entre mim e Badri foi essencial para que os outros sírios da família se mostrassem também receptivos. Assim, fiz visitas constantes, quase que diárias, do início de setembro até o final de outubro de 2018, para me aproximar deles e me inserir em seus cotidianos no restaurante, possibilitando assim a pesquisa etnográfica.

Essa presença e esse contato estabelecido ao longo de dois meses foram necessários para que Badri cedesse ser entrevistado formalmente, com depoimento gravado, utilizando as técnicas das narrativas orais de histórias de vida. Isso ocorreu em 30 de outubro de 2018 às 15 horas e 34 minutos no restaurante Cantinho da Síria, no bairro Barcelona, em São Caetano do Sul. Também foi um período necessário para que

eu, como pesquisador-participante, sentisse-me também confiante em realizar a entrevista, munido de várias informações pessoais sobre aquelas pessoas, preparado um roteiro próprio a cada um deles, a partir de suas próprias histórias.

Gravada no cantinho do *Cantinho da Síria*, logo que cheguei ao restaurante, antes de nos sentarmos para começarmos a entrevista, Badri disse que se sentia melhor tendo gravada só sua voz, pois ele era tímido e ficaria envergonhado se registrado também em vídeo. A garantia de que a entrevista seria gravada só por mim e em áudio fez com que ele se sentisse mais confortável e disposto a falar comigo tranquilamente.

Ainda pouco antes de iniciar a gravação, Badri fez algumas brincadeiras comigo, como ao perguntar se sua voz soaria bonita no áudio para aqueles que ouvissem sua gravação e, sobretudo, que esperava ficar “famoso” por meio desse estudo. Mesmo sem se dar conta do que dizia, de forma bem humorada, brincando com a fama que poderia vir da exposição, posso considerar que essa fala de Badri, diante das minhas perspectivas teóricas, tem alguns significados: "ficar famoso", nesse sentido, indica ter visibilidade, ser reconhecido, sair do anonimato, ganhar protagonismo e ter sua voz ouvida, ou seja, romper o silêncio. Nesse sentido, de acordo com Louis Althusser (1985, p. 63), a piada, por meio da metáfora de tornar-se famoso, nesse caso, torna-se significante, por estar inscrita na cadeia de um discurso inconsciente.

Sendo o que Pechêux (2009) entende por ser um "fenômeno semântico fabricado por uma substituição contextual, produzindo um deslizamento de sentido", o que Badri faz pouco antes de iniciar sua entrevista é, como apresenta o autor, um procedimento inconsciente passado para seu discurso no qual, nas entrelinhas, percebe-se a presença de um universo particular da constituição do sujeito.

Aos 44 anos, Badri Lutfi, sírio, no Brasil há cinco anos, entre Santo André, onde reside, e São Caetano, onde trabalha, tem o trabalho como um de seus mais importantes valores e isso fica claro em suas falas. Ao longo de sua entrevista, a importância do trabalho como sendo parte da sua identidade e, segundo ele, de sua família, ficou clara e fez-se presente repetidas vezes, especialmente ao tratar de seu estabelecimento junto de sua esposa como um divisor de águas em sua vida.

Nascido em Damasco, como seus pais e irmãos, Badri contou que toda sua família é de lá, desde que seu avô materno, que era grego, chegou à cidade: [O avô] *fugiu da guerra da “Grega” [Grécia] contra a Turquia e foi pra Síria. Agora, meu outro vô, família dele do Líbano.*

Ao elaborar melhor sobre as origens de seus avós, Badri continuou: - “[...] *acho que ele nasceu na Síria e o vô dele nasceu no Líb... a família da família dele, sabe? Tipo, sua família está aqui 200 anos, mas família mesmo do Portugal. É assim! Mas meu vô do lado da minha mãe, ele chegou da Grécia... Grécia, né?*, corrigindo a si mesmo, enquanto buscava por minha validação linguística, por ter se referido antes ao país como “Grega”. *Mas, só eles de fora, mas tudo a gente é sírio da Síria mesmo.*

A identidade nacional, nesse caso, também é constituinte do sujeito, no entanto transcende a identidade unitária e reflete identificação coletiva. Nesse sentido, acaba por tomar-se uma acepção de "natureza humana vista como um legado durável e que não deveria ser revogado" (BAUMAN, 2008, p.180). Percebe-se pela fala de Badri que as categorias sociais comuns antes utilizadas para atribuir identidades aos diferentes sujeitos de maneira objetiva, passam a ser consideradas e surgem, agora, nas práticas sociais múltiplas. Seus avós, como narrado por ele, eram gregos e libaneses e, apesar dessas culturas muito provavelmente terem-no influenciado, bem como toda sua família, reafirmam-se as identificações em âmbito global, com relação aos "outros", e local, reforçando laços internos e mesmo para além do Estado-nação (HALL, 1998, p.67).

Ainda sobre quem é e como se entende enquanto sujeito, Badri não faz questão de disfarçar devoção, terminando, quase sempre, suas frases dando “graças a Deus”, demonstrando ter sua religião, como sendo outro fragmento de sua essência perante o universo no qual estava e no qual está atualmente inserido: - “*Eu sou cristão ortodoxo. A maioria da nossa religião, que é mais aberta, é mais o lado da Europa, tipo, festas, aniversários... não é tão cabeça aberta como aqui [Brasil], por exemplo, não pode namorar... morar junto com uma mulher! Vai ficar muito problema... mas dá pra, por exemplo, vai ter namorada, mas ela mora na casa dela, você mora na sua e, aí, vocês sai junto. Não é sair pra dentro, mas sair pra fora. Não mora junto. Agora, sair pra dentro é*

*segredo, sabe? Tipo – “não fala pra ninguém, se alguma viu a gente, abaixa” – é muito medo. Assim!”.*

Ao conversar com Badri sobre essas questões de costumes diferentes no Brasil e na Síria, o que posso considerar acerca da identidade me faz perceber que, em primeiro caso, os costumes, muitas vezes, caracterizam-nos como sujeitos culturais. Nessa fala, Badri trata de como as mulheres podem ser vistas e tratadas nas duas culturas. “Sair para dentro” e “sair para fora” são termos metafóricos que Badri utiliza como recurso linguístico possível para expressar o que considera das mulheres em seus relacionamentos, aqueles que sejam lícitos e permitidos podem “ir para fora”, os outros, diferentes disso, ficam escondidos. Uma segunda indicação dessa fala me permite perceber como se dá nos costumes e, no relacionamento, a característica conservadora da cultura síria no que diz respeito às mulheres.

O que se sabe, objetivamente, desses hábitos e costumes sírios é que mesmo dispondo de seus direitos, a cultura patriarcal nas comunidades étnico-culturais árabes, no Oriente Médio, é bastante forte e, por isso, a posição da mulher nas estruturas familiares é de submissão (STEANRS, 2007, p. 75). Por Kevorkian (1993), nesse sentido, ainda que a mulher árabe passe a participar mais da força de trabalho, na política e na educação da década de 90 em diante, ainda há um longo caminho a percorrer.

A importância no relato de Badri está em seu perfil, como sendo um homem sírio de meia idade, tendo vivido boa parte de sua vida, sobretudo, na Síria e por representar em sua família, hoje no ABC Paulista, uma figura patriarcal, que representa e, por ora, fala por todos os outros, em situações nas quais uma autoridade familiar é necessária, mas também quando as lacunas linguísticas se fazem percebidas. Nesse sentido, apresenta-se aqui de forma breve um elemento de cultura que se mostrará mais explícito nos próximos relatos de Badri discutidos nesse estudo.

### **Moussa (Moisés) Bittar**

Moussa ou, como prefere ser chamado no Brasil, Moisés, é um jovem de quase 18 anos, de pele em tom oliva e olhos verdes, como os de seu tio, Badri, e mãe, Olga.

*Moussa é meu nome na Síria. É que como que aqui eles vão falar que é “moça”, então, eu mudei meu nome para o Moisés, que é a tradução do Moussa.*

Em conversa com seus tios, Badri e Elaine, em minha primeira visita ao estabelecimento, Moisés mostrou-se curioso por minha presença enquanto cliente, por nunca ter me visto ali antes, mas também por notar que muito falávamos. Buscando saber de que tanto conversávamos, aproximando-se constantemente do balcão tentando nos ouvir, decidi fazer um sinal de *hang loose* de longe, sorrindo para mim da passagem da cozinha para o salão de mesas do restaurante.

Depois de ter me cumprimentado de longe e, ainda por algum tempo, muito me observar, Moussa aproximou-se de mim e perguntou se eu gravava vídeos para o YouTube, pois, segundo ele, havia me assistido no YouTube em vídeo-aulas, dando dicas sobre como se sair bem ao escrever uma redação no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio).

Confuso com a associação, disse a ele que não era eu, que o rapaz que ele havia assistido era outro, parecido comigo, talvez, mas não eu. Disse isso já esperando que a negação fosse afugentá-lo de conversar mais comigo, mas pelo contrário. Após explicar a Elaine melhor sobre minha pesquisa sobre a presença cultural síria em cidades do ABC Paulista, a tia de Moisés continuou a me contar sobre a experiência de todos eles aqui no Brasil, mencionando que todos gostam muito dos brasileiros, até mais que dos próprios árabes e, para minha surpresa, Moisés complementou dizendo rápido enquanto passava por mim com uma bandeja cheia de copos que [...] *árabes no Brasil roubam árabes. Brasileiros, não. Brasileiros gostam da gente!*, e, tendo ouvido tal afirmação de um rapaz tão jovem, logo me dei conta de que, se evocados, daquela frase, muito provavelmente viriam relatos individuais e coletivos sobre si próprios e as experiências de sua família para com outros árabes desde a migração para o Brasil.

Nascido em 18 de maio de 2001, em Damasco, capital da Síria, vivendo no Brasil desde 2016, Moisés diz já “ser quase brasileiro”. *Tô virando brasileiro, porquê... tem que ser brasileiro pra se adaptar aqui.*

Ao ser questionado sobre o que quis dizer com sua fala sobre tornar-se brasileiro para se adaptar ao Brasil, Moussa explicou que está tentando pensar a mesma coisa que

brasileiro pensa. Em busca de um exemplo para fazer uma analogia, Moisés fez uma pausa de alguns segundos e seguiu com sua explicação. *Uma vez, um cara na série falou assim: - “Para saber outro país, você tem que pensar o mesmo que aquele país”. Tipo, se era Brasil, se é pra entrar numa guerra e ganhar o Brasil, tem que saber como eles pensam. A gente tem que estudar como eles pensam. Eu não tô dizendo que eu quero entrar em guerra, não. Mas para fazer parte do brasileiro tem que pensar que nem o brasileiro, ficar que nem eles, para conseguir fácil entrar nos grupos brasileiros... não ficar daquele jeito sírio.*

Ao ouvir a explicação do jovem, dei-me conta de que estava a me deparar, novamente, com o ato da identificação e da representação. Moisés entende que, para inserir-se em comunidades culturais brasileiras, deve pensar e agir como elas, enquanto, como sírio, com muita dificuldade passaria a fazer parte delas por pensar e agir como pensa e age em seu universo cultural. Cá tem-se, então, de novo, os entendimentos sobre si e sobre o outro.

Ainda sobre o olhar de Moussa sobre si próprio, o jovem diz que existem dois dele: [...] *um sírio e o brasileiro. Sírio com família dele e brasileiro para brasileiros. Se ele for brasileiro com a família dele, vai dar muito ruim! Se ele for sírio com os amigos dele, vai dar muito, muito mais ruim!* Sobre tal afirmação, entende-se tal dualidade ou o transitar entre as identidades criadas inconscientemente pelo jovem, como o que Stuart Hall (1998) descreve como sendo o processo no qual as velhas identidades, que, por tanto tempo, estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado" (HALL, 1998, p. 7).

Indo além, nessa dualidade, é possível notar também uma estratégia de sobrevivência. Ou melhor dizendo, uma transação ou negociação cultural que permite sobreviver e viver nessa nova realidade.

O depoimento de Moussa ilustra como se vive na interculturalidade, tendo em vista que sua existência social, protagonismo e luta contra o silenciamento se dão, sobretudo, a partir dessas negociações. Negociações que, se refletidas por lentes macro, podem ser associadas aos que Michael Pollak (1989) entende por *modus vivendi*.

*Eu sou completamente diferente com minha família e meus amigos. Eu não sei como isso aconteceu, não foi de propósito, não, foi assim. Tem que ser assim, se não for assim, vai dar merda [...] mas eu sou eu! Eu tô tentando me mudar, mas eu não posso, porque eu sou eu.*

A identidade do sujeito enquanto construção da essência, nesse caso, passa a ser, então, uma celebração móvel do eu que afeta o entendimento de um indivíduo sobre o outro, também em constante transformação. A identidade é formada e transformada de maneira contínua, de acordo com formas pelas quais somos representados e, sobretudo, pelos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, em campo de construção social, não biologicamente (HALL, 1998, p. 12-13).

E, assim, compreende-se Moisés em seu universo cultural particular e, também rodeado por outro, segundo seu próprio relato, que ainda faz-se confuso para ele.

A importância de Moussa como sendo sujeito nessa pesquisa, indivíduo central de sua história e disposição em narrar sobre seus anos vividos da Síria em contraposição com sua vida no Brasil, está na possibilidade de compreender as questões trazidas por esse estudo pela perspectiva, "lentes" de um rapaz sírio mais jovem, em constante contato com sujeitos do ABC Paulista devido sua vivência escolar na região e por narrar de modo peculiar a si, apresentando vícios de linguagem jovial que, em discussão, podem ser apontados como sendo o preceito de multilinguismo entendido por Alsina (2008).

### **Olga Lutfi**

De toda a família Lutfi e funcionários que trabalham no Cantinho da Síria, Olga parece ser a mais tímida. Tanto provou-se como tal que foi a última deles de quem me aproximei. Com pouco mais de 1 metro e 50 centímetros de altura, cabelos loiros sempre presos em um coque enquanto está trabalhando no restaurante, pele em tom de oliva, quase como a de seu filho, Moisés, e olhos verdes, Olga exala doçura e desperta sensação de acolhimento ao simplesmente direcionar o olhar às pessoas. Foi assim, ao menos, que me senti todas as vezes que interagi com ela, ainda que minimamente.

Atenciosa, movimentando-se sempre com muita rapidez pelo restaurante, mas sem perder a delicadeza, Olga foi apresentada a mim por Elaine, sua cunhada. “*Essa é minha cunhada, Olga. Síria e professora de francês aqui no ABC*”. Ao ouvir a apresentação feita por Elaine, surpreendi-me diante de tantas possibilidades para uma pessoa só: síria, migrante, professora de francês no Brasil, com domínio da língua inglesa e não da portuguesa, provavelmente a língua de seus alunos e alunas. E a própria Elaine comentou sobre o quão fragmentados somos, o que Zygmunt Bauman (2005) em seu livro *Identidade* consegue nos explicar a partir de uma experiência que o próprio autor relata que: “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro” (BAUMAN, 2005, p. 32).

Atualmente com 47 anos de idade, transitando entre Santo André e São Caetano, cidades da região do ABC Paulista onde reside e trabalha desde 2016, Olga é professora de línguas na unidade andreense da Berlitz e, sobre a instituição relata sua gratidão, pois foi a única escola que a contratou desconsiderando sua inabilidade de falar português fluentemente. *[Berlitz] was the only school who said to me “we don’t care that you don’t speak Portuguese, we think, in fact, that’s even better! We prefer that you only speak French because you’ll teach French”, so, in school, you are not allowed to speak Portuguese, in class either, so, great!*<sup>9</sup>

Segundo Olga, a capacidade de se expressar muito pouco na língua portuguesa a distanciou de muitas oportunidades profissionais e, inclusive, de se comunicar informalmente com brasileiros.

*The other schools, when I was seeking for a job, they would say “oh, you have a degree in French but you can’t speak Portuguese, how will you teach? ”, whereas in Berlitz, I can talk to other teachers in English, French, a little bit of Portuguese...*

---

<sup>9</sup> “[Berlitz] foi a única escola que disse “tudo bem que você não fala português. Nós achamos, inclusive, que isso é ainda melhor! Nós preferimos que você fale somente em francês, já que você estará ensinando francês”, sendo assim, na escola, você não pode falar português, nem mesmo em sala de aula, então, ótimo!” (Tradução nossa)

*sometimes! I try but I get nervous. [...] when I was still in Syria, I started to study and learn a bit of the language with a program (app) called Babel. And that was very fun, I studied a lot, I liked the language, they talked slowly on the app, I could understand it but when I arrived... you [em expressão plural, referindo-se a brasileiros] speak very fast, you “eat” the words, I don’t know, it must have been another language that I was studying in Syria”, contou debochando da situação. “When I was in Syria I thought “when I arrive to Brazil, I will be able to understand, to talk...” but I was in shock when I arrived. This was very hard.<sup>10</sup>*

A própria Olga, ao concluir essa parte de seu relato, narra sobre ser mulher, irmã e professora, e destaca sempre seu papel como mãe de Moisés que, segundo ela, é indispensável ao se descrever, é intrínseco a sua identidade. *I can’t separate myself from him. I can’t separate my ideas or my plans from him. Even if I want to go to a place for two days only, I cannot go without him.<sup>11</sup>* Ao expressar que tal sentimento é comum à maternidade, a síria ressalta que sim, mas que, sobretudo, [...] *this is the behavior of Arab people<sup>12</sup>*, delineando que, em seu entender, essa é uma perspectiva de povos árabes, de orientar-se pela família para formar a si próprios.

Pensando assim, faz-se necessário argumentar que toda prática social está ligada com um significado cultural. Em outras palavras, ao narrar a natureza da maternidade

---

<sup>10</sup> “As outras escolas, quando eu estava a procura de um emprego, diziam “Você é formada em língua francesa, mas não fala português, como é que você irá lecionar [a brasileiros]?”, enquanto na Berlitz, posso falar com os outros professores em inglês, francês e até um pouco de português... às vezes! Eu tento, mas fico nervosa. [...] quando eu ainda estava na Síria, eu comecei a estudar e aprender um pouco da língua com um aplicativo chamado Babel. Era muito divertido, eu estudei bastante, gostei da língua, pois no aplicativo falava-se devagar, então, eu entendia... até eu chegar aqui.. vocês falam muito rápido, “comem” as palavras e, não sei, pareço ter estudado outra língua na Síria. [...] Quando eu estava na Síria, eu pensava “Quando eu chegar ao Brasil, poderei entender [o português], conversar...”, mas levei um susto quando cheguei. Isso foi bastante difícil”. (Tradução nossa)

<sup>11</sup> “Não posso separar a mim dele. Não posso separar minhas ideias ou planos dele. Mesmo se eu viajo para algum lugar por dois dias somente, não posso ir sem ele”. (Tradução nossa)

<sup>12</sup> “É assim que se comportam os árabes”. (Tradução nossa)

como sendo um valor srio, Olga exemplifica, sem conhecimento teórico algum, que toda prática social tem, para cada sujeito, uma dimensão cultural, da mesma maneira que Hall aponta em seu texto (1997, p. 33). Por assim dizer, argumenta-se aqui que, o que se entende como identidade, pode também ser a posio firmada pelo sujeito em sua vida. Posies também adotadas e que são ocasionadas por um conjunto de sentimentos, histórias e experiências unicamente desses sujeitos individuais. Em suma, posies que derivam de um processo de identificao que permitem, por exemplo, que Olga se posicione no interior das definies que traz em seus discursos culturais, dentro dos quais, sobretudo, subjetiva-se (HALL, 1997, p. 26-27).

## NÓS E OS OUTROS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

### Sírios e brasileiros

Considerando-se que, no processo de construção de identidade, o Eu se faz na contrapartida do Outro, pode-se observar nos relatos de histórias de vida de Badri, Moisés e Olga como vão articulando essa construção de si, sujeito sírio, a partir do outro, sujeito brasileiro. Ao relatar quem são, seja de modo individual ou coletivo, o processo de identificação que fazem é, também, um processo de divisão tanto quanto, ou até mais do que, de união (BAUMAN, 2005, p. 85). Em outras palavras, por meio das narrativas de identificação desses sujeitos sírios, nota-se intenções tanto inclusivas quanto segregatícias, como quem delimita onde termina o eu-sírio ou o nós-sírios para dar espaço ao você-brasileiro ou vocês-brasileiros (BAUMAN, 2005, p. 85).

Compartilhando do mesmo trajeto de deslocamento até o Brasil, apenas os tendo feito em anos diferentes – Badri tendo migrado no ano de 2014, enquanto Moisés junto de sua mãe, Olga, chegaram ao Brasil em 2016 – todos relatam similarmente suas saídas *da Síria para o Líbano e do Líbano para o Brasil – [...] there are no airplanes, direct flights from Syria to Brazil, so we went to Libano first and from Libano we flew to São Paulo*<sup>13</sup> – por esse motivo, evitando repetição, trataram-se a seguir somente suas chegadas ao país, primeiras impressões, dificuldades encontradas ao instalarem-se aqui e, por fim, o que pensavam antes e pensam, hoje, sobre o Brasil e os brasileiros.

Badri conta que veio ao Brasil, inicialmente, por causa de sua esposa, Elaine, quem conheceu pela internet e, por ela, decidiu ficar: *[...] conheci meu esposa pela internet. A gente conversou um ano e, ali, cada um começou a amar o outro. Ela não pode sem falar comigo, eu não posso sem falar com ela, então, você acha? “Você vai para o Brasil?” – “Eu vou!”. Simples assim!*

---

<sup>13</sup> “[...] não têm voos diretos da Síria para o Brasil, então, fomos ao Líbano primeiro e de lá voamos até São Paulo”. (Tradução nossa)

Sobre sua chegada, Badri conta que se hospedou em um hotel antes de ir para casa com sua namorada, hoje esposa, Elaine: *Eu cheguei no aeroporto, ela me pegou no aeroporto e, aí, a gente saiu do aeroporto para um hotel, porque ela tava com medo, sabe? A gente tá conversando há um ano, né, mas eu posso ficar um louco, por exemplo. [...] Era perigoso ela me pegar pra casa dela. Ela falou antes de eu chego aqui – “Você fica triste de ficar primeiro dia, segundo dia e terceiro dia no hotel? Só para conhecer cada um, conhece como é o outro...” – “Não, eu quero também! ”. Era perigoso pra mim também, né? Talvez, ela vai me matar, pegar meu coração, vender... não é fobia, mas 5% fica na cabeça – “tô fazendo certo ou...”. “Quando você ficar tranquila, eu ficar tranquilo, vamos pra casa”, eu falei.*

A companhia de sua esposa mostrou-se crucial, desde o início, para que Badri tomasse a decisão de ficar no Brasil e, aqui, recomeçar sua vida, pois, em seu país de origem, o conflito que conhecemos hoje já vinha tomando as proporções atuais. Com sua família ainda na Síria meio à guerra, contudo, Badri admite não ter sido uma decisão fácil. *Quando eu cheguei, fiquei dois anos aqui sozinho, sozinho com minha esposa [Elaine], né?*

Considerando que foi o primeiro de sua família a migrar para o Brasil, Badri percebeu-se sozinho, ainda que em companhia de sua esposa. Por isso, corrigiu a si mesmo, demonstrando que “ficar sozinho” significava estar longe de sua família síria, uma vez que tinha a companhia de Elaine, indicando a importância e o significado que pátria e família tomam no processo de construção da identidade quando numa situação de imigração e refúgio. Segundo Homi K. Bhabha (1998, p. 200), pode-se entender esse sentimento de Badri como o que dá significado a um povo, uma nação ou uma cultura nacional. Em suma, o sentimento de solidão caracteriza o sentimento de pertencimento ao seu grupo cultural. Mesmo na companhia de Elaine, naquele momento, a solidão se caracterizava diante de um sujeito-cultural diferente. Esse relacionamento, por sua vez, provocou afloramento da cultura nacional de Badri (BHABHA, 1998, p. 215).

*Mas, da minha família, cheguei primeiro e, aí, tava muito preocupado com eles e eu tentei muito pra eles vim, porque eles não queria. Minha mãe já 60 e pouco. Sempre velhos não gostam sair país, meu irmão tava trabalhando com ouro também, não queria*

*sair, mas tava perigoso para continuar lá. Bomba caía aqui, no hotel, cai lá, às vezes não cair, mas o exército vai chamar meu irmão pra ele vai pra guerra. Então, eu falei muito eles – “[...] não, vamo, vamo!” – fiz por 3, 5 meses e aí eles veio.*

Ao contar sobre seu receio de que seu irmão mais novo fosse chamado a servir o exército nacional, Badri me recordou de outros relatos informais não registrados que ouvi de outros dois rapazes sírios jovens que buscaram refúgio no Brasil pelo mesmo motivo, justamente, para que não tivessem de ir para o Exército, pois o serviço militar, para eles, decerto, significaria a morte, considerando a gravidade do conflito no país, de que Badri lamenta a morte de tantas pessoas nesses oito anos de conflito.

Com relação a sua mãe, uma senhora assertiva, como descreve Badri, o sírio explica que trazê-la, bem como mantê-la no Brasil, foi um de seus maiores desafios. *Quando ela chegou, o primeiro ano tava muito difícil. Ela chorava – “Não, eu quero, vou voltar, não posso!” – por que ela não fala português, ela não conhece ninguém. Lá, por exemplo, na Síria, se ela vai sair da casa, 200 metros, só mercadinho para comprar coisas, ela encontra a vizinha dela, fica 15 minutos conversando, na volta ela encontra outra vizinha e conversa também... assim. Aqui, ela sai, volta, mas não fala com ninguém, fica sozinha... ela ficou quase louca! Ela ficou louca e me deixou louco, conclui em tom de brincadeira.*

Sobre abrir o restaurante Cantinho da Síria, no bairro Barcelona em São Caetano do Sul, Badri ressalta que não poderia tê-lo feito sem sua esposa, Elaine, apesar de a ideia ter sido sua. Em tom de orgulho, relata:

*A gente conversou, mas quem teve a ideia foi eu. Falei pra minha esposa “[...] acho que a gente vai abrir um restaurante”. Eu gosto que, quando eu trabalho, eu controlo meu trabalho. Não gosto ninguém me controla. Agora, por exemplo, o cliente me controla, se ele gosta da comida, se não gosta, mas ele não controla, assim, “faz assim”, “não, faz assim”. Foi minha decisão, mas quem decidiu? A gente decidiu junto! Porque não posso decidir sozinho, sem ela, porque não vou saber como começar. Eu não falava nada naquele tempo, então, eu precisava dela, ela precisava de mim, então, tipo, parceiros, companheiros. [...] Primeiro, ela falou “legal, gostei”, ela pensou, eu pensei. A gente tava com medo, porque quando você faz um prato de arroz com carne pra uma*

*pessoa, três, quatro, é uma coisa. Agora, quando você tem restaurante, talvez vai entrar 50 pessoas por dia, 60, 100, então, quando é assim, a panela é de outro tamanho. Ela falou “você não acha perigoso? Porque não é seu trabalho... você já cozinhou para mim, você gosta de cozinhar, mas você não acha perigoso?” e me deixou, assim, com medo também. Pensei, voltei, cancelei, voltei... mas não tem jeito! “Se não der certo, vamos fechar. Tá bom! Quem perde dinheiro, tá bom. Não tô falando que dinheiro não é nada, mas quando você entra numa coisa e tá perdendo seu dinheiro, tudo bem, Deus manda outra coisa e pronto. A gente que faz dinheiro, não é dinheiro que faz a gente. Agora, você vai perder seu saúde? Aí, é outra coisa! A gente, no máximo, vamos perder dinheiro.*

A relação com a esposa brasileira mostrou-se de muito companheirismo. Desde que os conheci, Elaine e Badri pareciam muito mais que um casal, mas bons companheiros. A relação romântico-afetiva, entretanto, não fortaleceu-se somente de entendimentos, mas desentendimentos, segundo Elaine, causados pelas diferenças culturais entre os dois.

Em diversas das minhas visitas ao restaurante, Elaine relatou sobre desencontros linguísticos que provocaram mal entendidos e até mesmo gestos que, para Badri, enquanto sírio, eram ofensivos e, para ela, enquanto brasileira, não passavam de mímicas cotidianas comuns a comunicação não-verbal do brasileiro. Badri conta situações em que apenas um gesto de Elaine o fez sentir-se chateado com a esposa e que, somente depois, a partir do diálogo, perceberam suas diferenças culturais e pôde entender o que tal gesto significava para ambos e o porquê de suas reações.

A discussão deu-se no restaurante, enquanto Elaine atendia um cliente por telefone e Badri tentou chamar sua atenção, mas Elaine, incapaz de se comunicar ao telefone e com Badri ao mesmo tempo, fez com uma das mãos abertas o gesto que se faz, no Brasil, como quem diz "espere aí". Para Badri, ou melhor, para os sírios, o mesmo gesto é feito quando na presença de alguém com más intenções de cobiça, em outras palavras, invejoso. *Aqui, ela tava no telefone, alguém fazendo pedido, perguntei uma coisa pra ela e ela faz assim pra mim [imitando o gesto com a mão] e eu fiquei bravo. [...] na Síria isso é para pessoas de inveja. Chamamos de "olho azul", explicando o que, no Brasil, chamamos de "olho gordo".*

Eis aqui uma questão de comunicação intercultural, provocando um indireto exercício de reconhecimento de si, enquanto sujeito parte de uma cultura, e da constituição da diferença, de quem e como são os outros. Esse é mais um processo fruto da globalização, como sendo um fenômeno capaz de posicionar inúmeras culturas no mesmo espaço, podendo ser vistas de diferentes perspectivas, como num caleidoscópio (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 60).

Badri alega nunca ter sabido muito sobre o Brasil enquanto vivia na Síria. Segundo ele, o país não é tão falado por lá como é no Ocidente. Ao perguntar sobre sua maior surpresa ao chegar, Badri respondeu sem titubear: - "*Língua!*".

*[...] Tava com minha esposa no hotel, tava falando português e eu fiquei amarelo. Eu tava com muito medo, tipo, "que eu vim fazer aqui? Como eu vou falar com esses povos? ". Esses povos, não, né? Esse povo. [...] Porque, pra mim, eu nunca escutei português. Filmes eu sempre assisti em inglês, música, se eu não vou escutar em árabe, eu escuto em inglês, então, português, ele está muito estranho pra minha orelha. Eu tava olhando como eles tava controlando a língua deles dentro da boca... é muito estranho pra mim!*

Opinião unânime entre os outros sírios que conheci e com os quais conversei, a língua é o fator de maior surpresa, em sentido de estranhamento, para migrantes de tal comunidade étnico-cultural.

*Imagina, você vai para à Síria, não fala nada e escuta um "shshsh". Você fica com medo, né? - "Como vou passar em minha vida aqui? " - porque eu não cheguei aqui por causa de turismo. Eu tava aqui porque eu decidi que vou morar aqui. Então, eu já sei, preciso aprender essa língua, mas quando escutei a primeira vez..., narrou com expressão de susto, de olhos arregalados e sua mão direita sobre seu queixo.*

De fato, em pesquisa sobre políticas públicas dos governos federal, estaduais e até municipais, notei que são poucas, quase nenhuma, as iniciativas do ensino da língua para imigrantes ordinários e em condição de refúgio, o que faz com que esses imigrantes tenham de buscar, eles mesmos, artimanhas para aprender a língua do país no qual se instalam, temporária ou permanentemente.

Ao meu ver, mostra-se aqui a importância da língua no processo de construção de identidades. Tanto no caso de imigrantes ordinários como na condição de refugiados, o português, mais que uma nova língua, para a comunicação intercultural, torna-se um elemento de mediação (WARNIER, 2000 *apud* FERRARI, 2015, p. 48). A língua, como instrumento de interação, é chave para que se possa compreender os novos valores e normas culturais e, sobretudo, expressar sua cultura e conhecimentos (HALL, 2006, p. 40).

Nas entrevistas realizadas para essa pesquisa, o mesmo aplicativo de celular Babel foi citado como referência para o estudo da língua portuguesa e, pelo que foi relatado, parece ser popular na Síria também para o estudo complementar de outras línguas.

Para Badri: [...] *não é fácil, mas o que deixa a língua portuguesa mais fácil é que ela é uma língua latina, né? Mesmas letras da francês, mesmas letras do inglês e, aí, a gente estudou lá [na Síria] o francês, inglês... minha irmã é professora de francês, eu estudei francês. Eu gostava muito de inglês e aqui, no começo, falava inglês também. Tem algumas palavras muito parecidas em inglês com português, francês. Só troca algumas letra e, aí, converso todo dia com cliente aqui no restaurante e comecei.*

Por sua vez, Badri diz que nada além disso o assustou, com exceção dos relatos dos próprios brasileiros próximos dele sobre a violência provocada pela criminalidade no país. *Quando o brasileiro conversa, assim, sobre ladrão e essas coisas – nunca aconteceu nada comigo, graças a Deus – Uber fala também, pra não reagir, senão o ladrão vai matar você, pra mim, isso é estranho. Agora, você vai falar “ele tem guerra lá na Síria e aqui vai ter medo sobre ladrão?”, mas antes da guerra, a Síria tava primeiro, segundo lugar em segurança no mundo. Terceiro lugar em segurança no mundo. Andava na rua com dinheiro, assim, agora, esse guerra deixa todo mundo louco. Fico com medo se algum dia vai aparecer um ladrão pra mim aqui, não sei, minha reação, como vai acontecer. Já acostumei, acostumado. Na minha vida, quando alguma coisa acontece comigo, eu tenho reação. Não pode ficar parado. Então, é isso.*

Com relação as vestimentas comuns a boa parte dos brasileiros, Badri diz que, para ele, a capital da Síria, Damasco, era quase tão cheia de diversidade quando a região do ABC Paulista. Isso, contudo, para parte dos damascenos.

*Pra mim, normal, mas se você falar com outra pessoa do Damasco [...] na mesma cidade, muita mistura [...] ele vai falar. Tem algumas que é meio demais, mas o que o brasileiro veste, não, não é muito estranho para mim. Agora, se você perguntar meu funcionário que é mulçumano, ele vai falar, porque eles não andam sem burca, sem hijab, tudo mulher fechado lá na região dele, então, pra ele vai. Então, imagina, você mora aqui em São Caetano, aqui um tipo de roupa e no final da Goiás outra... então, assim, lá no Damasco.*

Nota-se que, até mesmo ao falar sobre os sírios como um grupo social específico, Badri diferencia-se de seu funcionário, muçulmano, por exemplo. Neste caso, pode-se dizer que, até dentre eles mesmos, Badri entende-se como sendo o Eu e, seu funcionário sírio, como sendo o Outro, ainda que partilhem da mesma identidade nacional e, de certa forma, instância cultural.

Pode-se descobrir os Outros em si mesmo [...] o Eu é um Outro. Mas cada um dos Outros é um Eu também, sujeito como Eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou só aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo o indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a mim (TODOROV, 2003, p. 3).

Procurando essa mesma questão sobre o Eu e o Outro no relato de Moussa, percebi que sua identificação para com os sírios é clara, ou melhor dizendo, as comparações feitas por ele entre sírios e brasileiros reside, sobretudo, nos viveres cotidianos de um jovem estudante.

Moussa conta que as dinâmicas de ensino e avaliação no Brasil são extremamente diferentes das da Síria: *As professores lá, eles, tipo, eu não sei como dizer... aqui você pode pegar o celular na aula, colocar fone no ouvido e fazer o que você quiser na aula. Lá, as professores são mais rígidos.*

Referindo-se ao período pelo qual passa em sua vida (adolescência), enquanto jovem buscando ingressar em uma instituição de ensino superior, Moisés relata sobre o

cenário de constante competição no qual estão inseridos os estudantes sírios, de certa forma, diferente da cultura estudantil e universitária latino-americana: *Nossa, lá é tudo competição. Lá não tem, tipo, "ah, ele é nerd", não, lá todo mundo... eu não sei como dizer isso... lá pode, eles pegam a régua e bate na mão do aluno, é normal, tipo, é para obedecer. É no cultura!*

Nota-se, nas narrativas de Moisés, as repetições da palavra "lá" ao se referir sobre suas ações realizadas em seu país de origem. Sobre isso, deve-se abordar a importância dessas ações acontecidas na Síria para o evocar dessas suas memórias, pois como disserta Arendt (2007, 2004, p. 16) "a ação cria condição para a lembrança" e, da lembrança, reconstrói-se a história.

Ao ser questionado sobre a conclusão do ensino médio no Brasil, o jovem diz não ter sido fácil adaptar-se a uma nova prática de estudo: *O jeito de estudar é muito diferente! Aqui eles fazem pesquisas, trabalhos, muita coisa assim, sabe? Lá é diferente. Lá não é todo mundo tem internet. A maioria não tem internet porque é pobre. A internet lá é 1 megabyte, tipo, lá, 1 megabyte é muito foda! Então, a gente segue o esquema de decorar a lição. A gente tem o livros, aí, por exemplo, a primeira lição sobre o Brasil. Daí, chega em casa e você tem que decorar a lição para depois fazer a prova. É assim que funciona lá. Aqui, não. Aqui tem pesquisa, trabalho... eu prefiro decorar. Porque eu aprendi assim, decorando.*

Em suas comparações, Moisés demonstra clara preferência pelas formas às quais se estuda em seu país de origem e, isso, é claro, condiz a sua condição enquanto estudante, não necessariamente servindo de parâmetro para se pensar nas preferências de outros jovens sírios com relação a esse mesmo assunto, já que a pluralidade é condição humana e percebe-se pela ação, "sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir" (ARENDR, 2007, p.16).

Compreensível por ser somente mais uma das inúmeras práticas parte de todo um universo no qual Moussa esteve inserido pela maior parte de sua vida, a forma como interagimos, nos relacionamos com os outros, como citada e discutida anteriormente, também dirigida pelos nossos repertórios culturais, foi motivo de desencontro cultural

para Moisés ao entender como se dão alguns cumprimentos em sua experiência escolar no Brasil.

*Eu vou te falar! Lá na Síria, você encontra um homem ou uma mulher, você beija ele e tranquilo! Normal! Eu vim pra Brasil, primeira vez, eu encontrei um cara na escola – “e aí, tudo bem?” – aí, fui pra beijar, ele “ôxe, sai fora! ‘Cê’ é gay?” e, eu, “não, não, calma, calma! Eu só quero cumprimentar, só”. Ele falou “não, mas você não pode”, tal e ficou bravo, tipo, pra ele é melhor matar a mãe dele que eu beijar ele na escola. Eu pensei nisso.*

Para Moussa, tal devolutiva por parte de seu colega provocou retração e, posteriormente, um quadro acentuado de depressão por ver-se incapaz de fazer amigos no novo contexto no qual encontra-se inserido.

*É difícil, sim. Eu acho. Porque é, aqui, é só chegar lá falando “oi”, “oi”, “tudo bem?”, “tudo bem” e já vira amigo. Mas tem que ser, tem que demonstrar querer ser amigo dele, não só colega. Porque tem diferença entre ser amigo e colega. Tem que demonstrar querer ser amigo dele. Na verdade, não foi eu que fez amizade. Foi os outros que veio e fizeram, disse “queremos ser amigo” e tal. Aqui tem uma coisa que eu não entendo: Lá, você escolhe amigo muito bem, você fica com ele, faz loucuras com ele, faz tudo! É amigo de verdade. Aqui a mesma coisa, mas não. O jovem aqui pensa em uma coisa que eu não entendo. Não sei como dizer, mas a amizade aqui é de outra forma que eu não entendo que que é até agora. 3 anos do Brasil tentando descobrir como que... mas eu não tô entendendo, de verdade!*

As contradições em sua fala percebem-se explícitas quando Moisés, ao comparar os modos de se fazer amigos tanto na Síria quanto no Brasil, diz serem parecidos e, ao mesmo tempo, diferentes. As contradições são parte do processo de construção da própria identidade, também da identificação e do próprio evocar da memória que, em seus âmagos, são processos não lineares e, como sujeito fragmentado carregando milhares de estilhaços que o formam em seu interior, Moisés não é diferente.

A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana [...] Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador (BOSI, 1994, p. 90).

Numa direção diferente de seu filho Moisés, Olga Lutfi fala da perspectiva de uma professora e elabora sobre como é o processo de interação para com seus alunos em sala de aula e, sobretudo, a opinião que tem sobre o estudante brasileiro de línguas que, para ela, parece acomodado, desinteressado com relação a outras línguas e, conseqüentemente, culturas: - *“I teach adults now. Sometimes my students here are even older than me. But, for me, I think Brazilians don’t like to study foreign languages. They start a course and one month after they think “we can speak it already”... they think that they are fluent in it and so they stop. This, for me, is a shock. ‘Cause in Syria it is very importante to learn and be able to speak more than just one language. English is important, the first, but if you can speak another foreign language, that’s even better!”*<sup>14</sup>

Sobre o que dizem ao conhecê-la, ao saberem de sua origem, Olga diz, em tom de ironia, que todos elogiam, buscando motivá-la em sua capacidade de se expressar bem em português, mesmo que, para ela, isso não esteja de acordo com a realidade que vive. *“Que legal!”*, *“Você fala muito bem português”*.

Apesar do tom irônico, Olga diz que percebe que da mesma forma que os brasileiros fazem elogios “da boca para fora”, também o fazem por “pura simpatia” e que isso é algo que ela gosta no Brasil e nos brasileiros: *This is what I like in Brazil. I like that more than other things. The people. They are very charming, warm, welcoming... the opposite of the European people. Once my brother said “don’t come to Brazil, go to Alemanha” but I said no. I know the people there. I have friends in Europe and the*

---

<sup>14</sup> *“Eu leciono para adultos agora. Às vezes meus alunos aqui são até mais velhos que eu. Mas, para mim, acho que brasileiros não gostam de estudar línguas estrangeiras. Eles começam um curso e, um mês depois, pensam “nós já somos fluentes”... eles acham que já possuem proficiência e, por isso, trancam seus cursos. Isso, para mim, foi uma surpresa. Porque, na Síria, é muito importante aprender e saber falar mais de uma língua. Inglês é importante, o mais importante, mas se você pode falar uma outra língua estrangeira, melhor ainda!”* (Tradução nossa)

*people there suffer a lot... here, totally different! I like people here, even though I have no friends. Everyone I meet here is very friendly!*<sup>15</sup>

Gostaria de destacar para as duas últimas frases ditas por Olga nesse trecho. Enquanto afirma não ter amigos aqui, Olga diz que brasileiros são amigáveis e, nesse sentido, trago a discussão, outra vez, o entendimento e a concepção do que é amizade para Olga e, talvez, em escala mais abrangente, os sírios.

Questionada sobre como compreende a formação, bem como a instituição de uma amizade, Olga relatou a história de uma amiga sua que vive atualmente na Suécia e que a amizade entre elas estabeleceu-se como uma extensão da amizade das mães das duas que se conhecem há 50 anos: *I have a friend there now. My mother and her mother were friends back in school and they got married, had their children and afterwards we, the children, became friends as well. We also got married and had our babies together, in the same year. Can you imagine? Our mothers had a friendship of 50 years!*<sup>16</sup>

Para ela, a incapacidade de fazer amigos reside na inabilidade de falar a língua portuguesa fluentemente: *Yeah, yes, sure. Because of the language. Not everyone here is able to speak another language, so, without the language, how do you communicate? I don't really understand anything...*<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> “É isso que gosto no Brasil. Até mais que outras coisas. As pessoas. Elas são charmosas, calorosas, receptivas... o oposto dos Europeus. Uma vez meu irmão me disse "Não venha para o Brasil, vá para à Alemanha", mas eu disse não. Eu conheço pessoas que estão lá. Tenho amigos na Europa e eles sofrem muito, mas aqui... totalmente diferente! Eu gosto das pessoas aqui, mesmo que eu não tenha amigos. Todo mundo que eu conheço é amigável”. (Tradução nossa)

<sup>16</sup> “Eu tenho uma amiga lá. Minha mãe e a mãe dela eram amigas na época de escola e se casaram, tiveram filhos e, depois, nós, as filhas, nos tornamos amigas também. Nós também nos casamos e tivemos nossos bebês juntas, no mesmo ano. Você pode imaginar? Nossas mães tinham uma amizade de 50 anos!” (Tradução nossa)

<sup>17</sup> “Sim, sim, claro. Por causa da língua. Não é todo mundo que sabe falar outra língua e, sem a língua, como você se comunica? Eu não entendo nada...” (Tradução nossa)

Sobre o Brasil, Olga diz sentir-se perdida só de imaginar o quão imenso é o país em sua extensão territorial e dimensões geográficas se comparado a Síria. *It's a huge country... I am lost!*<sup>18</sup>

Por fim, ainda sobre o Brasil, país no qual vive atualmente, tendo seu país de origem, Síria, para contraste, Olga pontua alguns episódios de surpresa que registraram-se ao se deparar com uma cultura muito mais "aberta", nas palavras dela, que imaginava que fosse encontrar: *The greetings are different. In Syria we shake hands but no kissing. Here people like to kiss a lot. To me, it is not normal. That is not the correct way to greet someone. Here I see people kiss in the streets, I see a lot of gays and it's normal. In Syria, they hide. They would be killed. But when I came here, I said "it's true, it's normal". But in Syria, no, this is different.*<sup>19</sup>

Neste trecho, direcionam-se as atenções a duas pontuações de Olga. Uma, sobre afirmar o que entende por ser a forma correta de se cumprimentar alguém e, outra, sendo a afirmação sobre o reconhecimento do (des)tratamento de cidadãos LGBT na Síria, se em comparação com como são tratados no Brasil. Percebo, no trecho, que seu entendimento é provocado pela comparação e, sobretudo, resultado da fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, antes, representavam, para Olga, sólidas localizações como sujeito social (HALL, 1998, p. 09). Nota-se, em sua narrativa, que a identidade também se constrói em relação à diáspora, em crise pós-imigração, como aponta Bauman (2003).

Pode-se notar também contradição na fala de Moussa e sua mãe, Olga, com relação aos cumprimentos. Moussa diz ser comum, na Síria, homens se cumprimentarem com beijos nos rostos, algo incomum ao seu ver entre seus amigos rapazes, jovens no Brasil. Olga, por outro lado, transitando pelo mundo adulto como profissional, contrapõe

---

<sup>18</sup> “É um país enorme! Me sinto perdida...” (Tradução nossa)

<sup>19</sup> “Os cumprimentos são diferentes. Na Síria, damos as mãos, mas não beijamos. Aqui as pessoas gostam bastante de dar beijos. Para mim, não é normal. Não é o jeito correto de se cumprimentar alguém. Aqui eu vejo pessoas se beijarem nas ruas, gays e é normal. Já na Síria, eles se escondem. Eles morreriam. Mas, quando me mudei para cá, pensei “[...] é verdade, é normal”. Mas, na Síria, não, é diferente”. (Tradução nossa)

tal relato analisando de forma geral, cumprimentos entre homens e mulheres, por, culturalmente, mulheres no mundo árabe serem cumprimentadas pelos homens com maior modéstia e, respeitando, sobretudo, suas condições e espaços de mulheres. Nesse sentido, aqui, mostraram-se presentes duas condições e relações de gêneros diferentes em um mesmo universo cultural e, também, geracionais - já que em narrativas posteriores, é possível localizar percebimentos por parte dos próprios sujeitos sírios das mudanças e progressões em sua cultura sob as perspectivas de suas gerações.

### **A política e a guerra na Síria**

Posições sobre a política atual da Síria também são relatadas pelos três entrevistados, em comparação às situações da política brasileira quando gravaram as entrevistas durante as eleições presidenciais brasileiras em 2018.

As opiniões sobre a guerra na Síria e o comando do presidente Bashar Al'Assad relatadas nessas três narrativas serão apresentadas de forma mescladas, numa elaboração única, sem separações por nome do sujeito, como feito nos textos anteriores. Entretanto, vale ressaltar que nem todos os sujeitos sírios contatados a participarem desse estudo enquanto colaboradores partilham da mesma opinião. Outrora, os três sujeitos entrevistados, sim, partilham do mesmo posicionamento e, dado tal fato, optou-se por redigir suas falas conjugadas umas às outras.

[...] para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

A análise das representações construídas sobre o cenário e os personagens centrais do conflito sírio nos faz refletir a respeito do contexto em que cada entrevistado se insere nessa cena enquanto sujeito da própria ação. Os relatos provêm das lembranças do que viveram e somam-se aos sentidos que dão à política e à pátria, na nova condição de imigrantes. Todavia, nota-se também a preocupação por parte dos narradores de legitimar suas versões sobre os fatos narrados trazendo como referências os ditos pelos outros. Isso

demonstra que "lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós" (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Os três concordam que o conflito na Síria desdobrou-se do movimento da Primavera Árabe pelo Oriente Médio. Badri referiu-se ao fenômeno o tempo todo em tom bravo. *Primavera, nada! É diabo! É um diabo árabe o que aconteceu.* Usando de outra metáfora, Olga refere-se ao período como tendo sido um inverno ao invés de primavera. *It's no Primavera. It's Winter!*<sup>20</sup>

Para eles, alguns sírios viram no movimento chamado de Primavera Árabe uma oportunidade de se rebelarem contra o governo de Bashar Al'Assad, em exercício desde 2000, quando substituiu seu pai, Hafez, uma vez que essa revolta acontecia também em outros países do Oriente Médio:

*Porque viram o que aconteceu na Tunísia, aí a mídia começou "viu o que aconteceu na Tunísia? O presidente saiu embora, outro país precisa fazer igual". Eles queriam controlar outros países. Na Tunísia, o presidente saiu sem uma gota de sangue. Não matou ninguém. Mas quando começou nos outros países, Egito, Líbia...*

Visando suas agendas político-econômicas e interesses nas reservas de petróleo e gasodutos sírios, países como Estados Unidos, Arábia Saudita, Turquia e Qatar viram em todo o rebuliço uma oportunidade de desestabilizar o país, até então em paz, segundo Badri.

*Começou a atacar com avião, com bombas, Estados Unidos mandou Estado Islâmico, mandou pessoas na Síria para cortar cabeças sírias... isso é revolução?,* completou Badri. *And this continues... media is involved in this war. It's one stake of this agenda*<sup>21</sup>, conta Olga.

Em tom de deboche ao narrar a manipulação midiática ocidental sobre o conflito, Olga relata que assistia notícias sobre protestos em sua cidade natal que, segundo ela,

---

<sup>20</sup> "Não é Primavera. Está mais para inverno!" (Tradução nossa)

<sup>21</sup> "E isso continua... a mídia está envolvida nessa guerra. É um dos pilares dessa agenda política". (Tradução nossa)

nunca aconteceram e, quando realmente aconteciam, eram em proporções minúsculas, diferentemente do que passava-se na mídia: *“We want you guys to go out, protest” and they would come, take photos, vídeos of the manifestations and show to the world but, in Syria, we know. In Syria, we know. They would show people in the streets... more than one million and I would see in the television and think “I live here, that is not happening... it’s not like this! ”, do you understand? This is one of the branches of this agenda... the media.*<sup>22</sup>

De acordo com os relatos, muitos sírios descontentes, considerando que tinham no poder um presidente xiita - uma vez que a maioria na Síria é sunita - provocaram a instabilidade como oportunidade para trazer o questionamento dessas diferenças e reanimar a rivalidade histórica entre sunitas e xiitas, tentando fazer ascender ao poder um presidente que representasse a maioria islâmica sunita do país (SANTOS, 2014, p. 6). *“We want to start this revolution to have a Sunni president”*<sup>23</sup>, é o que diz Olga.

Sobre Bashar Al’Assad, concordam que o presidente faz uso de meios não-pacíficos e repressores no governo do país, mas que, tal tratamento, faz-se necessário diante de uma nação como a Síria, conta Badri:

*Então, se é esse tipo, eu prefiro ditador. Me dá outro, no lugar dele, que tem planos, assim. Se eu acho alguém melhor que ele, vou colocar no lugar dele. No Líbano falam que a gente é rebelde, que a gente é cachorrinho dele. Quando Bashar Al’Assad começou em 2001, a gente não tinha celular, não tinha internet, o hospital do governo era muito ruins... antes de começar a guerra no 2011, ele levantou o país mais que 300%! Qual liberdade tá falando sobre ele? Agora tá o país todo no chão. Só porque ele é outra religião? Eu sou cristão, ele não precisa ser cristão. [...] Um povo que faz um revolta, revolução nesse jeito precisa de ditador. Se não é ditador, não vai dar certo. A guerra vai ficar mais ainda! Um povo que acredita que democracia é, por exemplo, eu*

---

<sup>22</sup> *“Nós queremos que vocês vão lá e protestem” e eles vinham, tiravam fotos, filmavam as manifestações e mostravam para o mundo mas, na Síria, nós sabíamos. Eles mostravam pessoas nas ruas, mais de milhões e eu via na televisão e pensava “Eu moro aqui e isso não está acontecendo... não dessa maneira!”, você entende? Isso foi uma das veias dessa agenda política... a mídia”. (Tradução nossa)*

<sup>23</sup> *“Nós queremos fazer uma revolução para ter um presidente Sunita”. (Tradução nossa)*

*vou na Eletropaulo e ponho fogo lá, vou pra empresa do telefone, da internet, qualquer empresa do governo e põe fogo lá, precisa de ditador. A frente do seu direito tem o seu dever. Democracia não é só direito.*

Ainda que se mostrem favoráveis ao governo de Bashar Al'Assad, em nenhum momento, Badri, Olga e seu filho Moisés negam o caráter truculento que o governo sírio adotou contra os manifestantes e, sobretudo, que o eclodir do conflito foi o fator chave para seus deslocamentos.

Moussa, mais jovem, mostrou-se interessado pelo cenário das eleições presidenciais do ano de 2018 no Brasil, sobre as quais, segundo ele, já havia formado opinião: *"Eu já tenho até opinião política sobre aqui."*

Ao pedir para que Moisés elaborasse melhor sobre seu interesse pela política nacional brasileira, o jovem disse ser algo que faz parte dele, desde sua vida na Síria e, agora, aqui. Mais uma vez, percebe-se que a construção do sujeito como ser político passa também pela articulação entre o Eu e o Outro. As referências sobre o Brasil permitem que os entrevistados elaborem suas posições políticas sobre a Síria também. E, no interior desse discurso, constroem-se ainda as referências identitárias do ser sírio ou ser brasileiro. Para o jovem, ele passa a ser cidadão a partir do momento que busca compreender as situações para atuar nos processos políticos:

*Tem que ter! Se Bashar Al'Assad se vem ao Brasil para ser presidente, o Brasil ser o melhor país do mundo, diz em tom de certeza. [...] Eu não sei se faz parte do seu trabalho, mas de política, assim, eu tava nessas eleições, eu estudei na escola todos os candidatos e cheguei a uma conclusão: PT não é bom! É, tipo, não, não é mesmo. Ninguém é bom. Só que chegou num momento que ficou PT e Bolsonaro. Bolsonaro é um que eu não gostoso dele, de verdade, então, fiquei com PT. Daí, eu postei isso no Facebook e fui atacado. Até minha professora disse "você há 2 anos no Brasil e quer falar que PT é bom? Você não é brasileiro e quer falar? ", mas aqui no seu país tem uma coisa chamada liberdade de expressão e eu não consigo de voltar, votar... votar é para brasileiro, mas daqui alguns anos eu vou ser brasileiro e esse vai ser meu país do futuro, então, daqui 4 anos eu vou ficar com a identidade brasileira, então, eu vou ter direito igual aos direitos brasileiro. Então, tem que falar, dar opinião das pessoas.*

A construção que Moisés faz sobre o processo de tornar-se cidadão brasileiro por meio da naturalização ordinária mostra-se objetiva. Porém, o que Moussa entende por ser participação cidadã ativa é o que Arendt (1989) discute como sendo um sentimento comum o de ter de fazer parte de uma comunidade para nela, muito além de percebido, fazer-se ativo. O não pertencimento a uma comunidade implica na privação de um espaço público e tem como consequência o confinamento em uma vida privada, inexpressiva (ARENDR, 1989, p. 334). Mesmo sem o entendimento teórico dessa questão, Moisés entende que sua naturalização, de certa forma, representará seu pertencimento oficial ao Brasil, agora, como sendo brasileiro, o que, ao seu ver, garantirá a ele direito de fala, posicionamento e representatividade ao votar. Moisés conclui sobre o que representa para ele o processo de naturalização e as questões da política brasileira: *Bolsonaro, se vai afetar pra você, vai ruim pra mim, porque eu tô vivendo mesmo país que você, entende?*

O que menos importa nessa fala são as posições políticas partidárias. O que a fala de Moisés indica refere-se a maneira de ver a si e ao outro como imigrante ou refugiado. Se a política brasileira afeta Moisés é porque ele projeta uma vida no Brasil, porque ele está buscando sua condição de pertencimento a essa sociedade e está refazendo seus processos de construção da identidade. Para Moisés, o mais jovem dos três narradores, existe um processo de construção ambígua da identidade entre o ser sírio e o ser brasileiro. Difícil identificar quem é o Eu e quem é o Outro em Moussa (ou Moisés).

### **Das lembranças do passado na Síria**

As memórias de origem, da infância, da juventude e vida adulta enquanto moravam na Síria também foram relatadas nas narrativas. Durante as entrevistas, perguntei a cada um deles sobre o que vinha às suas mentes ao ouvirem a palavra Síria, ou سورية, em árabe. E foram lembranças de práticas culturais, de vivências cotidianas ou experiências de vida.

Nesse momento, as emoções foram evidentes ao contarem sobre suas lembranças no país de origem. As memórias evocadas não se limitam às vidas desses sujeitos, sendo também construções coletivas, em parte, herdadas (POLLAK, 1989, p. 200-212). Poderia

até se retomar aqui a discussão de que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade mas, por agora, deixa-se com que explicitem isso em suas narrativas.

Badri Lutfi começa contando: *A vida lá é um vida simples, sabe? Na verdade, a Síria é um país simples. É um país de pobre, país de rico... lá aceita todo mundo! Infelizmente, agora mudou, recentemente, 8 anos atrás por causa da guerra e outra, não sei. Mas é assim, tava tranquilo, tava amizade todo mundo, ninguém sabe o que é religião do outro, ninguém pergunta, ninguém interessante nisso. Eu tinha amigos, cresci jogando bola na rua, bicicleta, estuda, trabalha... era uma vida normal!*

Ao ser questionado sobre suas lembranças da infância, Badri direcionou-se a narrar sobre as brincadeiras: *Tem algumas brincadeiras que lembro... bom, do meu tempo, né? Agora já mudou tudo! Eu sou velho!, disse rindo de si mesmo. [...] No meu tempo tem outras brincadeiras, mas não sei, não vou saber falar em português. Tipo, algum fecha o olho dele e procura [pique-esconde, esconde-esconde], Eu é polícia, ele é ladrão... essas coisas.*

Moisés, muito jovem, geração diferente da de Badri, mostrou-se claramente alegre ao ter suas memórias da Síria pré-conflito evocadas. Sorrindo enquanto narrava, o jovem seguiu contando, sem que eu fizesse interrupções em suas falas sobre suas lembranças: *Me lembra os lugares da capital, o comida, as pessoas... as pessoas lá todo mundo conhece, sabe? A capital é uma cidade pequena. Tipo, São Paulo é o Síria. É maior que Síria. Então, o capital da Síria é muito pequena, conhece todo mundo lá – “e aí, tudo bem?” – chama pelo nome, sabe? Aquela coisa. [...] Lá eu ‘tava’ escoteiro. Lá tem escoteiro. Se você é cristão, você entra escoteiro e você aprende bateria ou trompete. Escolhe um dos dois para um evento de cristão, tipo, Natal. Você sai na rua como escoteiro e começa a tocar. Apresentação! Eu sei trompete, eu sei tocar trompete, então, eu fiquei no escoteiro 8 anos lá. A gente vai pra floresta, aprende a sobreviver e tal, então, amigos mesmo, eu só tinha amigos escoteiros. Ah! E se eu te diz, ‘cê’ num vai acreditar! Eu não jogava muito, eu só estudava lá. Minha vida era estudar e escoteiro. Eu viver escoteiro, tocar trompete, sobreviver na floresta e tal e estudar, ficar no primeiro lugar na escola, porque lá funciona assim. Os tops é os tops. Todo mundo*

*respeita eles. E, assim, não brincava muito. Na Síria, quem brinca na rua é chamado menino de rua, sem educação. Então, até se eu queria jogar na rua, eu não. Os vizinhos ia falar “ah, ele é menino sem educação”, então, não tem.*

Elaborando novamente sobre quão pequena é a Síria como um todo, em sua extensão territorial, Moisés exemplificou: *Pensa assim: sua casa é no ponto A e, no ponto B, o mini-market. Lá tem Coca, tem feijão, então, assim, uma coisa pequena, tem loja de queijos e coisas assim. Lá não tem Dia%, Coop... aqui, só São Paulo é maior que a Síria! A Síria é muito pequena. Então, é assim, tudo um do lado do outro e todo mundo conhece de todo mundo.*

Para Olga, mãe de Moisés, suas memórias estão ligadas ao período do Natal, por serem sírios cristãos. Mas o que mais lhe vem a memória são as sensações do inverno nessa época. Reuniam-se em família, em volta de um tipo de lareira, para tostar pães de tipo sírio enquanto todos conversavam: *Special memories we have, like, in Winter, we have something... not like a chimney... it only exists in Syria, Libano... this... you put some gasoline in it, light a fire... I'll show you a photo... [aqui, Olga recorreu ao seu telefone celular para me mostrar uma fotografia] but I remember when I would come home from school, it was cold out and my mother would be making soup in it... this.*<sup>24</sup>

Segundo a moça, esse objeto é comum a todas as casas na Síria, das famílias mais pobres às mais ricas e é, também, de acordo com Olga, algo comum no Líbano: *This is in every house in Syria. We put food in it, we put bread, we make sandwiches and we stay sat around it when it was usually very cold out. Sometimes it is... minus, below 0, -2, -3 degrees celsius. Syria... this is... for me.*<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> “Lembranças especiais, eu tenho, como, no inverno, nós temos uma coisa... não é como uma chaminé... existe somente na Síria, Líbano... é... você põe gasolina, acende o fogo... vou te mostrar uma foto... [...] mas eu lembro que, quando chegávamos em casa da escola e estava frio, minha mãe fazia sopa nisso aqui”. (Tradução nossa)

<sup>25</sup> “Você encontra isso em toda casa na Síria. Colocávamos comida, pão, nós fazíamos sanduíches e até ficávamos em volta quando estava muito frio lá fora. Às vezes, fazia 0, -2, -3 graus célsius. A Síria é isso, para mim”. (Tradução nossa)

Ao ser perguntado sobre suas lembranças de cidade natal, Damasco, Badri engoliu seco ao dizer que, para ele, era importante lembrar somente da cidade antes da guerra: *Por exemplo, aqui você tá no [bairro] Barcelona, aqui tem o povo mais cabeça aberta. Vai pra Santo André... diferente... lá [Síria] é muito mistura! Na mesma cidade, por exemplo, minha irmã pode sair em casa com um tipo de roupa na rua, mas se ela vai para outro lado da cidade, ela já não pode usar mesma roupa. Então, na mesma cidade tem muita mistura. É uma coisa louca, sabe?*

Sobre os homens sírios, Badri não hesitou em dizer que, em parte, ainda são os que tomam conta de assuntos públicos em público, atuantes na esfera pública. Desconhecendo os conhecimentos teórico-filosóficos sobre a questão, Badri elucidou, sem perceber, o que Arendt (2002) disserta sobre a atuação na Polis, tomada por homens, enquanto, mulheres eram limitadas ao âmbito privado, da família (ARENDR, 2002, p. 188). No entanto, Badri constrói o discurso demonstrando o lugar político dos homens e o das mulheres, construindo na narrativa um mundo comum para si e para os seus: *Nossa comunidade, igual povo, em tudo as regiões lá, cristão cabeça fechada, cabeça aberta, é mais comunidade masculina. Tipo assim – “ô, pai, eu vou com a minha namorada hoje” – “tá bom” – mas minha irmã não pode falar isso. Não – “vou matar você” – sabe? É como mulher não pode fazer nada. Eu não concordo com isso, porque eu sou homem, ela mulher, eu sou humano, ela é humano, eu preciso, ela precisa, mas nossa comun... nossa, difícil essa palavra... comunidade é assim. É masculina. Agora, quem fica diferente, por exemplo, na cabeça aberta, cristão, é mais ou menos igual nas outras coisas. Em casa, por exemplo, homem conversa com mulher – “o que você acha, vamo fazer assim ou...” – para outro lado, quem tem cabeça fechada, homem entra silencioso, não tem medo – “eu vou fazer assim” – não tem o que você acha.*

Com essa fala, Badri dá sentido ao lugar dos homens na cultura Síria, demonstra como as situações ocorriam onde morava e oferta um universo cultural por meio do relato das práticas sociais. Homem pode sair com a namorada. Mas mulher, da sua família, não pode. Como fica então a namorada que certamente é filha ou irmã de algum outro homem nessa sociedade? Quem é a namorada dele, cuja família não se porta da mesma maneira que a sua família se porta com suas mulheres? Ao relatar esse universo que ele chama de

masculino, podemos compreender o seu próprio espaço de ação cultural e o sentido que dá a esse campo que ele mesmo chama de “masculino”<sup>26</sup>.

Badri conclui sua entrevista contando sobre um evento histórico presenciado por ele ainda enquanto estava na Síria e que gerou o arrependimento por não ter estudado uma faculdade: *Lá a faculdade não tava popular na minha época. Nem particular! É uma coisa nova, a faculdade particular. Eu acho que só 10 anos. Antigamente, tudo era governo, mas muito difícil. É do governo, é grátis. [...] Eu não fiz faculdade, infelizmente, mas eu acho que 2000 e... mais que 10 anos! Acho que 15 anos começou a faculdade particular, mas ela não é forte como a faculdade do governo. A palavra dele mais aprovada. Porque sempre, na faculdade particular, não sei, você... eu nunca entrei, nunca conheci, mas o que eu senti é que faculdade particular lá pode pagar pra professores, pra pegar a diploma... alguma coisa, não sei. No governo é mais difícil isso.*

Ao ser questionado sobre algo que Badri entendia como sendo representativo da cultura síria, respondeu imediatamente, sem sequer dar alguns minutos para pensar, era o trabalho e, assim, voltou a narrar sobre sua fábrica de ouro que, por gerações, serviu de local de trabalho para muitos dos homens de sua família.

*Como eu disse, 99%, da nossa família trabalha é com o ouro. Inclusive, eu. [...] Eu tenho muita saudade! Cuidar do ouro. Adoro!, contou já de olhos marejados. [...] Eu queria porque, assim, meu vô, meus tios dos dois lados, tudo a nossa família é ourives. Então, quando eu estava criança, quando a escola acabou [férias], por exemplo, eu tava sempre na fábrica do meu tio, ou na loja do meu pai ver o que tava fazendo. Então, sempre com ouros. É minha vida! Faz com a minha vida. Até agora. Coisa mais linda!*

Relatando sobre como foi ter de abrir seu restaurante por não ter encontrado uma oportunidade para atuar como ourives no Brasil, Badri diz ter se desapontado ao não poder seguir trabalhando com o que seu avô, pai e tio trabalhavam: *Quando eu cheguei aqui no Brasil, a área de ouro é um pouco fechada, sabe? Não sei, perigosa, ninguém gosta... [...] Eu começo a fazer o desenho e eu continuo até o final. Tipo, mais artesanal.*

---

<sup>26</sup> Nesse texto não tenho condições de discutir questões de gênero, mesmo percebendo seu aforamento no discurso de Badri. Por isso, não discutirei sobre o termo masculino ou machista, como se poderia esperar. Numa outra oportunidade esse trecho poderá ser interpretado à luz dos referenciais de estudos de gênero.

*Eu fazia tudo! Quando eu entrei aqui em duas fábricas, estava a mesma coisa. Um do grupo, um da linha, tem um missão, o outro tem outro coisa. Assim vai!*

### **A culinária, um gosto especial**

Por ser atualmente proprietário de um estabelecimento de serviços alimentícios, eu quis acrescentar ao roteiro de perguntas, para Badri, assuntos referentes às suas memórias culinárias e Badri, nas respostas, mostrou-se nostálgico ao falar tanto das lembranças de casa, com sua mãe, de quando criança, quanto as de adulto, quando já cozinhava para seus funcionários em sua fábrica de ouro.

*Mas eu também tava muito ligado com comida também. Na minha fábrica de ouro, eu fazia minha comida também. Eu fazia para meus funcionários nossas comidas também. Eu tava... bem assim, meio assim, sabe? Por exemplo, você trabalha com cadeiras, mas você gosta muito fazer óculos. Você é quase profissional em fazer óculos, mas não é seu trabalho. Você gosta e, talvez, vai fazer mais por profissional que quem trabalha com isso, mas você não abre um nada com isso. Eu era assim lá. [...] No meu tempo, então, eu acho que até agora, mas diminuiu um pouco. Tudo essas mulheres, ninguém trabalhava. Da idade da minha mãe, por exemplo. Tudo as mulheres estavam em casa, preparando a comida pra família, então, você, sem sentir, sem querer você começar a pegar a informações, sem querer! Sua mãe tá cozinhando, você tá brincando, jogando, mas dia-a-dia tá vendo o que ela tá fazendo. Às vezes, é, “ajuda com esse” [imitando como sua mãe falava com ele e seus irmãos]... você tá ajudando com uma coisa, tá olhando pra outra coisa... é assim. Não sei no português, mas em árabe a gente fala [fala em árabe], que é quando você aprende com o seu olho, sem querer.*

Sobre os pratos tradicionais servidos na mesa cotidiana, bem como em datas de festejos, Moussa contou, em tom de brincadeira, ter algo de errado em uma refeição síria em que alguns deles não são servidos: *Tem shawarma, que são muito populares na Síria, charuto também, charuto de uva. Cada reunião de família tem que ter o charuto de repolho ou de uva. De uva é mais comum. Se não tiver charuto no almoço, alguma coisa tem de errado! Não pode faltar. Falafel, tipo, falafel é comida de pobre na Síria. Você*

*come falafel antes de ir pro trabalho, pra almoçar... e lá eles gostam de... ai, eu não sei como chama... picles! Tem vários tipos de picles, não só de pepino. Pimentão! Tem de cenoura, tem de batata...*

O relato de Moisés sobre a culinária síria permite pensar um pouco sobre o papel das tradições. Segundo Stuart Hall (2011, p. 243):

A tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência de velhas formas. Está muito mais relacionada às formas de associação e articulação de elementos. Esses arranjos em uma cultura nacional-popular não possuem uma posição fixa ou determinada, e certamente nenhum significado que possa ser arrastado, por assim dizer, no fluxo da tradição histórica, de forma inalterável. Os elementos da ‘tradição’ não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância.

Assim, os hábitos alimentícios e as práticas culinárias ganham diferentes significados, dependendo do momento em que o discurso cultural é construído. Nomes de pratos típicos sírios são relatados tanto na história de Moisés como no cardápio servido no *Cantinho da Síria*. No entanto, diante das lembranças do jovem narrador, ganham o sentido de tradição, daquilo que se articula e se associa de diferentes formas em função do contexto histórico e das novas práticas culturais

Moisés também falou sobre comidas, pratos típicos sírios, conhecidos mundialmente e à disposição para serem servidos no restaurante e, próximos do Natal, considerando-se que sua entrevista foi gravada em 14 de novembro de 2018. Assim, Moussa decidiu contar sobre o Natal na Síria e como era para ele e toda sua família a celebração do feriado cristão: *Você tá falando e eu tô lembrando... vem até a imagem na minha cabeça! Você vai andando, assim, na rua, você veja a cidade brilhando, brilhando! Com todo mundo cheio de árvores, luzes e tal. No dia do Natal tem que ter a família inteira, de 30, 40 pessoas em 5 mesas e cheia de almoço e janta! É assim que funciona. As crianças tão brincando... as crianças vão pra brincar, os pais bebem, os mais velhos bebem, conversam sobre política... você vê, até no Natal eles conversam sobre política lá! Eu não acredito!*, contou rindo.

A culinária, nas memórias de Olga, é pensada e recordada a partir das reuniões de família, nesse período do natal e principalmente em volta desse tipo de lareira anteriormente relatado: *I hate to cook. I like to eat, to taste but to cook, no. I would say*

*grape cigars... these are the most important in Syrian cuisine! Esfihas but totally different ones from the ones made to be sold here in Brazil. We have something green we cook with chicken, rice... this is not a common spice here, no... what else... I think the shawarma, kibe... that's it.*<sup>27</sup>

Pôde-se apresentar, nesse bloco de texto, para muito além das narrativas, como discute Roberto da Matta (1987), a importância que alimentos e práticas alimentares, da culinária à gastronomia têm na nossa construção identitária. Os hábitos alimentares estão, sobretudo, ligados a outras lembranças, como eles relatam: reuniões de família, Natal, a estação do inverno na Síria, etc.

Para além do mais, a cozinha mostra-se como sendo campo de sobrevivência desses imigrantes, no qual se encontram capacitados - uma vez que cozinhar se percebe quase que intrínseco ao indivíduo da cultura síria - e, por fim, estão habilitados a trabalhar com algo a ser consumido por uma clientela que, diante de uma necessidade (a de alimentar-se), os proporciona certa estabilidade. A culinária, por fim, pode ser entendida como sendo mais um elemento identitário e vínculo duradouro que um sujeito tem com seu lugar de origem, com sua cultura (DA MATTA, 1987, p. 22-23).

### **Língua, comunicação e interculturalidade**

A língua conta com um sistema de signos vinculados ao processo das relações sociais, pois a comunicação humana se dá, sobretudo, por meio das palavras. Segundo Bordieu (1998), a linguagem não é só um sistema particular de palavras ou regras gramaticais isoladas, mas um campo de forças da luta pelo poder simbólico de se comunicar. Nesse sentido, atentar-se a uma língua é, indiretamente, examinar a cultura de

---

<sup>27</sup> “*Eu odeio cozinhar. Eu gosto de comer, saborear, mas não de cozinhar. Eu diria charutos de uva... esses são os mais importantes na cozinha síria. Esfihas, mas totalmente diferentes das que são feitas e vendidas no Brasil. Nós temos uma coisa verde com a qual nós cozinhamos frango, arroz... não é um tempero comum aqui, não... o que mais... acho que shawarma, quibe... é isso*”. (Tradução nossa)

seus falantes e, nela, rebuscar as aquisições imateriais culturais da identidade de um povo.

No caso da língua árabe - registrada em diário de pesquisa, fosse pelos ditados populares sírios ou mesmo pela observação das interações entre os sujeitos entrevistados nessa pesquisa -, mostrou-se como sendo, sobre todas as coisas, além de língua-materna, um elemento de segurança e de identificação e, também, de diferenciação do outro (pesquisador) naquele mesmo espaço.

[...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não "adquirem" sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1997, p. 107-108)

Segundo Bakhtin (1997), não se deve pensar na cultura como sendo delimitada espacial ou territorialmente (BAKHTIN, 1998, p. 29). Nesse caso, pode-se dizer que a cultura síria desses sujeitos, expressada por meio da língua, está situada sobre e para além das fronteiras da Síria como país. O uso da língua, nesse sentido, pode representar diferentes coisas, uma vez que "a cultura não é nada mais que um fenômeno da língua" (BAKHTIN, 1998, p. 45).

O uso do árabe, ao invés do português, por exemplo, pode significar uma prática comum, cômoda, sendo a língua sobre a qual os três indivíduos têm maior domínio por serem nativos e preferirem dialogar entre si, a comunicação inconsciente da cultura, o reforço da identidade e até mesmo uma forma de manterem-se ligados à nação de origem. Assim, não se pode pensar na identidade desvinculada da língua e vice-versa, pois a língua é, enquanto elemento do discurso, o meio pelo qual a cultura e a identidade se constroem e se disseminam (BAKHTIN, 1998, p. 46).

No que se refere à língua portuguesa e à inglesa, a primeira significa a língua de acolhimento e ferramenta para interação em território brasileiro e, mesmo diante dos relatos da dificuldade de compreendê-la, percebe-se há um esforço e uma dedicação para circularem cada vez com mais desenvoltura na língua portuguesa. O português pensado como língua de acolhimento é defendido pela linguista portuguesa Maria Helena Ançã

(2002) por, segundo a autora, no contexto de imigrantes, estrangeiros e refugiados, soar menos excludente como o termo língua estrangeira, por exemplo. O inglês, como língua-franca, por sua vez, significa instrumento e recurso de comunicação e pode ser chamada como língua estrangeira e se torna assim recurso desses imigrantes para aos poucos compreenderem a língua de acolhimento.

No caso dos imigrantes sírios entrevistados nesse estudo, notam-se em trechos apresentados em subcapítulos anteriores que, por estarem inseridos em um novo cenário sociolinguístico-cultural, ao qual têm que se adaptarem, as angústias pelo desconhecimento da língua de acolhimento e, sobretudo, a pressão de terem de desenvolver competências para atenderem às expectativas sociais próprias e, sobretudo, da sociedade que os acolheu.

É importante ressaltar, contudo, que podem existir noções e bloqueios individuais a cada sujeito sobre a língua de acolhimento, tomados pela pressão da necessidade de aprendizagem para inserção na sociedade da qual passam a fazer parte. As próprias vivências de guerra e tensão da migração de fuga, somadas também ao afastamento dos laços familiares, amizades e elos linguístico culturais, também podem agravar tal situação (ANÇÃ, 2005, p. 39).

Dos contatos que fiz, com exceção dos três sujeitos sírios entrevistados, todos destacaram a importância do aprendizado da língua, sobretudo, para inserção no mercado de trabalho. Mesmo na ONG Compassiva, mencionada em momentos anteriores do texto, o ensino da língua portuguesa é considerado de extrema importância pelos membros e professores voluntários, sobretudo, para auxiliar e inserir refugiados no mercado de trabalho brasileiro.

Badri, contudo, dono de seu próprio negócio e tendo consigo sua irmã e sobrinho como funcionários, expressa em trechos de sua entrevista, bem como fez sua irmã na sua narrativa, a importância da língua de acolhimento, para eles, não somente como instrumento para trabalho, mas para interação cotidiana, para estabelecimento das relações com os outros, conhecer pessoas, estabelecer novos relacionamentos e sobreviver social e culturalmente.

Nas palavras de Olga: - *"Because of the language. Not everyone here is able to speak another language, so, without the language, how do you communicate? [...] I want to get involved in this community because I like Brazil a lot as a country [...] but the communication is very hard"*.<sup>28</sup>

Desse modo, entendo que a língua é muito mais que um instrumento ou uma mera ferramenta da fala. A língua, seja nativa, estrangeira ou de acolhimento, é a ponte que permite, para além da interação social, a inserção cultural. É pela língua, por fim, que se estabelecem as relações e, portanto, ocorre a comunicação. E, nesse caso, a comunicação é intercultural.

Em um de seus apontamentos, o antropólogo argentino Nestor García-Canclini (1999) afirma que uma das facetas da globalização é a interculturalidade e ressalta que esse fenômeno não supõe de forma alguma uniformidade. Isso fez-se claro, por exemplo, em um trecho do relato de Moisés (ou Moussa) a seguir, no qual a interculturalidade faz-se presente, notada e necessária: [...] *do jeito sírio eu nunca vou aceitar nenhuma menina saindo pelada na rua*. Dessa afirmação, interpelei que o rapaz me esclarecesse o que queria dizer, já que mulheres não andam, aos olhos do pesquisador, nuas pelas ruas. Quando questionado sobre tal afirmação, Moisés corrigiu a si mesmo, amenizando a intensidade do que havia dito: - *"Ah, meia pelada, vai! Porque minha cultura diz que não pode"*.

O que fez com que Moisés revisse o que havia sido dito foi a minha interpelação, que como pesquisador participante também se chocou com a frase dita. Se analisado sob a perspectiva da interculturalidade de Alsina (2008), tivemos, nesse momento, nós dois, a noção das diferenças culturais e de como as palavras não serviam como instrumentos de compreensão dessas diferenças (ALSINA, 2008 p. 54).

Nesse sentido, pode-se pensar a cultura como sendo flexível, podendo ser comunicada de múltiplas maneiras. Sob as lentes da interculturalidade, ainda que em campo de embate das diferenças culturais, sujeitos de diferentes comunidades étnico-

---

<sup>28</sup> *"Por causa da língua. Não é todo mundo que sabe falar outra língua e, sem a língua, como é que você se comunica? [...] Eu quero poder me envolver com essa comunidade, pois eu gosto muito do Brasil enquanto país [...] mas a comunicação é muito difícil"*. (Tradução nossa)

culturais têm reações diversas e, dessas reações, produzem as mais diversas repostas ao reconhecimento da diferença que, pela globalização, nota-se cada vez mais óbvia. A interculturalidade na comunicação, nesse sentido, está no aprender a lidar com as diferenças, agora escancaradas (FERRARI, 2015, p. 49-50).

Em vários momentos das entrevistas, por exemplo, os entrevistados apontaram de questões que eles entendiam como sendo questões sírias e, por isso, eles mesmos corrigiam seus relatos, mudavam suas palavras, davam novos sentidos aos discursos na intenção de, diante da diferença, mostrar apropriação sobre aquilo que entendem por eles como sendo deles, nesse caso, a cultura síria.

Na interculturalidade, portanto, melhor ampliar o termo cultura para o seu plural “culturas”, uma vez que, de acordo com Stuart Hall (2011) existem diferentes culturas, dando sentido diferentes às palavras e constituindo novos discursos.

Das relações estabelecidas entre essas diferentes culturas, sendo a interculturalidade a plataforma democrática para estabelecimento do diálogo entre o eu e os outros, pode-se dizer, enfim, que formam-se outras culturas e a partir dos encontros interculturais.

Para Alsina (2008), a interculturalidade nasce da relação entre pessoas de culturas distintas e faz-se viva desde os primórdios, à medida que pessoas de culturas diferentes passaram a se relacionar ao longo da história. Já Nobleza Asunción-Lande (1993) aponta que a relação entre a comunicação e a interculturalidade é estabelecida quando diferentes sujeitos ocupando o mesmo espaço no mesmo período de tempo encontram-se diante da necessidade de estabelecer um diálogo, concordando com Miguel Rodrigo Alsina (2012), p. 131) que considera que a interculturalidade é um conceito relacional e, como tal, pode servir para estabelecer pontes entre culturas.

Desse modo, concluo que não se pode prescindir da Comunicação Intercultural, quando pensada entre indivíduos advindos de culturas distintas. Essa comunicação é, sobretudo, um processo de interação produzido na criação, cocriação e recriação de sentidos e significados particulares a universos culturais (FERRARI, 2015, p. 54).

Nesse caso, voltando ao trecho da entrevista de Moussa sobre as mulheres nuas pelas ruas deu-se ali um sentido particular ao universo cultural de Moussa que, quando

interpelado a se explicar, tomou o rumo da recriação, da inovação do entendimento que fazia daquilo que narrava então. A Comunicação Intercultural, então, pode ser desafiadora por ser, antes de tudo, um processo de relacionamento com "o diferente". Ainda assim, apropriando-se de elementos do processo de comunicação visando atingir a criação de sentido, a Comunicação Intercultural no percurso metodológico dessa pesquisa foi, fundamentalmente, interação voltada para a inserção de imigrantes refugiados sírios nas cidades do ABC Paulista.

### **Das projeções para o futuro**

O desfecho das entrevistas aparentaram ser, para os entrevistados sírios, o momento da percepção do processo pelo qual cada um deles acabara de passar. No início das gravações, os três estavam incertos sobre como tudo aconteceria e, até mesmo eu, enquanto pesquisador, não fazia ideia dos rumos que cada entrevista tomaria. O final do processo da entrevista revelou-se como sendo, para ambas as partes, a realização do ato de narrar a própria vida num diálogo mediado pela Comunicação Intercultural.

Certas memórias são naturalmente pouco requisitadas, tanto que os três entrevistados ficavam surpresos ao se lembrarem de determinadas coisas que não imaginavam que poderia estar guardada em suas memórias.

Para encerrar as entrevistas, pedi a cada um deles que retratasse suas experiências, concluindo suas narrativas com uma mensagem e, se possível, projeções para o futuro deles no Brasil. O pedido não era esperado e suas respostas mostraram-se permeadas pelos próprios rumos que a entrevista seguiu.

Badri Lutfi me disse: *Se eu voltaria para a Síria? Talvez, a visitar, não é pra morar. Morar já é difícil, já... eu já tenho aqui minha esposa, minha família, meu comércio... mesmo que eu quero, não vai dar certo.[...] Ninguém é feliz 100%, mas eu tô feliz. Eu sou mais louco ainda! Tô feliz agora, rindo, depois, de repente, fico bravo... pergunta a minha esposa! Mas, geralmente, eu tô feliz, graças a Deus. Deus tá do meu lado e minha sorte, minha corrida... é um pacote! .[...]* A Síria é isso tudo. Não vou ter

*palavras para falar, mas eu... [A Síria é] eu mesmo, minha mãe. E uma mensagem para o povo sírio: Parem de ser loucos! Muita gente morreu, 8 anos, parem de ser loucos.*

O garoto Moussa Bittar, que adota o nome brasileiro de Moisés, conta: *Você tá perguntando perguntas que eu já perguntei pra mim mesmo e eu não respondi. São perguntas importantes! Escoteiro, música, eu era mais ou menos popular, “pica das galáxias”... eu ia ser o máximo do meu máximo! Aqui eu não tô no meu máximo. Eu não tô conseguindo meus problemas. Eu tô te contando as coisas boas, mas as ruins... eu não tô conseguindo adaptar com os brasileiros, de jeito nenhum! [...] Voltar pra Síria? Sim, mas não para morar. A gente se acostumou aqui. Se eu voltar pra lá, tudo eu vou ver errado. [...] Aqui normal, mas lá é difícil. Aqui tem liberdade de expressão e eu gostei. Eu apaixonei pelo Brasil, vou dizer. Lá, eu também apaixonado pelo meu país, mas se eu for lá, eu vou fazer muitas tretas, porque eu vejo que na minha cultura tem muitas coisas erradas... [...] A Síria tá em guerra. Hoje ninguém tá preocupado com voltar lá. Eles tão preocupado em comer, em como vão sobreviver nessa situação e o jovem lá quer viver também, amar... o jovem de lá tá sofrendo. Tem uma frase que eu escutei uma vez, assim “tudo pode entrar em guerra, mas o amor não morre”, então, eles estão pensando só no amor e tal. [...] Para fim, sobre uma coisa que me irrita muito! Eu tô aqui, chega um brasileiro e pergunta pra mim: - “porque você veio da Síria? ”. Aí, eu fico pensando: - “Porque será, querido? Turismo! Eu saí do meu país para passear pelo mundo! ”, conclui em tom de ironia. Porque meu país tá em guerra, né? Essa é pergunta pra não fazer ao estrangeiro. Não faça! Tem curiosidade, mas tem curiosidade que é idiota. Não pergunta isso! É óbvio que um cara que saiu do país dele pra morar em outro país ele tem algum problema e ele não quer lembrar, mas cada vez que você pergunta isso, a pessoa relembrar porque ele veio e a pessoa fica triste. Eu não quero lembrar. Eu tô vivendo, eu tô indo. Então, eu quero deixar um recado: Não pergunte isso!, encerrando.*

Olga Lutfi termina: *To go back, I can only I wish but I can't. I lost my job there and if I go back I won't be able to start again. Plus, I would have 2 choices: to leave my son here and go back myself, because he has a new life, I can't interrupt that, I would never do it or I would take him with me against his will but I would never do this. He*

*started now the most importante phase of his life, so I can't stop this, him, take him back to Syria.[...] I wish this war would finish... end. And I want to get involved in this community because I like Brazil a lot as a country. I like the rhythm, the nature, the people... a lot! The communication is very hard, to find a job is very hard and I wish... I hope to find a solution. Lastly, I want to leave a message: I love it here, but it [Brazil] doesn't feel like home. Nothing like home. Not yet.*<sup>29</sup>

Para adiante, não se trata mais apenas de um mero estudo, mas de uma vivência que, além de transformar esses indivíduos, transformou a mim. E eu, como pesquisador participante desse estudo, buscando a reconstrução dos discursos da identidade dessas pessoas, concluo essa experiência etnográfica certo de que experimentei juntamente com colaboradores e entrevistados de uma experiência de comunicação intercultural, que, sem dúvidas, é de interesse público, mesmo a partir de experiências particulares, pois o estar junto social requer o diálogo, o esforço da compreensão e a demanda da inserção.

As identidades aqui construídas e reconstruídas pelos múltiplos discursos me levam agora ao entendimento da importância dessa comunicação intercultural de interesse público. O eu e o outro somos parte da mesma cena, atuamos no mesmo espetáculo da vida e deixamos cada marca de nossa história registrada na memória. Reconheci e compreendi o outro. Reconheci e compreendi a mim mesmo.

---

<sup>29</sup> *“Voltar, só em sonho mas, não, não posso. Eu perdi meu emprego por lá e, se eu voltar, terei de começar do 0. Além do mais, eu teria 2 opções: deixar meu filho para trás e ir sozinha, porque agora ele tem uma nova vida aqui, não posso interromper isso ou levá-lo comigo contra a vontade dele, mas eu não seria capaz de fazer isso. Ele começou a fase mais importante da vida dele, então, não posso interromper isso e levá-lo de volta para Síria. [...] Eu queria que essa guerra acabasse de uma vez por todas. E eu quero me envolver nessa comunidade, pois gosto muito do Brasil enquanto país. Eu gosto do ritmo, da natureza, as pessoas... muito! A comunicação é muito difícil, encontrar um bom emprego também e eu queria encontrar soluções para tudo isso. Por fim, eu quero deixar uma mensagem: Eu amo aqui, mas ainda não me sinto em casa. Não é um lar. Ainda não”.* (Tradução nossa)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **SOBRE OS RESULTADOS DA PESQUISA**

Da Síria ao Brasil. De Damasco à Santo André, à São Caetano do Sul...

Em primeiro instante, enquanto pesquisador, imaginei que essa investigação contaria apenas com relatos tristes, de guerra, deslocamento e refúgio. Esses relatos fizeram-se presentes, mas não foram tão frequentes, nem tão tristes quanto imaginei que viriam a ser.

Percebo que a presença cultural síria no ABC Paulista, comunicada nesse trabalho por Badri, sua irmã Olga e seu sobrinho Moussa, juntamente com a convivência com outros colaboradores, é tida pelos próprios sujeitos sírios como pequenina, como comparada pelos próprios relatos que dão sobre a relação de tamanho entre a Síria e o Brasil. Ainda assim, essa comunidade, estabelecida numa região como o ABC Paulista, representa mais uma das várias expressões étnico-culturais que formam esse local.

Estar longe geograficamente da Síria, para esses sujeitos sírios, não representou distanciarem-se de seu país, pois o trouxeram consigo, por meio de sua cultura e de sua memória. Ato de resistência cultural ao instalar um cantinho da Síria na cidade de acolhimento. A manutenção do hábito de falar a língua árabe, por exemplo, talvez seja a forma mais explícita de manterem a Síria que conheciam antes da guerra entre eles e, ao mesmo tempo, uma recusa em abrir mão de deixarem de ser quem são.

O nacionalismo, o reconhecimento de si e do outro sob um mesmo cenário identitário estão, neste caso, intimamente relacionados. O ato de se autorepresentar como sírio apresentou-se, nesse estudo, para muito além de um elo com uma nação, um território ou local de nascimento. Representou a construção de suas identidades.

O ABC Paulista, nesses relatos, mostrou-se como sendo muito mais que uma decisão de moradia mas, em seus imaginários, uma opção mais segura e muito mais tranquila que São Paulo para busca de refúgio. Explicitam-se nas falas o apreço pela segurança, estabilidade e prosperidade e também união da família.

A ambição pelo crescimento de seu restaurante passa quase que despercebida em sua fala. Prefere seguir como está, contanto que a felicidade seja ingrediente no seguir da

vida. Transitando entre cidades ocupadas por outras culturas de imigrantes e representatividade populacional bem superior aos sírios, da família Lutfi vê no restaurante Cantinho da Síria a comunidade similar definida por Zygmunt Bauman: pequena, aconchegante, segura, cujos membros são facilmente reconhecidos uns pelos outros e a comunicação entre eles mesmos é mais intensa do que entre eles e os outros. Novamente, repete-se a importância do idioma para mantê-los ligados umbilicalmente pela sensação de pertencimento à nação síria.

A necessidade de convivência ainda é uma realidade para os sujeitos sírios no que diz respeito ao processo de inserção do imigrante. O restaurante ajuda a cumprir essa função. As condições financeiras desses sujeitos revelam-se determinantes nas práticas narradas por eles mesmos. Influenciam a fundação e o tipo de trabalho que desempenham, a região em que moram, a maneira como comemoram datas especiais, que alimentos consomem, o que, em nota de comparação, diferencia-os de sírios refugiados em campos pelo mundo e sem a certeza da possibilidade de instalação.

O desejo de permanecer no Brasil não regressar à Síria mesmo quando ocorra o fim provável da guerra foi claro. A Síria, em um novo momento, dado fim do conflito, seria destino para visitas de férias, não mais para moradia. No entanto, existe um lar imaginário nesses discursos da memória que os mantém ligado à Pátria.

Essa pesquisa, baseada em observações participantes, convívio etnográfico e gravação de Narrativas Orais de História de Vida me permitiu compreender o papel da Comunicação Intercultural e da sua importância social como uma comunicação de interesse público. Estabeleceram-se ações comunicativas durante o percurso da pesquisa: do ato de interagir ao ato de contar uma história, ato este capaz e tido como forma clara de transmitir, preservar e renovar uma cultura. Como foi dito a mim por minha orientadora, em sua primeira aula que assisti: - a memória tem seu caráter comunicativo (PERAZZO, 2015).

Essa pesquisa e seus resultados seguem para além de sua função acadêmico-científica. Promove um relacionamento intercultural entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa e indica a necessidade de ações de extensão que promovam a aplicação de seus resultados na gestão de uma comunicação intercultural de interesse público entre a

comunidade de imigrantes refugiados sírios e os moradores das cidades do ABC Paulista, que, sem percepção clara e consciente, convivem cotidianamente nas relações interculturais estabelecidas e lançam mão da comunicação para o diálogo social.

Para eles, serei sempre um outro-cultural mesmo que muito próximo e apto ao diálogo intercultural. Seja naquilo que ficou gravado somente em nossas lembranças, mas também naquilo que se optou por esquecer. Naquilo que os sujeitos sírios optaram por compartilhar comigo, mas também naquilo que não lhes pareceu importante citar – ou mesmo que tenha sido voluntariamente omitido. No entanto, sem a disposição desses colaboradores em me aceitar entre eles e a disposição em compartilhar suas histórias de vida, essa pesquisa não teria sido efetivada. Por isso, a pesquisa e os resultados que aqui podemos ler é, em si mesma, o resultado de Comunicação Intercultural entre eu e os outros.

Sob essa luz, é necessário ressaltar que culturas podem, sim, ser preservadas sem que o contato com o outro pareça ameaçador ou represente uma espécie de contaminação. Entendendo que o campo das culturas é um campo em constante movimento, as transformações acontecem.

A construção da identidade do sujeito imigrante também é dinâmica. A Síria, para eles, é pátria. O Brasil pode ser casa. A comunidade cultural é segurança, conforto e modo de estar junto socialmente. A pergunta problema posta por essa investigação questionou como os sírios constroem suas identidades na situação de refugiados, imigrantes e estrangeiros no ABC Paulista, por meio de suas narrativas de histórias de vida. Buscou-se, ao longo desse texto, portanto, compreender a construção das identidades de refugiados, imigrantes e estrangeiros sírios no ABC Paulista, por meio de suas narrativas de histórias de vida, de modo que tais resultados venham possibilitar a gestão da comunicação intercultural desses grupos nas cidades do ABC Paulista.

Assim, a resposta encontrada é que as identidades culturais não são objetivas e estáticas. São ambíguas, flexíveis e, como disserta Bauman (2003), estão sempre expostas as negociações em contexto e cenários sociais, visando manterem-se vivas ao longo do tempo. O processo de construção de identidade dos sujeitos sírios, nesse estudo apresentados, mostra-se complexo, ora em transformação, mas com lacunas de possíveis

acesso para o pensar da Comunicação Intercultural para, com e entre sírios residentes no ABC Paulista e todos aqueles que já compunham essa comunidade antes de suas chegadas.

Assim, registro aqui toda minha jornada de pesquisa e de vida. Fui ator do processo da comunicação da cultura que, inicialmente me propus a estudar. Acredito que cumpro, para além do papel de acadêmico, a função social da preservação de memórias expressadas nessa presença étnico-cultural de sírios nas cidades do ABC Paulista, sem dúvidas, continuará se transformando e se reinventando no trajeto das histórias, por ser dinâmica e em constante transformação.

Tomando os resultados aqui apresentados, segue-se adiante com as propostas de aplicação da gestão da comunicação intercultural de interesse público.

## PROPOSTA DE APLICAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

No campo teórico da Comunicação, o conceito de inovação é sempre pensado e aplicado a interfaces tecnológicas e relacionado ao surgimento de novas mídias. Contudo, deve-se discuti-lo também em outras dimensões que não somente a das tecnologias e mídias, entendendo que "[...] a inovação é um fenômeno social, simbólico e tecnológico, presente em toda sociedade contemporânea midiaticizada e pode perpassar todo o campo da Comunicação" (ROSSETTI, 2013, p. 64).

Por trazer os indivíduos sírios refugiados no ABC Paulista ao centro dessa pesquisa, preocupando-se com suas narrativas, assim como com o entendimento de seus universos culturais e processos interacionais, esse trabalho apoia-se no conceito de inovação voltado e aplicado à cultura, mas, sobretudo, ao pensar a inovação do próprio imigrante sírio, em âmbito individual e coletivo, entendendo que “tanto o novo conhecimento como a nova apropriação modificam o sujeito e transformam sua visão e sua ação no mundo” (ROSSETTI, 2013, p. 65).

Numa perspectiva de comunicação de interesse público, a aplicação dos resultados dessa pesquisa podem ocorrer por meio de uma intervenção na comunidade de imigrantes refugiados em movimento de extensão acadêmica com a própria universidade.

Para o entendimento do interesse comum como público, Hannah Arendt (2007) afirma que somos movidos por nossos desejos, paixões e que estes são também responsáveis pela formação de nossos interesses individuais. Para exemplificar seu posicionamento quanto aos interesses existentes na esfera pública e privada – citadas respectivamente como “esfera política” e “esfera da família” – e como alguns desses interesses transitam entre essas esferas, Arendt (2007, p. 44) remonta à reflexão sobre a polis, na Grécia Antiga, quando indivíduos “privados” possuíam interesses materiais e espirituais em comum, mas “só podiam conservar sua privacidade e cuidar de seus próprios negócios quando um deles se encarregava de zelar por esses interesses comuns”.

O termo público denota dois fenômenos intimamente correlatos, mas não perfeitamente idênticos. Significa, em primeiro lugar, que tudo o que vem a público pode

ser visto e ouvido por todos e tem divulgação possível, o que pode ser aplicado às angústias individuais em Arendt (2007, p. 59-60):

Para nós, a aparência - aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos - constitui a realidade. Em comparação com a realidade que decorre do fato de que algo é visto e escutado, até mesmo as maiores forças da vida íntima - as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos - vivem uma espécie de experiência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo a se tornarem adequadas à aparição pública.

Partindo das apresentações da filósofa, se pensarmos nos sujeitos sérios como sendo movidos por desejos, paixões e possuindo interesses individuais e coletivos, como membros de uma comunidade que os acolhe, espera-se que seus interesses venham à público eventualmente pois, por mais que alguns desses “aconteçam” na esfera privada, outros acabam sendo trazidos a público, transformando ou reforçando as nossas noções e as noções alheias sobre a nossa realidade, a nossa percepção sobre o outro e a percepção do outro sobre nós.

[...] Toda vez que falamos de coisas que só podem ser experimentadas na privacidade ou na intimidade, trazemo-las para uma esfera na qual assumirão uma espécie de realidade que, a despeito de sua intensidade, elas jamais poderiam ter tido antes. A presença de outros que veem o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos; e, embora a intimidade de uma vida privada plenamente desenvolvida, tal como jamais se conheceu antes do surgimento da era moderna e do concomitante declínio da esfera pública, sempre intensifica e enriquece grandemente toda a escala de emoções subjetivas e sentimentos privados, esta intensificação sempre ocorre às custas da garantia da realidade do mundo e dos homens (ARENDR, 2007, p. 60).

Ao fazer este movimento, interesses individuais, antes privados, tornam-se públicos. Ao trazer estes interesses individuais a público, é possível que coincidam com os de outros indivíduos que partilham ou não das mesmas identidades culturais que tais sujeitos, dando início ao que Arendt (2007) se refere como interesse comum. Sendo assim, a proposta qual se apresenta a seguir visa, sobre os preceitos da Comunicação Intercultural pensada por Alsina (2008), a apresentação e reunião de interesses de ambas as partes em evento em espaço físico, considerado uma esfera pública, espaço de deliberações, como é, neste caso, a universidade.

O movimento que cada sujeito sírio possa vir a fazer ao trazer seus interesses individuais do âmbito privado ao público, ao coincidirem com os interesses de outros sírios em situação semelhante, resulta em um interesse comum desse grupo enquanto esfera pública – assim podendo ocorrer o inverso para os indivíduos que já compunham a comunidade que os acolhe – criam-se, assim, dois grupos, cada um com seus interesses em um único espaço geográfico, território ocupado por pessoas de diferentes identidades culturais diante da necessidade de coexistirem e, possivelmente, pelo viés da comunicação intercultural, conviverem, interagirem entre si, por isso, pensa-se na interação das partes como sendo, também, de interesse público.

Entendendo-se que essa pesquisa direciona à presença e à expressão cultural de sírios pela região do ABC Paulista, pode-se pensar, no entendimento e modelo de Comunicação Intercultural de Alsina (2008), na gestão de uma ação de apresentação dessa presença e expressão cultural síria no próprio ABC Paulista.

Tem-se, por exemplo, no quadro-modelo apresentado por Miguel Rodrigo Alsina (2008, p. 142):

**Quadro 1** - Comparações entre os entendimentos da mono, multi e interculturalidade:

<b>Monocultural</b>	<b>Multicultural</b>	<b>Intercultural</b>
Desinformação	Informação	Comunicação/Diálogo
Expulsão/Extermínio	Coexistência	Convivência
Desconhecimento	Conhecimento	Reconhecimento
Desigualdade	Diferença	Diversidade
Conquista	Território	Desterritorialização
Intolerância	Tolerância	Respeito
Conversão Cultural	Culturalismo	Olhar Multifatorial
Identidade Unívoca	Reforço Identitário	Identificação e Mestiçagem
Estigmatização	Construção de Alteridades	Descoberta de Adscrições Identitárias
Monolinguismo	Multilinguismo	Multilinguismo e Língua Comum

Fonte: ALSINA, Miguel Rodrigo. *(In)comunicación Intercultural*. Múrcia: Universidad de Murcia, 2008, p. 142.

A proposta desse estudo, portanto, aponta para a idealização de um evento de ação cultural e acadêmica-científica que vise, segundo os princípios da interculturalidade e do interesse público, a apresentação seguida do reconhecimento dessa presença cultural na região do ABC Paulista, tendo tais sujeitos sírios como protagonistas para interagir com a outra parte em questão, presente nesse processo.

Intitulado como *InterculturUSCS*, a primeira ação proposta é a realização de um evento de extensão científico-acadêmica na Universidade Municipal de São Caetano do

Sul, visando promover uma feira cultural com *stands* de e para apresentação da cultura síria presente na região do ABC Paulista, contando com o apoio dos restaurantes sírios das cidades. Nesse sentido, buscava-se desenvolver atividades de gastronomia, oficinas de língua árabe, relatos de memória e palestras sobre a formação étnico-cultural e religiosa da Síria, o antecedente histórico do país e o atual problema da guerra civil.

**Quadro 2** - Plano de ação e apresentação de conceito

	Evento	<i>InterculturUSCS</i>
<b>O que fazer?</b>	Caráter cultural	Expor e apresentar elementos culturais sírios (língua, culinária, música e dança) ao ABC Paulista
	Caráter acadêmico	Apontar e fomentar discussões sobre as questões em torno da Síria e seu povo
<b>Porque fazer?</b>	Interação, Comunicação e Diálogo (Comunicação Intercultural)	Convivência, Reconhecimento e Diversidade
<b>Quem fará?</b>	USCS	PPGCOM/MPCOM
<b>Como e onde fará?</b>	1 dia	Campus Conceição
	Auditórios 1 e 2 (2º piso); quadra poliesportiva p/ instalação e funcionamento de <i>stands</i> de comida e pátio de tablados p/ circulação durante intervalo	Palestras pela manhã seguidas de <i>coffee break</i> ; Amostras culturais pela tarde
	10-16:00 horas	Comunidades síria, de docentes, discentes e demais do ABC Paulista

Fonte: DA SILVA, Juarez A (autor do trabalho). 2019.

Em região estratégica, entende-se o campus Conceição como sendo o melhor entre os *campi* da instituição para realização do evento pelo menor fluxo de alunos até dado momento e por estar, sobretudo, localizado em ponto de encontro e fácil acesso entre as cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.

A participação e a gestão conjunta com os grupos de *imigrantes* sírios, empreendedores em São Caetano do Sul ou outras cidades do ABC, são condição primordial para realização do **InterculturUSCS**.

Pensa-se nos *stands* como sendo alocados nas áreas de menor concentração discente e, sobretudo, fazendo uso do espaço da quadra poliesportiva do piso térreo do campus.

Visando não perder o caráter também de evento de extensão acadêmico-científico, convidar-se-iam estudiosos da cultura Síria, bem como do conflito que no país acontece desde meados de 2011 e os deslocamentos provocados por ele, buscando fomentar discussões produtivas a partir do mesmo evento, dispondo, nesse caso, dos auditórios I e II do 2º pavimento do campus.

Segunda ação da gestão da comunicação intercultural entre Sírios e ABC Paulista está na proposição de uma exposição audiovisual sobre as histórias contadas por esses entrevistados, somando-se outras se vierem a ocorrer, de modo que a memória, as histórias de vida e narrativas orais constituam-se em possibilidades modos da comunicação intercultural.

A proposição de uma gestão da comunicação intercultural em caráter de interesse público é própria à linha de pesquisa de Gestão da Comunicação de Interesse Público do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da USCS, na modalidade de Mestrado Profissional. Chanlat (1999, p. 31) entende a gestão como sendo "um conjunto de práticas e de atividades fundamentadas sobre certo número de princípios que visam uma finalidade", sendo assim, visar-se-ia, então, como proposto por Rodrigo Miguel Alsina (2008), a comunicação por meio do diálogo, a convivência entre a comunidade acadêmica e esses sujeitos sírios, buscando reconhecimento de suas presenças culturais no ABC Paulista, tendo como objetivo o perceber da diversidade na região, focando no respeito a partir da desterritorialização em um evento de olhar multifatorial para identificação e descoberta de adscrições identitárias à comunidade do ABC Paulista, superando o silêncio em que vive esse grupo cultural na região e fazendo seu reconhecimento por meio das próprias identidades por eles construídas.

Para além do mais, considerando-se tal apresentação, entende-se esse produto como sendo aderente ao conceito de gestão, pois abrangente, o termo abraça o que registra-se aqui: a idealização de um projeto, o breve demonstrar do seu planejamento.

## REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **La comunicación intercultural**. 2. ed. Barcelona: Anthropos, 2012.
- \_\_\_\_\_. **(In)comunicación intercultural**. In: CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE EL DIÁLOGO INTERCULTURAL, 1º, Universidad de Murcia, Espanha, 22-24 out. 2008. Anais... Universidad de Murcia, 2008.
- BRASIL. ACNUR. **Dados sobre refúgio no Brasil**. 2016. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 7 maio 2017.
- \_\_\_\_\_. **Encontro aborda a importância da cultura para a integração de refugiados e imigrantes no Brasil**. 2009. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/encontro-aborda-a-importancia-da-cultura-para-a-integracao-de-refugiados-e-imigrantes-no-brasil/>> Acesso em: 12 jul. 2017.
- BRASIL. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS Assembleia Geral (Org.). **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>>. Acesso em: 17 maio 2017.
- \_\_\_\_\_. **Mais de 2 milhões de pessoas já fugiram da Síria por causa do conflito, alerta ONU**. 2013. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/mais-de-2-milhoes-de-pessoas-ja-fugiram-da-siria-por-causa-do-conflito-alerta-onu/>>. Acesso em: 18 maio 2017.
- ALTHUSSER, L. **Freud e Lacan. Marx e Freud: introdução crítica-histórica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ANÇA, M. H. **Didática do Português Língua Segunda: dos contextos emergentes às condições de existência**. In: I ENCONTRO NACIONAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE DIDÁTICA DA LÍNGUA E DA LITERATURA, Actas... Coimbra: Pé de Página Editores, fev. 2002, p. 61-69.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2002, 2007.
- \_\_\_\_\_. **As Origens do Totalitarismo**. Rio de Janeiro: Documentário, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- ASUNCIÓN-LANDE, Nobleza. **Comunicación intercultural**. México, DF: McGraw-Hill, 1993. p. 177-198. Disponível em: <<http://www.lie.upn.mx/docs/Diplomados/LineaInter/Bloque3/Políticas/Lec3.pdf>>. Acesso em 28 jan. 2018.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Júnior, Helena Sprydis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8 ed. São Paulo : Hucitec, 1997.
- BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Editor Cultrix, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, 2008.

- \_\_\_\_\_. **Comunidade**. Tradução por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRAGA, J. L. R.; KAROL, E. **A temática dos refugiados na geografia da população**. In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia (ENPEG). Anais. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <[http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20\(30\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT5/tc5%20(30).pdf)>. Acesso em: 09 jan. 2019.
- CABECINHAS, R; MARTINS, M.; SOUSA, H. Identidade e Memória Social: Estudos comparativos em Portugal e em Timor-Leste. **Revista de Comunicação e Lusofonia: Para uma abordagem crítica da cultura e dos media**. Universidade do Minho, Portugal, pp. 183- 214, 2006. Disponível em: <[www.cecs.uminho.pt](http://www.cecs.uminho.pt)>. Acesso em: 07 abr. 2018.
- CAMARGO, A. **Quinze anos de história oral: documentação e metodologia** (Apresentação). In: ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.15.
- CANDAU, Joel. **Antropologia de La Memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHANLAT, Jean-François. **Ciências sociais e management: reconciliando o econômico e o social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- COGO, Denise Maria. SILVA, Terezinha. Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. **Famecos (Online)**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p.802-815, jan., fev., mar. e abril de 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/21885/13676>>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- COVARRUBIAS, Y. Karla (et al). **Metodología de investigación en ciencias sociales: Aplicaciones prácticas**. Dirección General de Publicaciones. Colima, Colima, MX: Universidad de Colima, 2013. (978-607-9136-78-9)
- DA MATTA, Roberto. **Sobre o simbolismo da comida no Brasil**. O Correio da Unesco. Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, p. 22-23, 1987.
- DA SILVA, César Augusto S. (Org.). **Direitos Humanos e Refugiados**. Dourados: Eudfgd, 2012. 144 p. (978-85-8147-001-6).
- DA SILVA, Daniela F. O fenômeno dos refugiados no mundo e o atual cenário complexo das migrações forçadas. **Ponto de Vista**. Belo Horizonte. Jan./Abr. 2017. v. 34, n.1, p. 163-170. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v34n1/0102-3098-rbepop-3098a0001.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2018.
- DE ANDRADE, George Bronzeado (2011). A guerra civil síria e a condição dos refugiados: Um antigo problema, “reinventado” pela crueldade de um conflito marcado pela inação da comunidade internacional. **Revista de Estudos Internacionais (REI)**, 2 (2):121-138.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. En Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação.** (2ª ed.) (pp. 62- 83). São Paulo: Atlas, 2008.

FERNÁNDEZ, Iñigo. **Los mexicanos somos... El chiste como autorepresentación y estereotipo del mexicano.** Diacronie: Studi di Storia Contemporanea, Bologna, v. 1, n. 8. 2012. Disponível em: <<https://diacronie.revues.org/2700?lang=es>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

FERRARI, Maria Aparecida. MOURA, P. Claudia. **Comunicação, interculturalidade e organizações: faces e dimensões da contemporaneidade.** Ed. 1. Cap. Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios. RS: Editora Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015 pp. 43-64

FREITAS, S. M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos.** São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GODOY, Gabriel Gualano (Org.). **Relação entre o direito internacional dos refugiados e o direito internacional dos direitos humanos.** Curitiba: Kairós Edições, 2004. Disponível em: <[https://clnicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/2-agni\\_pita.pdf](https://clnicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/2-agni_pita.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Refúgio e Hospitalidade.** Curitiba: Kariós, 2016. Disponível em: <[http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/livro\\_refugio\\_e\\_hospitalidade\\_distribuicao\\_eb.pdf](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2016/livro_refugio_e_hospitalidade_distribuicao_eb.pdf)>. Acesso em: 01 maio 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

\_\_\_\_\_. **Quem precisa de identidade?** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 103-133, [1996] 2000. Disponível em: <<http://www.culturaegenero.com.br/download/hall.pdf>> Acesso em: 12 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo.** Educação & Realidade, Porto Alegre, v.22, n.2, p.15-46, jul./dez. 1997.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

JABER, Hala. **Hezbollah – Born with a vengeance.** New York: Columbia University Press, 1997.

KEVORKIAN, Nadira Shalhoub. **Fear of Sexual Harassment: Palestinian Adolescent Girls in the Intifada.** In: Ebba Augustin, ed., Palestinian Women: Identity and Experience. London: Zed Books, 1993.

LUQUINI, R. A. A aplicação do Direito Internacional Humanitário nos conflitos novos: conflitos desestruturados e conflitos de identidade ou étnicos. Revista de Informação Legislativa. Brasília, v. 158, p. 127-142, 2003.

\_\_\_\_\_. Os refugiados da guerra civil da Síria. In: WOISCHNIK, Jan ; THEMOTEO, Reinaldo J. (Org.). Fluxos migratórios e refugiados na atualidade - Série relações Brasil-Europa. Ied.Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2017, v. 7, p. 113-134.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e**

**hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997. Disponível em: <<https://notamanuscrita.files.wordpress.com/2014/08/jesus-martin-barbero-dos-meios-as-mediacao3a7c3b5es.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Globalização Comunicacional e Transformação Cultural. In: MORAES, Dênis de. **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 57-86.

\_\_\_\_\_; BARCELOS, Cláudia. Comunicação e mediações culturais. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação: Diálogos Midiológicos**, São Paulo, v. 23, n. 6, p. 154, jun. 2000.

MARCHIORI, Marlene et al (Org.). **Faces da cultura e da comunicação organizacional.** 2. ed. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2006. (Comunicação Organizacional).

MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral.** 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MOREIRA, Julia Bertino. A problemática dos refugiados na América Latina e no Brasil. **Cadernos PROLAM/USP**, São Paulo: 2 (7): 57-76, 2005.

PECHÊUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 4. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PERAZZO, Priscila Ferreira. CAPRINO, Mônica Pegurer. História oral e estudos de comunicação e cultura. **Famecos: Mídia, cultura e tecnologia**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p.802-815, out. 2011. Quadrimestral. Disponível em: <<http://repositorio.uscs.edu.br/bitstream/123456789/247/2/10385-37636-1-PB.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. **Comunicação & Inovação**, [s.l.], v. 16, n. 30, p.121-131, 25 fev. 2015. Quadrimestral. USCS Universidade Municipal de Sao Caetano do Sul. <http://dx.doi.org/10.13037/ci.vol16n30.2754>. Disponível em: <[http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/2754/1672](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754/1672)>. Acesso em: 21 out. 2017.

PIEROBON, Juliane Estela. **A comunicação em contextos interculturais: a excelências das relações públicas em organizações multinacionais.** 2006. 105 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação Social, Faac, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pierobon-juliane-comunicacao-em-contextos-interculturais.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <<http://www.pgdef.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%20.pdf>> Acesso em: 5 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <[http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria\\_esquecimento\\_silencio.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf)> Acesso em: 5 jan. 2018.

PRADO, Mariana Lins. **Comunicação, identidade e memória na comunidade germânica no ABC Paulista.** 2015. 135f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação (USCS), São Caetano do Sul, 2015. Disponível em: <[http://www.uscs.edu.br/posstricto/comunicacao/dissertacoes/2015/pdf/DISSERTACAO\\_MARIANA\\_LINS\\_PRADO.pdf](http://www.uscs.edu.br/posstricto/comunicacao/dissertacoes/2015/pdf/DISSERTACAO_MARIANA_LINS_PRADO.pdf)>. Acesso em: 29 maio 2018.

- ROSSETTI, Regina. Categorias de inovação para os estudos em Comunicação. **Comunicação & Inovação**, v. 14, n. 27, p.63-72, jul-dez 2013. Quadrimestral. USCS Universidade Municipal de Sao Caetano do Sul. <http://dx.doi.org/10.13037/ci.vol16n30.2754>. Disponível em: <[http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/viewFile/2262/1430](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/viewFile/2262/1430)>. Acesso em: 19 ago. 2017.
- SANTOS, Sofia José. **À lupa: a guerra na Síria**. Internet. Disponível em: <[https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097\\_%c0%20lupa-Guerra%20na%20S%edria.SofiaJoseSantos.RedeAngola.Fevereiro2014.pdf](https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_%c0%20lupa-Guerra%20na%20S%edria.SofiaJoseSantos.RedeAngola.Fevereiro2014.pdf)> Acesso em: 18 ago. 2018. ISSN: 2359-5809
- SARLO, Beatriz. Tiempo Pasado. **Cultura de la memoria y giro subjetivo**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentinos, 2003.
- SOARES, João Victor Scomparim. A guerra civil na Síria: atores, interesses e desdobramentos. **Observatório de Conflitos Internacionais**, Marília, v. 5, n. 1, p.1-8, fev. 2018. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/Extensao/observatoriodeconflitosinternacionais/serie---a-guerra-civil-na-siria---atores-interesses-e-desdobramentos.pdf>> Acesso em: 12 ago. 2017. ISSN: 2359-5809
- STEARNS, Peter N. **História das Relações de Gênero**. Rio de Janeiro: Contexto, 2007.
- TODOROV, T. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução Beatriz Perrone- -Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- YUS, Francisco Ramos. **Relevance, humour and translation**. In: CONFERENCE INTERPRETING FOR RELEVANCE: DISCOURSE AND TRANSLATION, 2010, Poland, Anais. Conference Interpreting for Relevance: Discourse and Translation. Kazimierz Dolny (Poland). 2010. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/240614420\\_Relevance\\_humor\\_and\\_translatio\\_n](https://www.researchgate.net/publication/240614420_Relevance_humor_and_translatio_n)>. Acesso em: 22 dez. 2018.

**FONTES ORAIS**

Nome, Idade	Local de Gravação	Data de Gravação	Acervo
Badri Lutfi, 44	Cantinho da Síria	30 out. 2018	Juarez
Moussa Bittar, 17	Cantinho da Síria	14 nov. 2018	Juarez
Olga Lutfi, 47	Cantinho da Síria	14 nov. 2018	Juarez

## APÊNDICES

**APÊNDICE A** Exemplo de Ficha de Registro de visitas, encontros e observação etnográfica

### FICHA DE REGISTRO DE VISITAÇÃO

#### COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL, MEMÓRIA E IDENTIDADE: A GESTÃO DA PRESENÇA CULTURAL DE SÍRIOS REFUGIADOS NO ABC PAULISTA

**Data de levantamento de dados:** 11/09/2018

**Nome do local:** Cantinho da Síria – Culinária típica Árabe

**Endereço completo:** R. Oriente, 701. Barcelona, São Caetano do Sul, SP

**Data de fundação:** 2 anos e meio em serviço (*segundo Elaine*)

**Principais serviços à disposição:** Serviços gerais de alimentação com base na culinária Árabe-Síria, do almoço ao jantar, funcionando do meio-dia às 22 todos os dias, com exceção de domingos.

**Horário de início e término de visita/encontro e observação:** 12:34 – 14:34

**Descrição do lugar:** O restaurante é pequeno, mas muito bem organizado, aproveitando o espaço à disposição. A experiência começa desde o atendimento, muito antes de ser servido o pedido. A principal atendente é brasileira, Elaine, que recebe os pedidos em português, fala e passa as ordens para os funcionários em inglês, enquanto eles comunicam-se em árabe entre si na cozinha aberta e no balcão do caixa. O restaurante é bem frequentado e sua clientela parece ser um misto de árabes e descendentes habitantes da região (ABC) e outros, como eu, fãs da culinária árabe.

**Sujeitos presentes:** Elaine Vidal de Rossi (*brasileira, dona e principal atendente*), Badri Lutfi (*sírio, esposo de Elaine, dono e gerente*), Moisés Bitar, Mahmoud Almaradni (*sírios, cozinheiros e garçons*) e clientes.

**Análise pessoal:** Minha experiência no restaurante árabe *Cantinho da Síria* se iniciou logo com meu pedido. Para almoçar, pedi dois pratos diferentes quais nunca havia experimentado e, junto deles, um suco de maracujá, mas quem diria que um suco de maracujá iniciaria uma conversa que durou duas prazerosas horas! Logo de início, a atendente principal (Elaine) me atendeu e recebeu meu pedido em português, passando-o para os funcionários em inglês que comentavam entre si sobre sabe lá Deus o que em árabe. O restaurante é muito pequenino, mas bem localizado e, durante todo o tempo em que estive lá, não parou de receber clientes um minuto sequer – fora as entregas que fazem por serviço de delivery.

Por curiosidade, Elaine me perguntou logo de início porque um jovem como eu estava a pedir um suco ao invés de um refrigerante. Explicando a ela sobre uma

reeducação alimentar que optei por fazer pessoalmente, ela puxou o marido (Badri) pela manga de sua camiseta e disse a ele para que ouvisse o que eu tinha a dizer. Quando comecei a explicar sobre minha dieta em inglês, Elaine me interrompeu e disse “*Fala com ele em Português mesmo. É bom para ele praticar!*” e, então, como pedido, fiz. Seguido esse ocorrido, ela continuou a conversar comigo, que estava sentado muito próximo do balcão onde ela recebe os pedidos por parte dos clientes, e passou a me perguntar sobre minha experiência até o momento, muito simpaticamente, e sobre meu gosto pela culinária árabe. Ciente de que isso poderia vir a servir de ponte para o estender da conversa e para que conhecessem meu propósito, mencionei experiências que tive junto da comunidade armênia que me levaram até a síria em estudos e, interessada, ela já logo passou a falar sobre todos que ali estavam. Badri interferiu confirmando o que eu já sabia por ter pesquisado no período de graduação, que “[...] *os sírios ajudaram os armênios muito! Os armênios fugiram para à Síria.*”. Por ser brasileira, claro, Elaine se sentiu confortável em compartilhar comigo muito mais do que, talvez, os funcionários sírios estivessem por sequer me conhecerem, mas nossa conversa foi essencial para que eles se sentissem confortáveis a virem até o balcão e, em seguida, até minha mesa para participarem da conversa.

Elaine e eu conversamos sobre inúmeros assuntos. Iniciando sobre o uso das diferentes línguas ali, no ambiente de trabalho, e no âmbito familiar de todos eles, ela me disse que todos se esforçam para aprender o português e que, apesar das dificuldades, encontram coincidentemente muitas palavras na língua que foram adotadas do Árabe (açúcar-**as-sukkar**, alfaiate-**al-khayyât**, alface-**al-khaç**, arroz-**ar-ruz**, etc). Em seguida, comentou sobre um episódio engraçado do marido que, pouco depois de chegar ao Brasil, perguntou a um taxista durante uma corrida o que eram edifícios enquanto apontava para eles. Ao chegar em casa, o marido resmungou dizendo a ela que o taxista havia resistido a responder, dizendo “*é difícil, é difícil*” a ele que, confuso, voltou a perguntar a esposa. Ela, então, associou através da pronúncia de *edifício* e *é difícil* a confusão feita pelo marido e juntos rimos do acontecido.

Enquanto conversávamos, dois dos funcionários, Moisés e Mahmoud se aproximavam constantemente do balcão, próximo de onde eu estava e ficavam me olhando, curiosos pelo tanto que conversava com Elaine. Moisés, então, decidiu fazer um sinal de *hang loose*, sorrindo para mim da passagem da cozinha para o salão do restaurante e se aproximou, perguntando se eu era *youtuber*, pois, segundo ele, ele havia me visto no **YouTube** em vídeo-aulas, ensinando sobre o **ENEM**. Confuso com a associação, disse a ele não ser eu, o que não o afugentou de conversar comigo. Enquanto Elaine continuava a me dizer sobre a experiência de todos eles no Brasil, complementando que todos gostam muito dos brasileiros, até mais que dos próprios árabes, Moisés complementou dizendo rápido e passando por mim que “[...] *árabes no Brasil roubam árabes. Brasileiros, não. Brasileiros gostam da gente.*” e, com essa afirmação, logo passamos a discutir sobre questões culturais.

Elaine me disse que as surpresas para todos eles foram muitas com relação a cultura brasileira ao chegarem ao Brasil; desde as roupas curtas vestidas por algumas mulheres até mesmo com a distância entre os lugares. Moisés disse que na Síria tudo é muito próximo, afinal de contas, estávamos falando sobre um país de extensão territorial

minúscula se comparado ao Brasil e seguiu afirmando que *“A Síria é do tamanho só de São Paulo [...] na Síria não temos mercados como Coop, Dia%... tudo lá é pequeno e do lado de casa”*.

Elaine apontou para a cunhada que pouco fala português e disse *“essa é minha cunhada, síria e professora de francês aqui no Brasil”*. Rimos da mistura da qual estávamos falando, sobre sermos de um lugar, estarmos em outro e falarmos em uma língua que, como disse Elaine, *“não é nossa”*.

Mahmoud o tempo todo fazia comentários e tentava, de certa forma, participar da conversa, mas ficou distante de mim enquanto eu almoçava e não me olhava nos olhos. Ele me pareceu receoso, desconfiado até, mas é um jovem muito bem aparentado e Elaine confirmou que ele é muçulmano, enquanto os outros são todos cristãos, dizendo que todos ali trabalham juntos, se respeitam independentemente das diferenças e que se gostam também.

Continuando, ela e o marido falaram sobre o quão multicultural é a Síria e que o conflito lá acontecendo não é religioso, mas geopolítico, causado por potências como os Estados Unidos na intenção de dominar a Síria de Bashar Al’Assad por sua posição estratégica e riquezas naturais (gás). Em voz mais baixa, continuou *“[...] meu marido, por exemplo, confirma que Bashar Al’Assad é um ditador, sim, mas diz que em um país como à Síria é preciso ter pulso firme para governar e se opor as influências políticas externas”*. Sobre os terrores vivenciados no país, ela disse que se angustia ao ver as fotos mostradas pelo marido do que se passa em sua cidade natal, Damasco.

Ainda sobre o conflito e os traumas causados por ele, Elaine disse que logo ao chegar no Brasil, seu esposo Badri tremia todo o corpo enquanto dormia, quase que como se não estivesse dormindo por inteiro e como se tivesse trazido consigo sequelas por tudo que havia vivido em seu país de origem. Segundo ela, *“uma realidade tão distante a nossa no Brasil que parece se tratar até de um filme”*.

Depois de toda essa nossa conversa, disse a ela que sou mestrando, pesquisador da cultura síria e que estava a visitar o restaurante por elogios que havia ouvido sobre a comida e, contente, ela se colocou à disposição para continuar a colaborar com a pesquisa. Badri disse querer ajudar também, apesar da dificuldade com a língua. Em seguida, enquanto pedia a conta, Badri se ofereceu para escrever meu nome em Árabe na nota em que emitii de minha refeição para pagamento e disse para eu voltar outras vezes. Moisés insistia em participar da conversa, mas tinha de se dividir entre o salão e a cozinha, onde passa a maior parte do tempo. Mahmoud passou o resto do almoço no celular, em intervalo, e eu fui logo me despedindo, brincando que se continuássemos ali conversando, eu ficaria para o jantar também. Como faço sempre, me levantei com as louças sujas na mão e levei até o balcão. Em voz alta, todos me disseram *“Não! Clientes não precisam retirar a sujeira da mesa”* e eu justifiquei meu feito como gratidão por ter sido tão bem tratado por todos eles.

Me pediram para voltar logo, outras vezes e eu disse que voltaria, sim, pois a comida estava deliciosa e a receptividade deles mais ainda!

Assim se encerrou minha visita ao Cantinho da Síria que, sem sombra de dúvidas, passa a ser um de meus restaurantes favoritos na região por toda a experiência que me proporcionou.

**APÊNDICE B**      Termos de Consentimento e Participação em Pesquisa

## TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL, MEMÓRIA E IDENTIDADE:  
A Comunicação Intercultural para o processo de inserção de comunidades  
culturais de sírios refugiados na região metropolitana de São Paulo.

Eu, BADRI LUTFI, Tipo de e nº de  
Documento de Identidade RNE 4989589-F,  
residente em Rua/Av. ORIENTE 707, Bairro  
BARCELONA, Cidade/Estado  
\_\_\_\_\_, C.E.P. \_\_\_\_\_, País

\_\_\_\_\_, declaro por meio deste termo que concordei em ser entrevistado(a)  
e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada *Comunicação  
Intercultural, Memória e Identidade: A Comunicação Intercultural para o processo de  
inserção de comunidades culturais de sírios refugiados na região metropolitana de São  
Paulo*, desenvolvida por **Juarez Alexandre da Silva**, mestrando do PPGCOM em  
Inovação na Comunicação de Interesse Público pela Universidade Municipal de São  
Caetano do Sul (USCS), orientado pelas professoras doutoras Priscila Ferreira Perazzo e  
Karla Y. Covarrubias.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer  
incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para  
o desenvolvimento e conclusão da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos  
estritamente acadêmicos do estudo que, em linhas gerais, é compreender como se dá a  
comunicação intercultural de sírios refugiados na região metropolitana de São Paulo a  
partir das suas próprias narrativas de histórias de vida.

Diante de tais condições, autorizo o uso das informações contadas nesse depoimento,  
ciente de que este será fonte de dados para pesquisa científica. Autorizo ainda,  
publicação das informações, som da minha voz e imagens gravadas, desde que  
utilizadas em trabalhos científicos, acadêmicos, educacionais, sem fins lucrativos ou  
comerciais, de autoria de Juarez Alexandre da Silva, Priscila Ferreira Perazzo e Karla Y.  
Covarrubias ou da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

São Caetano do Sul, 30 de OUTUBRO de 2018.

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

  


# TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL. MEMÓRIA E IDENTIDADE:  
A Comunicação Intercultural para o processo de inserção de comunidades culturais de sírios refugiados na região metropolitana de São Paulo.

Eu, Moussa Bitar, Tipo de e nº de Documento de Identidade \_\_\_\_\_, residente em Rua/Av. Oriente, Bairro Barcelona, Cidade/Estado São Caetano do Sul, C.E.P. 03551010, País Brasil, declaro por meio deste termo que concordei em ser entrevistado(a) e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada *Comunicação Intercultural, Memória e Identidade: A Comunicação Intercultural para o processo de inserção de comunidades culturais de sírios refugiados na região metropolitana de São Paulo*, desenvolvida por **Juarez Alexandre da Silva**, mestrando do PPGCOM em Inovação na Comunicação de Interesse Público pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), orientado pelas professoras doutoras Priscila Ferreira Perazzo e Karla Y. Covarrubias.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o desenvolvimento e conclusão da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo que, em linhas gerais, é compreender como se dá a comunicação intercultural de sírios refugiados na região metropolitana de São Paulo a partir das suas próprias narrativas de histórias de vida.

Diante de tais condições, autorizo o uso das informações contadas nesse depoimento, ciente de que este será fonte de dados para pesquisa científica. Autorizo ainda, publicação das informações, som da minha voz e imagens gravadas, desde que utilizadas em trabalhos científicos, acadêmicos, educacionais, sem fins lucrativos ou comerciais, de autoria de Juarez Alexandre da Silva, Priscila Ferreira Perazzo e Karla Y. Covarrubias ou da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

São Caetano do Sul, 14 de Novembro de 2018.

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

# TERMO DE CONSENTIMENTO E PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL, MEMÓRIA E IDENTIDADE:  
A Comunicação Intercultural para o processo de inserção de comunidades culturais de sírios refugiados na região metropolitana de São Paulo.

Eu, Olga Loufi, Tipo de e nº de Documento de Identidade \_\_\_\_\_, residente em Rua/Av. Oriente, Bairro Barcelona, Cidade/Estado São Caetano do Sul, C.E.P. 09551010, País \_\_\_\_\_, declaro por meio deste termo que concordei em ser entrevistado(a)

e/ou participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada *Comunicação Intercultural, Memória e Identidade: A Comunicação Intercultural para o processo de inserção de comunidades culturais de sírios refugiados na região metropolitana de São Paulo*, desenvolvida por **Juarez Alexandre da Silva**, mestrando do PPGCOM em Inovação na Comunicação de Interesse Público pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), orientado pelas professoras doutoras Priscila Ferreira Perazzo e Karla Y. Covarrubias.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o desenvolvimento e conclusão da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo que, em linhas gerais, é compreender como se dá a comunicação intercultural de sírios refugiados na região metropolitana de São Paulo a partir das suas próprias narrativas de histórias de vida.

Diante de tais condições, autorizo o uso das informações contadas nesse depoimento, ciente de que este será fonte de dados para pesquisa científica. Autorizo ainda, publicação das informações, som da minha voz e imagens gravadas, desde que utilizadas em trabalhos científicos, acadêmicos, educacionais, sem fins lucrativos ou comerciais, de autoria de Juarez Alexandre da Silva, Priscila Ferreira Perazzo e Karla Y. Covarrubias ou da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS).

São Caetano do Sul, 14 de Novembro de 2018.

Assinatura do(a) participante: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: [Assinatura]

**APÊNDICE C** Exemplo de roteiro geral e específico de entrevista de história de vida em profundidade

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

**COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL, MEMÓRIA E IDENTIDADE:  
A GESTÃO DA PRESENÇA CULTURAL DE SÍRIOS REFUGIADOS NO  
ABC PAULISTA**

**Badri Lutfi**

**1. Origem e trajetória familiar:**

Família de origem (avós, pais, tios e épocas de nascimentos), nascimento na Síria, lugar social da família no país de origem (contado pelas condições de vida de avós e pais).

Família base (pais, irmãos e suas épocas de nascimento), composição familiar, características da família, suas condições de vida, profissões, estilo de vida, etc.

Buscar por elementos de identidade em: Suge hábitos culinários e religiosos da família, escolares próprios e de seus irmãos, vestimentas, grupos de amigos e seus afazeres conjuntos/coletivos e de lazer (*O que significa e representa o narguilé para os sírios? A prática de fumar com o narguilé é mesmo comum na Síria?*).

Papéis sociais de homens e mulheres na sua família e que fizeram parte de sua vida.

**2. Infância:**

Local no qual viveu sua infância, suas atividades diárias, brincadeiras, deslocamentos, sobre os estudos, culinária e memórias gastronômicas da infância, religião, amizades e relacionamentos e gostos (leitura, cinema, teatro, dança, música, televisão e/ou rádio).

Experiência de algum episódio histórico presenciado na/pela família.

**3. Juventude:**

Estudos, trabalho, deslocamentos, namoro, casamento e gostos (leitura, cinema, teatro, dança, música, televisão e/ou rádio).

Alguma experiência de vida significativa vivida na juventude.

Experiência de algum episódio histórico presenciado na/pela família.

#### 4. Fase Adulta:

Deslocamento: motivo e ano de migração, meios de transporte e trânsito até o Brasil (outros países pelos quais passou durante esse trajeto), documentação, motivo de escolha do Brasil como país de refúgio. Chegada no Brasil: locais de moradias e sentimentos, local de moradia atual (*Porque escolheu São Caetano ao invés de São Paulo?*), impactos da chegada (*Como foram os primeiros tempos? O que mais o surpreendeu sobre o Brasil?*), ideia de refúgio e sobre o termo refugiado: (*Você se considera um imigrante, refugiado ou simplesmente estrangeiro/expatriado?*).

Casamento: *Como conheceu sua esposa brasileira (Elaine)? Como é o relacionamento de vocês (com relação as diferenças culturais)? Quais hábitos da esposa o incomodam (e vice-versa)? Quais características admira sobre a esposa? Porque não uma mulher síria mas, sim, uma brasileira? Você quer ter filhos? Como você gostaria de educa-los?*

Estudos e trabalho: *Você é formado em alguma área específica (graduado)? Como surgiu a ideia de abrir o Cantinho da Síria? Como foi o processo? Quem são seus clientes (se são descendentes e imigrantes árabes da região, brasileiros, etc)? Quem trabalha no estabelecimento? Quem cozinha?*

Síria: *Em algum canal a cabo você ouve/assiste rádios e canais de televisão sírios? E no/do Brasil (entretenimento brasileiro, canais de referências, telejornalismo e notícias sobre a Síria)?*

Internet e redes sociais: (Facebook, Whatsapp ou Skype) *Servem como formas de se comunicar com a Síria e aqueles ainda em seu país de origem? São mais eficazes para informar-se em sua língua nativa? E em português?*

Política: *O que acha do governo Sírio? E do governo brasileiro e atual situação política no país?*

Experiência de algum episódio histórico já presenciado no Brasil.

#### 5. Símbolos culturais mais significativos

*Nesta trajetória de vida de sua família, quais são os símbolos culturais sírios mais importantes para você? (Festas tradicionais, alimentos, práticas religiosas, hábitos e ofícios, gostos familiares, objetos diversos, imaginários sociais, eventos históricos, eventos inesperados ou emergentes, movimentos sociais, etc).*

*Você sente vontade de retornar à Síria? Para morar de novo ou só passear agora estando no Brasil? Tem pessoas que gostaria de rever ou trazê-las para cá?*

*Quem é Badri hoje? Como você enxerga seu entorno, onde você mora?*

## 6. Encerramento

Antes de encerrar, perguntar se a pessoa quer deixar alguma mensagem para as gerações futuras, se quer fazer algum agradecimento específico ou algum balanço de sua vida até dado momento.

Tempo de entrevista: \_\_\_\_\_

São Caetano do Sul, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.